



A filha do diabo

O marquês olhou admirado para os cabelos quase brancos de Fortuna. Nunca tinha visto nada igual! Ao mesmo tempo, havia alguma coisa familiar nela. Mas... o quê? Com quem se parecia? Quando descobriu a espantosa verdade, percebeu que poderia usar a beleza jovem e adorável da moça para destruir seu maior inimigo. Só que essa vingança seria também sua própria destruição.

O aventureiro

Entre o amor e o dinheiro, Frank preferiu casar com uma rica herdeira e partir o coração de Helga, a mulher que amava. Durante sete anos, maldisse sua fraqueza e covardia. Agora, o destino trazia Helga de volta para ele. Mas uma barreira intransponível os separava dessa vez: a Europa estava em guerra, e ela era alemã. Sua inimiga, portanto. Talvez até, uma espiã!

Livros Abril

Barbara Cartland

Romances com Coração

Caixa Postal 2372 — São Paulo

A Filha do Diabo

Título original: "**A Halo for the Devil**"

Copyright © Cartland Promotions 1977

Título original: "**The Adventurer**"

Copyright: © Cartland Promotions 1972

Tradução: Luzia Roxo Pimentel

Copyright para a língua portuguesa: 1982

Abril SA. Cultural e Industrial — São Paulo.

Composto e impresso em oficinas próprias

Digitalização: Nina
Revisão: Kátia Regina
Formatação: Edna Fiquer



O AVENTUREIRO

CAPÍTULO I

1902

Na esquina o relógio tocava a música de sempre.

Era uma música que se misturava com o som do tráfego e entrava pela janela da sala onde Frank Swinton estava sentado escrevendo.

Perto da lareira apagada, enfeitada com papel de parede velho e rasgado, uma jovem tricotava.

Estava em silêncio, e só se ouviam o leve ruído das agulhas e sua respiração suave.

Lá fora, alguém chamou:

– Emily!

Ela levantou-se, colocando o tricô sobre a cadeira onde estivera sentada, e saiu da sala, fechando a porta.

Frank bocejou, espreguiçou-se e olhou pela janela.

Aos vinte e dois anos, ele continuava preso à saia da mãe, não apenas por afeição, mas principalmente por pobreza.

Com um gesto repentino de aborrecimento, empurrou a cadeira, levantou-se e olhou a sala ao redor depois, olhou-se no espelho oval de moldura de mogno, sobre a lareira.

Viu-se contra um cenário cinzento... Já estava escuro demais para olhar direito, mas sabia que tinha no rosto as marcas do cansaço enfado: os cabelos escuros e desarrumados caíam sobre a testa bonita; a boca, grande demais, mas muito atraente quando sorria mas, tinha agora os cantos caídos.

Não era um rosto bonito, mas, combinando com aquele corpo alto impertigado, daria a qualquer homem um ar de distinção.

Qualquer dia vou tomar uma atitude – Frank prometeu a si, mirando-se ao espelho.

A porta se abriu e sua mãe entrou, apressada, carregando um pão.

– Desculpe ter deixado você tanto tempo no escuro, querido – disse com um sorriso sem jeito –, mas esqueci de colocar querosene nos lampiões, esta manhã.

Colocou o lampião sobre a toalhinha de crochê da mesa. Depois foi até a janela, fechando-a e puxando as cortinas com cuidado.

– Como está indo o seu trabalho? – perguntou, vendo os livros espalhados.

– Não vou passar no exame – Frank disse, ríspido, a mãe virou-se, ansiosa, diante do tom infeliz dele.

Era baixa e magrinha, tinha as mãos grossas e maltratadas pelo trabalho caseiro e os cabelos grisalhos estavam despenteados como sempre.

– Qual o problema, querido?

– Estou aborrecido e cansado de trabalhar em algo que nunca tem nenhuma utilidade para mim. Isso é pura perda de tempo, não fui talhado para negócios; principalmente, para este tipo de negócio.

A sra. Swinton suspirou, atravessou a sala em passo arrastado e sentou-se numa cadeira.

– Mas, se você não fizer isso, Frank, o que pretende fazer? Meu querido, sei que não é o tipo

de trabalho ideal para você. Se ao menos pudesse ter ido para a Universidade, as coisas seriam muito diferentes.

Frank sorriu, com amargura. Já tinha ouvido aquele mesmo comentário muitas vezes.

— Não havia nenhuma chance, não é?

— Sabe muito bem que não. — A mãe suspirou novamente. — Se ao menos o seu pai...

— Onde está ele, por falar nisso?

— Ainda não voltou — a sra. Swinton respondeu, sem olhar para o filho.

Estava com os olhos fixos nas mãos, como se, de repente, elas tivessem se tornado muito importantes.

— Bem, isso não chega a ser nenhuma novidade — Frank disse, sombrio.

— Não vamos discutir esse assunto — a mãe falou, apressada. — Talvez, ele apareça esta noite.

Vamos falar sobre você, querido. O que gostaria de fazer? Isto é, se tivéssemos bastante dinheiro.

— De que adianta falar nisso? O fato é que não temos dinheiro. E parece que nunca teremos.

— Oh, querido! Odeio saber que essa vida miserável é a única coisa que tenho a oferecer a você.

O tom amoroso dela e seus olhos brilhando à luz do lampião fizeram com que Frank, num impulso, se levantasse e a abraçasse, afetuosamente.

— Não se preocupe, mamãe. Algum dia vai acontecer alguma coisa... e tudo vai melhorar.

A porta se abriu, fazendo com que os dois se levantassem e olhassem para Emily com ar de culpa, pois o afeto que tinham um pelo outro sempre tinha sido escondido dela.

Emily era a irmã de Frank, cinco anos mais velha do que ele. Aos vinte e sete anos, parecia resignada com a situação da família, enquanto ele se mostrava descontente. Mas a amargura dela a havia transformado numa espécie de ferida aberta, no meio daquela família.

Imediatamente, Frank tirou o braço dos ombros da mãe e começou a arrumar os livros sobre a mesa.

— Francamente, mamãe! — Emily disse. — Você devia ter esperado, que eu traria o lampião para cá. Sabe o que o médico disse sobre o seu coração, e a escada da cozinha é muito comprida para subir, carregando isso. — as palavras eram de consideração e gentileza, mas o tom de voz, agressivo, como se estivesse tentando castigar a mãe pela cena afetiva que acabava de presenciar.

— Está tudo bem, querida. Sabia que você estava ocupada e subi com cuidado, bem devagar.

— Não entendo por que chamamos o médico aqui, se você não faz que ele manda. Se quer saber, acho que estamos desperdiçando dinheiro — Emily disse, pegando o tricô, que havia largado há poucos momentos.

— Bem, ninguém está pedindo que você pague nada — Frank interrompeu, começando a se irritar.

— Engraçado você falar nisso — Emily disse, irônica. — Logo você que não trabalha e nem ajuda em nada nas despesas da casa.

— Parem, crianças, parem — a sra. Swinton pediu, com voz cansada. — Não comecem a brigar. Sabem que não gosto disso.

— O problema com Emily — disse o rapaz — é que ela quer ter própria casa, mas nenhum homem é tolo o suficiente para lhe dar

— Mamãe, não vou agüentar que ele fale assim comigo! Não admito isso!

Frank deu uma risada irônica, e a irmã virou-se e saiu correndo, batendo a porta.

Mãe e filho ficaram em silêncio alguns momentos.

A sra. Swinton sacudiu a cabeça.

— Frank, querido, deve saber que ela não gosta desse tipo de conversa. Sente que está

virando uma solteirona e acha isso muito desagradável.

— E nós é que teremos que aquecê-la. Ela está insuportável, mãe. Está, mesmo. Reclama o dia inteiro. Eu não sei como você aguenta

— Pobre Emily! Talvez eu a tenha transformado numa moça descrente, com minhas ambições.

— Bobagem. Você não tem culpa de nada. Era bem rica, quando nasceu. E bem feliz. Não foi feliz no primeiro ano de casamento?

— Sim, querido. Claro que fui feliz — a sra. Swinton concordou, depressa, mas Frank sabia que ela estava mentindo.

O relógio sobre a lareira bateu dez horas.

— Está ficando tarde — ela disse, olhando o relógio, nostálgica, como se ele lhe lembrasse a vida de uma outra época.

— Bem, acho que, mais uma vez, não adianta guardar o jantar de papai.

— É verdade — a mãe respondeu, levantando-se e caminhando para a janela.

Afastou as cortinas e observou a rua deserta.

Às dez e meia, quando o relógio tornou a bater, os dois trocaram um olhar e voltaram às suas ocupações.

Às onze horas, Emily tinha voltado para a sala. Agora, foram três a se entreolhar em silêncio, quando o carrilhão começou a bater.

Era quase meia-noite, quando o ruído de cavalos, na rua, chamou a atenção deles.

Uma carruagem de aluguel parou na porta, e a sra. Swinton deu um suspiro que mais parecia um gemido. Depois, saiu da sala e foi para o corredor, que era iluminado por um único lampião fraquinho.

Emily a seguiu e parou um pouco atrás, apreensiva, parecendo ao mesmo tempo curiosa e resignada, como se tivesse poucas dúvidas de que seus temores se confirmariam.

Só Frank continuou sentado, ouvindo tudo, mas sem mostrar nenhuma ansiedade ou aborrecimento.

Quando a sra. Swinton abriu a porta, ouviu-se uma voz ríspida e depois alguém dizendo:

— Vamos com calma, senhor. "Está tudo certo.

Seguiram-se os sons de um corpo sendo arrastado para dentro da casa.

Então, uma voz pastosa de bêbado gritou:

— Que diabos estão fazendo?

Frank levantou-se lentamente, foi até a porta da sala e disse a Emily, em voz baixa:

— Querem que eu ajude?

— Claro que não — a irmã respondeu, ríspida. Baixando a voz, acrescentou, quase num sussurro: — Você sabe que ele ficaria ainda mais irritado.

— Vamos, Edward, precisa ir para a cama — a sra. Swinton disse, a calma forçada.

Mas foi o cocheiro quem respondeu:

— Pode deixar, madame, eu o ajudo.

Obviamente, não estava conseguindo nada, pois só se ouviam gemidos e encontrões. Finalmente, um ruído mais forte, lá em cima, deixou bem claro que o homem bêbado tinha chegado ao quarto.

Momentos depois, o cocheiro desceu e esperou no hall, respirando pesadamente, enquanto a sra. Swinton pagava e lhe dava uma gorjeta.

Só depois que a porta da frente foi fechada e ouviram o ruído da carruagem se afastando, Emily suspirou, começou a chorar e, soluçando, saiu correndo para o quarto, que ficava dois andares acima.

Frank foi procurar a mãe. Ela estava de pé no hall, segurando a bolsa de couro, mas não olhava seu conteúdo e sim a apertava com as duas mãos.

— Está se sentindo bem, mamãe? — ele perguntou, ansioso.

Havia gotas de suor na testa da sra. Swinton, e ela demorou algum tempo antes de responder. Frank abraçou-a e levou-a de volta para a sala.

— Devo ir ver o seu pai — ela protestou, mas ele a forçou a sentar na cadeira

— Espere... descanse um momento. Sou um tolo. Não devia ter deixado você ajudá-lo a subir a escada. É perigoso. Sabe o que o médico falou...

— Ele ficaria aborrecido se soubesse que os filhos o viram daquele jeito. Não adiantaria nada você ajudar. Ao contrário, só ia piorar as coisas. Agora, ele vai dormir bem.

— Oh, sim! Vai dormir feito uma pedra, e todos ficaremos felizes — Frank disse, com amargura.

Sabia muito bem que a mãe ia passar a noite em claro, ao lado marido quase desmaiado.

— Quer um copo de água? — ele perguntou, momentos mais tarde, ao ver que a cor voltava ao rosto dela e sua respiração ficava mais calma.

— Estou bem, querido — respondeu, acariciando o rosto do filho. — Não se preocupe.

— Quanto custou o táxi?

A mãe segurou a bolsa que estava em seu colo.

— Cinquenta e seis xilings — ela disse, e havia um tom desesperado em sua voz.

— Isso não pode continuar!

Frank estava muito zangado, mas a sra. Swinton assumiu lentamente a imagem da resignação.

— Não podemos fazer nada, querido. A não ser, tentar chegar ao fim do mês com o pouco que sobrou.

Deitado sem dormir em seu quarto, Frank ouviu as horas passando, batidas pelo relógio lá embaixo. Não conseguia adormecer, e finalmente atirou longe as cobertas, continuando deitado, seminu, esperando que o calor passasse.

Seus pensamentos não o deixavam descansar. Não eram só os acontecimentos daquela noite que o preocupavam... afinal, aquilo já se tornara uma rotina.

Difícilmente se passava um mês sem que o pai tivesse uma crise igual, quando gastava em bebidas todo o dinheiro disponível.

Frank tinha crescido acostumado com aquele espetáculo, vendo o pai quase inconsciente de tanto beber. Estava acostumado também com o que acontecia no dia seguinte, quando Edward Swinton, invariavelmente, tentava conseguir o perdão da família.

O que preocupava Frank era sua mãe. Nos últimos três meses, ele e Emily haviam descoberto que a mãe vinha mantendo em segredo a gravidade de seu estado de saúde.

Tinha problemas de coração, que se agravaram com a má alimentação e a anemia, aliadas ao excesso de trabalho. O médico admitira, francamente, que tinha pouco tempo de vida.

Durante todos os anos de casada, a sra. Swinton havia trabalhado como uma escrava, sem pagamento e sem os privilégios dos criados.

Era órfã, criada por um tio e uma tia já falecidos há muito tempo, isso, considerou-se uma mulher de muita sorte, ao atrair as atenções do jovem oficial Edward Swinton; de um famoso regimento.

Pouco mais de um ano após o casamento, os problemas do casal começaram: ele foi dispensado por ter agredido um superior, enquanto estava bêbado.

Felizmente, tinha uma pequena renda e pôde se aposentar, mas o dinheiro começou a

desaparecer rápida e assustadoramente, porque Edward Swinton, humilhado e ressentido, passou a beber cada vez mais, procurando esquecer seu fracasso.

A cada dia, conseguia contrair mais e mais dívidas e, finalmente, não tinha mais nada, a não ser uma pensão herdada da mãe e que não podia ser retirada totalmente.

Esse dinheiro era pago mensalmente a ele e se tornou a única fonte sobrevivência da família.

Quando o primeiro filho nasceu, depois do primeiro choque de mais uma boca para alimentar, Edward resolveu assumir o papel de pai de família, e, durante algum tempo — muito pouco, na verdade —, procurou emprego.

Entretanto, logo depois caiu num estado de indiferença que se alterava com períodos em que não procurava o conforto da bebida.

As lágrimas e rezas da esposa não o comoviam.

Era verdade que, quando ficava sóbrio, lamentava tudo que havia feito, mas seu remorso invariavelmente era causado pela dor de estômago, ressaca e dor de cabeça.

O único sinal de decência em seu caráter era a vontade de que os filhos não o vissem quando estava bêbado.

Às vezes, em estado normal, ele procurava a companhia de Frank, mas isso só servia para afastá-los, pois o rapaz deixava claro que não lhe dedicava a menor afeição.

Desde o momento em que nasceu, Frank passou a significar tudo na vida da mãe.

Seu nascimento aconteceu numa época muito difícil. Ela não queria o bebê e se desesperou ao saber que estava grávida novamente.

O casal não tinha dinheiro, e Edward estava com mais problemas do que normalmente. Pouco antes de Frank nascer, ele tinha se embebedado e a bebedeira terminou em *delirium-tremens*. A esposa e o médico passaram duas noites inteiras tentando evitar que se matasse.

Então, todo aquele amor frustrado dela foi canalizado para Frank.

Era estranho, mas apesar de ter nascido naquela casa miserável ele se tornou um bebê forte, parecendo satisfeito com sua vida, sempre rindo para todos. Não era de admirar que a sra. Swinton o amasse muito.

Também não era de admirar que Emily passasse, imediatamente, a detestar aquela criança.

Ainda bebê, Frank sentiu a animosidade da irmã e não aceitou as poucas tentativas dela para ser sua amiga.

Os dois eram bem-educados, à custa de muitos sacrifícios da mãe.

Houve épocas em que foram obrigados a penhorar até os móveis enquanto esperavam o primeiro dia do mês, e o dinheiro tão esperado chegava.

A comida era sempre pouca e a carne, escassa, mas poderiam ter vivido melhor, se não fossem as constantes crises de embriaguez de Edward.

Para a sra. Swinton, elas representavam verdadeiros pesadelos, com ligeiros intervalos entre um e outro. Dias depois da bebedeira dele, começavam as cobranças dos cheques que o marido havia distribuído e as contas dos credores.

Eram contas que mais pareciam monstros devorando as economias da casa e a comida das crianças.

— O que vai ser de nós? — Frank perguntava a si mesmo, como já havia feito várias vezes antes.

Ainda garoto, ele descobrira o tipo de pai que tinha e a infelicidade que causava à sua mãe. Em sua lógica infantil, achava que não poderia existir um Deus que permitisse aquele tipo de coisa. Cresceu, tornou-se homem e continuou achando a mesma coisa.

As casas da rua de Edward, velhas e sujas, eram pelo menos sólidas. Apesar de dormir no

quarto ao lado do de seu pai, Frank geralmente não ouvia mais do que os roncos dele. A não ser, quando o pai tinha suas explosões e começava a gritar.

Naquela noite, a casa estava muito quieta. No sótão, Emily dormia, ao lado do quarto de despejo.

Frank pensava na mãe. Muitas vezes tinha se imaginado ganhando uma grande fortuna ou herdado muito dinheiro. Imaginava também como iria gastar aquilo, junto com ela.

Havia algo na sra. Swinton que convidava ao luxo. Ela era muito suave e feminina, qualidades estas que a filha não havia de modo algum herdado.

Frank gostava de sonhar com muita alegria, divertimentos e extravagância. Via-se bem-vestido, uma pessoa importante que ia a vários lugares, viajava e conhecia gente interessante. Todos o respeitavam e admiravam.

De repente, seus sonhos foram interrompidos por um ruído. Prestou atenção, mas só havia silêncio.

Parece que alguém caiu, pensou.

Será que o pai acordara agressivo? Não seria a primeira vez que isso acontecia, e sua mãe sempre ficava apavorada, nessas ocasiões.

Mas continuava a achar que o ruído era de alguém caindo no chão não, no quarto, e sim, em outra parte da casa. Talvez não fosse nada disso; apenas a porta do banheiro batendo.

Frank procurou retomar o fio de seus sonhos interrompidos, mas sentia-se nervoso, com um medo estranho. Isso o fez sair da cama e acender uma vela. A luz amarelada o ofuscou durante um momento e causou enormes sombras no quarto.

Deixando-a na mesinha-de-cabeceira, foi em silêncio até a porta e escutou.

Tudo estava quieto, e ele hesitou, antes de girar a maçaneta. Finalmente, abriu a porta com cautela. Não tinha a menor vontade de dar de encontro com o pai, saindo do quarto.

Parado na porta, olhou a escada. Tudo parecia muito calmo. Então, uma luz brilhou atrás dele, e teve a vaga impressão de que havia algo na escada.

Escancarou a porta e correu, pois lá embaixo, com o braço esticado, estava o corpo de sua mãe.

Evidentemente, ela havia caído ao sair do banheiro, e a vela, soltando-se do castiçal, estava no chão a seu lado.

Tinha desmaiado. Frank conseguiu levantá-la e carregou-a nos braços, querendo levá-la para seu próprio quarto.

Mas a cabeça dela pendeu para trás, quando a colocou em sua cama.

Foi até a pia, pegar um copo de água, mas, quando voltou, viu que estava muito pálida e um dos braços caídos ao lado da cama, com a mão tocando o chão.

Num impulso repentino, ele fechou a porta. Queria cuidar dela sozinho, sem chamar Emily.

Levantou-lhe a cabeça e tentou fazer com que bebesse alguns goles de água, mas não conseguiu. Deitou-a novamente, achando que seria melhor chamar o médico.

Procurou sentir as batidas do coração, e então teve certeza total e absoluta de que sua mãe estava morta.

Três horas depois, o sol começava a surgir, e a luz filtrada pelas cortinas tornava inúteis as velas.

Frank, que estava de joelhos, levantou-se. Não saberia dizer quanto tempo tinha ficado assim, ajoelhado, junto do corpo, com a cabeça deitada na cama.

A mão da mãe, que estivera segurando, agora estava completamente gelada, e ele teve dificuldade em cruzar as duas sobre o peito dela.

Cansado e com as pernas adormecidas, foi até a janela, abriu as cortinas e viu que a manhã era clara e bonita. Logo o sol surgiria acima dos telhados, naquele céu sem nuvens.

Voltou-se para o quarto, sem lágrimas nos olhos, mas sentindo-se completamente esgotado.

Durante um momento, ficou indeciso. Depois, vestiu-se rapidamente. Pegou a velha maleta no alto do armário, onde tinha ficado guardada por muito tempos estava cheia de poeira e com a fechadura enferrujada.

Algumas de suas roupas velhas estavam dentro dela. Atirou-as no chão, guardando as roupas que tirou da gaveta e um casaco de inverno.

Demorou menos de quinze minutos fazendo aquilo. Quando terminou, aproximou-se da cama, ajoelhou-se e beijou a testa gelada da mãe.

— Adeus, querida — disse, numa voz rouca e que lhe parecia completamente estranha.

Sem olhar para trás, pegou a maleta e desceu a escada em silêncio. Abriu a porta e saiu para a rua deserta.

CAPÍTULO II

1911

Havia grandes vasos com flores sobre os móveis pesados de mogno, mas na imensa mesa entalhada, que ocupava o centro do aposento, só um vasinho com botões de rosas.

De vez em quando, Helga levantava os olhos do trabalho e sorria para eles, depois curvava a cabeça novamente e continuava escrevendo os endereços nos envelopes.

O sol brilhava sobre seus cabelos presos; ela usava um vestido preto, com gola e punhos brancos.

As linhas de seu rosto eram firmes, assim como os traços da caligrafia.

Levantou os olhos, quando um criado entrou.

— O que foi William?

— Acaba de chegar o mensageiro de *sir*. Alfred, srta. Hildergard.

— Ele está atrasado — Helga disse, em tom severo. — Peça que se apresse, sim? *Sir* Alfred está esperando esses papéis.

Estendeu para o homem um grande envelope fechado. Quando ele saiu, olhou a gaveta de onde o havia tirado. Depois, trancou-a e colocou a chave numa corrente de ouro que usava debaixo do cinto de couro.

Logo em seguida, foi interrompida novamente. Alguém bateu na porta.

— Entre.

Era uma mulher, grande e gorda, com um vestido estampado e avental branco.

Olhou para a cozinheira que administrava os serviços da casa de *sir* Alfred com a mão de aço.

— Algo errado, sra. Dawkins?

— Sim, senhorita — a cozinheira respondeu, com uma expressão que denunciava problemas entre os criados.

— A ajudante de cozinha outra vez? — Helga perguntou, ansiosa.

— Claro que sim. Não vou mais agüentar nenhuma impertinência na minha cozinha, e muito menos de subalternos. Passava das dez e meia, quando ela chegou na noite passada. Quando lhe chamei a atenção, esta manhã, ela disse que isso não era da minha conta.

A mulher sacudiu a cabeça, impaciente, antes de continuar:

— Ela precisa ser mandada embora, senhorita. Lamento muito, depois de todos os problemas que teve em encontrá-la. É trabalhadeira, não posso negar, mas as jovens precisam se colocar em seus lugares, ou então não vão parar em emprego algum. É o que sempre digo.

— Eu não entendo, sra. Dawkins — Helga disse, calmamente. — Depois de todos os problemas que teve com ela, quando a moça já estava se transformando numa boa cozinheira. Acho que, se conversar com ela e a moça pedir desculpas. Será que não pode lhe dar uma outra chance?

— Não sei de que vai adiantar isso, senhorita. Já cansei de falar com ela.

— Bem, então, deixe-me tentar dessa vez. Só estou pedindo que tenha um pouquinho mais de paciência. Acho que resolveremos o problema. A garota veio de um lar muito infeliz, e, se a mandarmos embora, não sei o que lhe acontecerá. Vou ter uma conversa muito séria com Ellen e ela lhe pedirá desculpas por tudo. Prometo.

A sra. Dawkins fez um gesto de desânimo.

— Muito bem, senhorita. Mas quero deixar bem claro que esta é a última chance de Ellen.

— Oh, sra. Dawkins, quanta bondade a sua! Acho que, na verdade, mima as garotas; é boa demais, por isso, elas procuram tirar vantagens.

— Eu não ficaria surpresa se fosse verdade mesmo — a mulher comentou, desarmada.

— Bem, mande Ellen falar comigo esta tarde, depois que tiver terminado todo o trabalho, e eu lhe passarei um bom sermão, não se preocupe.

— Obrigada, senhorita. — E a cozinheira saiu, empertigada como sempre.

Helga suspirou. Não era fácil, aos vinte e cinco anos, administrar aquela casa com dezesseis criados. Mas estava conseguindo há quase três anos.

Sabia que *sir* Alfred Steene não apenas estava satisfeito, mas confiava nela para conseguir harmonia e bem-estar na casa. A própria Helga, a princípio, tinha achado impossível realizar tal tarefa.

Há três anos, querendo arranjar emprego, o que era muito difícil, havia chegado da Alemanha e procurado *sir* Alfred, pedindo ajuda.

Ele conhecera seu pai, através de negócios, e se tornaram amigos, nos tempos em que o barão Hildergard era um homem rico e poderoso na indústria alemã.

A falência e uma morte repentina destruíram seu bom nome e fizeram com que sua filha única se afastasse dos amigos que lhe ofereciam caridade, acompanhada de desprezo.

Felizmente, falava inglês fluente, pois tinha passado várias férias em Londres. Mas o problema de achar trabalho parecia quase insolúvel, porque ela não tinha profissão.

Tinha chegado a Park Lane numa manhã fria de janeiro, em meio a uma crise doméstica na vida de *sir* Alfred, que, como muitos outros homens de negócios, resolvia todos os problemas do escritório, mas não conseguia lidar com os próprios criados.

Ele recebeu Helga, depois de ela esperar algum tempo e, enquanto conversavam, sentiu pena do homem, pois viu que mal a ouvia, de tanta preocupação.

De repente, ele lhe disse:

— Quem cuidava da sua casa, na Alemanha? Lembro que era muito agradável e confortável, quando estive com seu pai.

— Eu a administrava desde que tinha dezoito anos — Helga respondeu, um tanto confusa com a pergunta, que parecia sem importância. — Depois que minha mãe morreu, uma tia morou conosco até que eu crescesse, mas voltou para a Baviera, pois sentia falta das montanhas e odiava a cidade.

— Você contratava os criados?

Ela sorriu.

— Claro. Tenho todas as prendas domésticas, como a maioria das mulheres do meu país. Também costumava ajudar papai no trabalho. Ele sempre disse que eu era tão eficiente como as secretárias que tinha.

— Claro. Está resolvido — *sir* Alfred interrompeu. — De hoje em diante, você será minha governanta e secretária.

— Está falando sério?

Levantou-se, entusiasmada: Parecia muito jovem e bonita com seu chapéu enfeitado com penas, e qualquer outro homem poderia ter-se sentido ansioso com aquela decisão.

Mas *sir* Alfred estava acostumado a tomar decisões repentinas e não se arrependeu.

Ele havia conseguido uma grande fortuna, agindo assim, e foi com ar de homem que se livrou de uma carga pesada que deu palmadinhas na mão de Helga.

Tinha certeza de que a moça lhe daria muitas satisfações, e subiu a escada com ela, para apresentá-la à filha.

Lady Steene tinha morrido há seis meses e não tivera sorte em escolher os professores para a filha. Entretanto, as reclamações nunca chegaram aos ouvidos do marido, naquela época, e ele imaginava que tudo estava bem. Só descobriu os problemas causados por Edith, depois da morte da esposa.

Mas, por motivos inexplicáveis, Edith gostou de Helga e, à medida que os anos passaram, aquele amor se transformou numa espécie de adoração.

Talvez a beleza de Helga tivesse ajudado. Edith era uma garota sem graça, magra demais e de aparência fraca. Durante toda a vida tinha estado sempre rodeada de velhas, que, sem dúvida, não tinham muito senso de humor.

Helga, com seus cabelos loiros, a pele rosada e olhos azuis, era a personificação das figuras de contos de fadas que Edith vivia lendo. Para ela, a jovem governanta era a primeira pessoa bonita que via naquela casa luxuosa e sufocante.

Lady Steene ficara doente alguns anos antes de morrer. A filha passou a odiar o quarto escuro onde a mãe passava os dias deitada, reclamando de tudo, principalmente do cheiro de remédios e desinfetante.

A convivência com a doença deixou Edith revoltada e amargurada. Por outro lado, Helga tinha saúde perfeita, o que a tornava tão atraente como sua aparência.

Havia tanta vitalidade e força naquela garota alemã, como ela nunca tinha visto em qualquer outra pessoa.

Até mesmo Cedric, seu irmão e a única pessoa de quem Edith gostava naquela casa, não dava a impressão de tanta saúde. Ele era bonito, mas magro demais e com a pele opaca, o que ficava ainda mais acentuado pelo penteado que usava: cabelos longos e uma franja caída na testa.

Cedric havia desapontado o pai, pois não se interessava nem um pouco por finanças e apreciava a arte, sem ter nenhum conhecimento profundo dela.

Ele estava passando pela vida sem levá-la a sério, fazendo amigos que o pai considerava errados e tendo apenas uma pessoa que o admirava: sua irmãzinha.

Assim, Helga encontrou-se instalada numa casa estranha e problemática, e praticamente sem nenhuma ajuda. *Sir* Alfred saía logo depois do café e só voltava na hora do jantar. Quando recebia amigos, eram geralmente homens solteiros, colegas de negócios da Bolsa de Valores, que iam à sua casa em New Market, a qual havia comprado recentemente, junto com alguns cavalos de corrida.

Sir Alfred estava sempre comprando coisas novas; entretanto, elas geralmente não lhe davam grande prazer. Gostava de ganhar dinheiro, as seguir desinteressava logo pelo que ele poderia lhe

proporcionar.

Tinha o espírito de um jogador e a mesma alegria dos homens que sentam às mesas de pano verde, em Monte Carlo, e ficam ansiosos, esperando a roleta marcar o número da sorte.

O jogo era tudo. O valor das fichas não significava nada. Era o desejo de ganhar que contava, a alegria de apostar.

O instinto de jogo parecia ser o motivo da grande sorte de *sir* Alfred, e na Bolsa de Valores era conhecido como Steene dedo de ouro.

Sempre se arriscava, e cada vez mais o destino o favorecia. O que parecia impossível, para outros, se transformava em fortuna em suas mãos.

Geralmente, quando voltava à tarde para Park Lane e Helga entrava na biblioteca inesperadamente, o encontrava de olhos fechados, parecendo exausto, sem ter tocado seu uísque com soda e com um charuto queimado entre os dedos.

— Desculpe — ela dizia, fazendo menção de se retirar. — Não sabia que já tinha chegado.

Invariavelmente, ele sorria e respondia, em tom cansado:

— Entre, querida, entre.

— Teve um dia difícil?

— Difícil, mas muito bom.

Então, ao lembrar dos triunfos conseguidos, o homem parecia rejuvenescer e logo o cansaço desaparecia. *Sir* Alfred se tornava muito vivo e cheio de energias e explicava a Helga como sua intuição havia ajudado.

Ela entendia pouco do que ele tentava lhe dizer. Não se sentia particularmente interessada por negócios e as ramificações do trabalho de *sir* Alfred eram complicadas demais para qualquer pessoa.

Ao mesmo tempo, sentia que, se o ouvisse, se mostrasse sua simpatia e compreensão, estaria ajudando-o e aliviando um pouco a solidão do homem.

Ele era um solitário; disso Helga não tinha a menor dúvida. Edith era jovem demais e Cedric diferente demais do pai, para ser seu companheiro.

Ela muitas vezes ficava imaginando se *lady* Steene teria sido uma companheira para o marido. Pelo que ouvira os criados comentarem, achava que não.

Uma mulher doente, que estava morrendo aos poucos e sempre sofrera de dores terríveis ao longo dos anos de casada, não podia ser uma boa companhia para *sir* Alfred.

Ele enchia a esposa de presentes. Helga viu, certa ocasião, uma pilha de caixas forradas de veludo, cheias de jóias, guardadas no cofre, para serem futuramente entregues a Edith. Mas os presentes perdem o significado, se não são acompanhados também de afeição.

Helga achava que *sir* Alfred, durante os últimos anos do casamento, não se importava mais com a esposa.

Era curioso, mas tinha essa impressão através da casa onde o casal havia vivido durante tanto tempo. Todos os aposentos estavam decorados sem o menor toque feminino.

Os aposentos de Cedric, por exemplo, tinham estampada a individualidade do rapaz, que era de um caráter depressivo e mórbido. Ele gostava de cortinas cor de malva, e seus livros eram todos encadernados em roxo e escritos em dourado. Não gostava de flores, principalmente ao seu redor.

Mas tinha uma gaiola de canários e um macaquinho de cara preta, que só se deixava tocar por seu dono.

Depois de dois anos de contato quase diário com Cedric, Helga achava que o conhecia menos do que nunca.

Quando ele morreu num acidente de automóvel, ela sentiu que estava traindo *sir* Alfred, pois não soube consolá-lo nem como amiga, nem como membro da família.

Sir Alfred recebeu a morte do filho único filosoficamente. Mas Edith ficou inconsolável, e só com grande tato Helga conseguiu convencê-la a tirar o luto pesado depois de nove meses e se preparar para seu *début* na sociedade, pois acabava de fazer dezoito anos.

Helga percebeu que, entre suas várias tarefas, deveria servir como acompanhante da garota. Não sabia se desempenharia bem aquele papel.

Sir Alfred e Edith sempre ficavam contentes com tudo que fazia, mas dessa vez a tarefa de Helga era organizar festas e entretenimentos para a garota.

É espantoso, ela pensou, que, depois de estar ali há três anos, os Steene continuassem com tão poucos amigos, apesar do dinheiro de sir Alfred.

Edith não conhecia muitas moças de sua idade, e Helga assumiu o encargo de fazer uma lista dos convidados que deveriam ir ao baile da debutante.

Sir Alfred tinha lhe dado os nomes dos amigos que tinham filhos e filhas, e ela resolvera convidar todos, sabendo que corria o risco de ver alguns convites recusados ou ignorados. Embora, no caso, achasse que isso não ia acontecer.

De uma coisa Helga tinha certeza: sir Alfred era um homem muito conhecido e riquíssimo. Edith, sua filha única e herdeira. Portanto, todos teriam consideração para com ela.

A garota, sem dúvida nenhuma, tinha melhorado bastante de aparência e não era mais aquela criança raquítica que Helga encontrou ao chegar naquela casa. Mas tinha ainda o cabelo feio, escorrido e opaco, e nem o melhor cabeleireiro de Bond Street conseguia evitar que o penteado se arruinasse logo após ter sido feito.

As roupas, apesar de caras, pareciam não ficar bem nela, pois seus ombros continuavam magros demais e ossudos.

Helga sabia que não devia se comparar com a garota, pois a outra sempre saía perdendo.

À medida que os anos passaram, ela, ao contrário de Edith, tinha se tornado mais bonita, com mais autoconfiança e uma sensação de segurança, tendo ultrapassado os problemas da falta de dinheiro que a levaram até a Inglaterra.

Era estranho, mas Edith não sentia o menor ciúme da governanta. Adorava-a e a achava maravilhosa; ficava mesmo encantada com os olhares de admiração que Helga recebia de todos os que a rodeavam.

Nada lhe dava mais prazer do que ouvir os elogios que faziam à alemã e depois ir contar a ela o que as pessoas tinham dito.

Enchia-a de presentes e teria gasto com ela toda a sua mesada, se Helga não protestasse e chegasse até a recusar os presentes, devolvendo-os às lojas.

Era patético, mas, se Helga não tivesse chegado como uma bênção àquela casa, as emoções da garota poderiam ter sido desperdiçadas com a pessoa errada, talvez uma simples aproveitadora.

Helga era suficientemente esperta para perceber que, cedo ou tarde, aquela situação traria complicações e sentia-se preocupada, à medida que escrevia os nomes nos envelopes para o baile de Edith.

Já tinha endereçado quase cem, quando a porta se abriu outra vez e William, o mordomo, a interrompeu.

— Com licença, senhorita, há um senhor aqui. Ele pediu para falar com sir Alfred e, quando lhe disse que o patrão não estava, pediu para ver a srta. Edith.

— A srta. Edith? — Helga repetiu, surpresa.

Edith tinha tão poucos amigos que era espantoso alguém perguntar por ela, fosse homem ou mulher.

— Quem é ele?

— Disse que seu nome é sr. Swinton. Lamento, mas não tinha nenhum cartão.

— Sr. Swinton... — Helga disse, franzindo a testa, procurando lembrar. — Acho que nunca ouvi esse nome. Tem certeza de que é um cavalheiro, William, e não alguém vendendo alguma coisa?

— Oh, senhorita, ele parece um cavalheiro — o mordomo respondeu, com segurança.

— Bem, não sei quem é. É melhor trazê-lo até aqui, e falarei com ele antes. Logo a srta. Edith vai descer. Se eu precisar que a chame, tocarei a campainha.

— Muito bem, senhorita.

William saiu e logo depois abriu a porta, anunciando:

— O sr. Frank Swinton.

O visitante entrou lentamente na sala. Usava um cravo vermelho na lapela e um alfinete na gravata.

Aos trinta e um anos, ele havia se tornado, decididamente, um homem bonito. Tinha bigode ligeiramente virado nas pontas e seus cabelos escuros, escovados para* trás, brilhavam como seda.

Tinha a segurança e a autoconfiança de alguém: que aprendeu essas qualidades por si mesmo, o que é mais importante do que qualquer coisa no mundo, pois quem tem isso não teme o inesperado.

Havia uma leve suspeita de pobreza em sua aparência, pois os sapatos, apesar de muito bem engraxados, estavam com o couro rachado e nas calças impecavelmente passadas havia pontos puídos, indisfarçáveis.

Mas foi para o rosto dele que Helga olhou, como muitas mulheres já haviam olhado antes. E viu nele charme e uma vontade de agradar e ser agradado.

Havia algo de encantador no sorriso de Frank e no brilho de seus olhos; até mesmo nas rugas do rosto, que se acentuavam, quando ele sorria.

Frank estendeu a mão.

— Você é Edith Steene? — ele perguntou, num tom profundo

Helga sacudiu a cabeça.

— Sou a secretária de *sir* Alfred. A srta. Steene está aos meus cuidados. Achei que talvez quisesse me dizer o motivo de sua inesperada visita.

Apesar de Helga ser muito atraente, suas palavras eram formais, e Frank sorriu ao responder:

— Pedi para falar com *sir* Alfred.

— Sim, eu sei. Mas *sir* Alfred está na Bolsa de Valores e só vai chegar em casa à noite. Se o senhor quiser voltar mais tarde.

Ainda havia muita formalidade na voz dela, e Frank indicou uma poltrona perto da lareira.

— Posso sentar-me? Ou estou atrapalhando seu trabalho? Posso lhe dizer por que vim.

— Claro que o senhor pode se sentar. Desculpe se não o convidei antes.

Helga estava um tanto confusa com a autoconfiança de Frank. Ele não parecia em nada com os visitantes comuns da casa, e ela não conseguia imaginar qual seria o verdadeiro motivo daquela visita.

Os amigos de *sir* Alfred não apareciam assim, sem mais nem menos, e Frank não lembrava os colegas de negócios do patrão, que só lhe faziam visitas quando convidados e com hora marcada.

Nos últimos anos, Helga se acostumara a lidar com os mais variados tipos de vendedores. A maioria deles preferia esperar por *sir* Alfred, mas alguns tentavam encantar a secretária. Entretanto, nenhum nunca havia pedido para ver Edith, nem tinha a aparência e as maneiras

daquele homem.

Ela levantou os olhos e esperou que ele falasse, mas, enquanto isso, procurava analisá-lo.

— Na verdade, vim aqui — Frank começou em voz baixa — numa missão muito triste. Talvez possa imaginar qual seja. Eu era amigo de Cedric, e só ao voltar à Inglaterra na semana passada fiquei sabendo de sua morte. Foi um grande choque.

Amigo de Cedric!, Helga pensou.

Aquela idéia jamais lhe passaria pela cabeça. Cedric, como Edith, não tinha muitos amigos, e só raramente alguns vinham visitá-lo em casa.

Geralmente, eram jovens artistas, da idade dele, que não atraíam a atenção dos criados.

Swinton..., ela pensou. Não lembrava de Cedric ter falado em nenhum Swinton.

Mas sabia que, mesmo se tivesse ouvido aquele nome, dificilmente iria lembrá-lo depois de algum tempo.

— O acidente de Cedric deixou todos chocados — Helga disse —, mas ele teve morte instantânea e não sofreu muito.

— Mal posso acreditar — Frank murmurou. — Parecia jovem demais para morrer.

— Sim, era muito jovem.

Ficaram alguns momentos em silêncio.

Frank continuou:

— Eu vim aqui, não apenas, para falar dele, mas também para oferecer minhas condolências ao pai e à irmã. Sei que devem estar sentindo muito a perda.

— Edith ficou com o coração partido e muito abalada — Helga explicou. Só consegui convencê-la a deixar o luto há pouco tempo, pois terá seu baile de debutante brevemente.

— Acho que será um grande consolo para ela saber que Cedric a amava muito. Ele sempre falava da irmã.

— Falava? — Helga estava espantada.

Era estranho saber que Cedric discutia a irmã com os amigos. Aquilo era uma faceta desconhecida de seu caráter.

— Parece surpresa, senhorita — Frank comentou, num tom de desafio, como achando que ela não acreditava em suas palavras.

— E estou mesmo. Na verdade ele nunca pareceu muito interessado em Edith.

Helga corou e parou de falar, percebendo que estava fazendo comentários sobre aspectos desfavoráveis da personalidade do morto, com um completo estranho.

Frank percebeu a confusão dela.

— Vamos, senhorita, não precisa se importar em ter-me dito o que pensava dele. Eu gostava muito de Cedric e acho que, como um de seus melhores amigos, sabia mais do que a maioria das pessoas de todos os seus defeitos, não é?

— Cedric era seu melhor amigo? — Helga ficava cada vez mais espantada e incrédula.

Aquilo parecia um sonho. Aquele rapaz bem-vestido e mundano, dizendo ser amigo do apático Cedric, era espantoso. Cedric dificilmente teria contato com aquele homem, pois geralmente nem saía de casa e ficava perambulando por seus aposentos, vestido de robe, até a hora do almoço.

Se Helga tivesse coragem de dizer o que pensava,alaria que Cedric não passava de um preguiçoso que teve a sorte de nascer rico e não precisar se esforçar para nada.

Aquele homem que dizia ser seu amigo tinha vitalidade e força... era completamente diferente de Cedric.

Talvez, pensou, estivesse julgando mal o rapaz. Talvez, ele se sentisse infeliz. Não devia

julgá-lo com severidade.

Impulsivamente, virou-se para Frank.

— Perdoe-me pela surpresa que mostrei ao saber que era amigo de Cedric. Apesar de morar aqui, com ele, eu o conheci muito pouco.

— Não imagino ninguém que morasse na mesma casa com você e não desejasse conhecê-la melhor.

Diante daquele elogio inesperado, Helga corou novamente e baixou os olhos.

— Quem sabe eu também deva pedir desculpas — ele continuou. — Cedric deve ter falado de você e eu esqueci...

— Oh, não. Não havia nenhum motivo no mundo para ele ter falado de mim.

— Não concordo — Frank disse, suavemente. — Acho que eu teria todos os motivos.

Novamente, Helga corou e ficou sem palavras. Frank sorriu e acrescentou:

— Não quer me dizer o seu nome. Assim, talvez, eu consiga despertar minha memória.

— Helga Hildergard

Ele levou a mão à testa.

— Sim, agora lembro do nome Helga, mas estou surpreso. Se não esperava que eu fosse amigo de Cedric, pode imaginar o meu espanto ao encontrá-la?

Helga levantou-se.

— Acho, sr. Swinton, que agora gostaria de falar com Edith, não é?

— Não estou com pressa.

Frank também levantou-se, sem tirar o olhar de cima dela.

Nesse momento, a porta se abriu e Edith entrou.

Usava um chapéu de palha de abas largas, escolhido por Helga, todo enfeitado com rosas amarelas, que combinavam com as fitas do seu vestido de *chiffon* e renda. Chegava a estar muito bonita

— Pronto, Helga? Sabe que pedimos a carruagem para o meio-dia. Deve estar nos esperando.

Então, a garota viu Frank.

— Oh, lamento, não sabia que estava ocupada.

— Venha, querida. — Helga estendeu a mão. — Eu ia mesmo pedir que descesse. Este é o sr. Frank Swinton, que veio ver você. Ele era amigo de Cedric.

Edith, que tinha parado, indecisa, até a última palavra de Helga, aproximou-se timidamente, oferecendo a mão ao visitante. Diante da menção do nome do irmão, seus olhos escuros imediatamente se encheram de lágrimas.

— Era amigo dele?

— Sim, um grande amigo, senhorita. E foi por isso que fiz questão de vir aqui hoje, pois só soube da morte de Cedric há poucos dias.

— Só há poucos dias?

— Eu estava no exterior.

Edith tirou um lençinho do punho.

— Foi terrível — disse, com um soluço.

— Por favor, não chore — Frank pediu, consternado. — Eu não teria vindo aqui, se soubesse que ia aborrecê-la e tornar as coisas ainda piores.

— Oh, mas não está fazendo nada disso. Eu é que estou sendo uma estúpida. Sempre tive vontade de falar de Cedric com os amigos dele, e você sabe que é o primeiro... o único que veio aqui, depois que ele morreu?

Depois de um momento de silêncio, ela perguntou:

— Como se conheceram? E há quanto tempo? Conte-nos, sr. Swinton. Não sabe quanto eu queria saber o que ele fazia, quando não estava em casa.

— Eu o conheci há muito tempo. Não lembro exatamente quando. Acho que foi numa festa dada por amigos, mas não tenho certeza. Depois, nos encontramos muitas outras vezes. Ele costumava ir ao meu apartamento e ao meu clube. Jantamos juntos algumas vezes e fomos ao teatro.

— Mas Cedric sempre disse que detestava teatro — Helga interrompeu.

— Talvez, ele e o sr. Swinton tenham ido assistir a peças realmente boas — Edith disse, depressa.

— Admito que não era escolha de Cedric — Frank explicou — e sim, minha. Gosto de uma boa peça, de vez em quando, de um show musical.

— Eu também gosto muito. Helga e eu sempre vamos ao teatro, não é, Helga?

— Talvez permitam que eu as acompanhe uma dessas noites — ele sugeriu.

Ao ver que a conversa era desviada de Cedric para ela, Edith caiu na timidez de sempre, olhando para Helga e murmurando um agradecimento quase inaudível.

Foi Helga quem quebrou o silêncio.

— Gostaria de ver os aposentos de Cedric? Foram deixados exatamente como estavam, com seus objetos pessoais, livros e quadros intocados.

— Obrigado. Gostaria muito de vê-los.

Lentamente, os três subiram a escada. No segundo andar, *sir* Alfred ocupava o quarto da frente; os aposentos de Cedric davam para o pátio dos fundos.

Frank entrou no quarto com ar reverente e solene, parecendo estar entrando numa igreja, enquanto Edith enxugava mais lágrimas. Era a primeira vez que Helga a convencia a ver ou tocar qualquer coisa que tinha sido do irmão.

Quando a governanta fez a sugestão de verem o quarto, pensou que aquilo ia fazer bem a Edith: ia quebrar a reserva e a infelicidade que a sufocavam há tanto tempo.

Até mesmo com Helga, a pessoa que mais amava, Edith não conseguia falar livremente de Cedric, pois sabia que a alemã não tinha muita afeição pelo rapaz.

Agora, caminhando naqueles aposentos com Frank, tocando os livros encadernados de roxo e olhando os quadros, ela sentia uma onda de emoções.

Era como se estivesse sendo libertada de uma corrente que a aprisionara durante muito tempo.

Suas lágrimas pareciam diminuir, aos poucos; pareciam até menos amargas do que nos últimos meses.

Cedric estava morto, e ela nunca mais o veria outra vez. Agora se sentia menos isolada, pois sua infelicidade havia sido dividida com alguém que também o amava.

Ninguém mais se importava com Cedric, naquela casa. Nem Helga nem o pai, e isso era, para Edith, a parte mais amarga da morte dele.

Nenhum dos amigos escrevera enviando pêsames à família. Algumas mensagens de condolências haviam chegado para *sir* Alfred, é verdade, mas a maioria mandada por pessoas que agiam apenas por conveniência e educação. Não havia pesar sincero em nenhuma delas.

Apesar de muito tímida, Edith, de repente, sentiu vontade de segurar a mão de Frank. De ficar ali, de pé, de mãos dadas com ele. Os dois contra o mundo que não tinha entendido seu irmão. Mas não conseguiu fazer nada disso.

Ficou parada no meio do quarto, desajeitada, enquanto Helga, no papel de guia, mostrava a Frank tudo que, um dia, havia sido o pequeno mundo de Cedric.

Só os pássaros e o macaquinho tinham sido retirados. Os pássaros estavam agora no hall, onde

os criados os alimentavam, e o macaquinho, no zoológico, onde morreu três meses depois de chegar.

De repente, Edith falou:

— Kiki morreu.

— Kiki? — Frank olhou para ela, espantado.

— O macaquinho de Cedric — Helga explicou. -- Estava sempre com ele. *Sir Alfred* o mandou para o zoológico.

— Acho que morreu de sofrimento — Edith interrompeu —, foi crueldade não o deixarmos ficar aqui.

Falou com amargura e, pela primeira vez, Helga percebeu quanto devia ter ficado ressentida em não ter sido consultada por *sir Alfred* sobre o que fazer com os bichinhos de Cedric.

— Seu pai achou que estava agindo do melhor modo possível, querida. — Mas Helga não tinha tanta certeza.

Edith a olhou, perturbada, até que Frank encarou-a e disse, gentilmente:

— Talvez, o pobre animalzinho esteja mais feliz assim. Ninguém poderia substituir o dono dele.

Edith sorriu entre as lágrimas.

— Você compreende — disse, baixinho, mas ele a ouviu muito bem.

Lentamente, desceram a escadaria. Quando chegaram ao térreo, Frank apontou para as pesadas portas de mogno que davam para o salão.

— Que portas magníficas. Certamente, são dos salões de festas.

— Sim — Helga respondeu, e teria passado adiante, se Edith não abrisse as portas.

— É aqui que vou ter o meu baile. Será no dia vinte e cinco. Virá, não é, sr. Swinton?

— Eu me sentirei muito honrado.

— Helga vai lhe mandar um convite. Por favor, não esqueça de anotar o endereço dele — pediu, ansiosa.

Helga concordou, mas não pareceu entusiasmada. Entretanto, não sabia por quê.

Não conseguia explicar, mas, de repente, não confiava mais em Frank. Não podia fazer nada, nem sequer disfarçar. Seu tom de voz se tornou ríspido e agressivo.

Quando voltaram à biblioteca, ele comentou:

— Vejo que está endereçando os convites. Quer dar o meu agora? Não sei qual será meu endereço em Londres, nas próximas semanas.

Helga sentou-se, pegou a caneta de má vontade, e Frank continuou falando:

— Não quero esperar até o dia vinte e cinco para ver duas pessoas tão encantadoras. Posso vir visitá-las... talvez, depois de amanhã, na hora do chá?

Novamente, Helga sentiu uma estranha desconfiança. Mas, antes que pudesse responder, Edith disse, baixinho:

— Por favor, venha, sr. Swinton.

CAPÍTULO III

Frank estava sentado no Raoul, esperando por Helga.

Tinha escolhido uma mesa de canto, mais ou menos escondida atrás das pesadas cortinas de veludo. Nas paredes, havia retratos da família real, com molduras douradas.

Era um restaurante pequeno, mas a comida excelente, e ele achou que ali Helga não encontraria ninguém que conhecesse.

Já passava da hora que havia marcado, e mais de uma vez ele olhou o grande relógio que marcava ruidosamente os minutos, lá no hall.

A princípio, quando a convidou para saírem sozinhos, ela pareceu ficar com medo.

Nos três anos que passara na Inglaterra, trabalhando para *sir* Alfred, jamais tinha ido a um almoço ou jantar sem Edith, e explicou isso a Frank.

— Já está na hora de começar a viver sua própria vida — ele falou, com autoridade, e ela se deixou convencer.

Agora, que a moça não aparecia, Frank começou a achar que não tinha tido coragem de manter sua promessa.

Ansioso, olhava a porta da frente e disse a si mesmo que era melhor não ficar tão nervoso, nem se desapontar, caso ela não viesse.

Muitas mulheres haviam passado pela vida de Frank. Olhando os últimos nove anos, depois da morte de sua mãe, ele percebia o inferno que teria sido sua existência, se as mulheres não se interessassem por ele, não o alimentassem e vestissem. As donas de pensões tinham aguardado sem muita esperança o aluguel, e, quando as semanas passavam, mulheres de idade incerta, que o amavam loucamente e lhe davam presentes caros, pagavam as contas atrasadas, depois de ele penhorar tudo que tinha, menos as roupas.

Outras mulheres de idades variáveis e em circunstâncias também variáveis não resistiram ao charme de Frank, um charme que ele cultivava como um profissional e que se tornara de uma incrível utilidade.

Frank nunca se arrependeu daquele impulso cego e desesperado que o fez sair de casa, logo depois da morte da mãe.

Jamais tinha voltado, mas de vez em quando se sentia terrivelmente solitário, e ultimamente, sem saber a quem pedir comida ou abrigo, gastara seus últimos centavos para ir ao cemitério de Kensal Green, na esperança de encontrar o túmulo da mãe.

Demorou um pouco, mas conseguiu descobrir a sepultura. Durante um longo tempo ficou lá, de pé, sem chapéu, ao lado da lápide barata onde havia apenas o nome dela e as datas de nascimento e morte.

Lembrou-se dela e imaginou o que pensaria, se pudesse vê-lo ali.

Três anos de independência tinham alterado e endurecido a personalidade dele. Frank aprendera muito sobre o mundo. E aprendera amargamente, numa escola em que os fracos logo são expulsos e só os mais fortes sobrevivem.

Nunca mais pensou em Emily e no pai. Não gostava da irmã e desprezava o homem que considerava o único responsável pelo estado deplorável daquela família.

Não sabia se continuavam morando em Edward Street ou se haviam mudado, e isso não fazia a menor diferença para ele. Não pensava em si mesmo como parte de uma família, mas, sim, como um indivíduo lutando sozinho pela vida, com todas as armas que encontrasse e toda a determinação.

Dentro dele, cada vez se tornava mais forte o propósito de, mais cedo ou mais tarde, conseguir sucesso e segurança, além de dinheiro suficiente para ser o dono da própria vida, seu próprio patrão, sem ter que dar satisfações a ninguém.

Era só isso que queria: não temer o futuro, poder encará-lo sem ansiedade.

Desde sua infância pobre, a vida se tornara insuportável porque o amanhã só poderia trazer dívidas impossíveis de serem pagas.

E, desde que estava sozinho no mundo, várias vezes percebeu que só não passava fome

graças a seu encanto, juventude e persistência de encontrar o caminho certo.

Frank havia feito muitos amigos no submundo, por necessidade de sobrevivência, mas sabia que não tinha nada em comum com nenhum deles. Era nos bares e nos bailes que conseguia causar boa impressão com facilidade, onde conseguia encontrar emprego ou convencer alguma mulher, dona de mais dinheiro do que de bom senso, a se interessar por ele.

Entretanto, nem todos os seus relacionamentos com o sexo feminino eram assim sórdidos e interesseiros.

Uma destas mulheres era especial: a esposa de um médico da rua Harley, que ele havia conhecido quando ela fazia trabalhos de caridade em East End.

Gostava de Frank e tinha quase a idade de sua mãe. Sentia apenas interesse maternal por ele, que, apesar de maltrapilho e esfomeado, certamente já tinha vivido dias melhores.

Arranjou-lhe um emprego temporário, de secretário, e lhe adiantou dinheiro para comprar roupas novas e alugar um quarto respeitável em Bloomsbury.

Durante algum tempo, Frank foi feliz. Depois, a cada dia que passava, achava o trabalho mais e mais entediante. Era a vida monótona de escritório, da qual sempre procurara fugir.

Tinha horários e uma rotina a ser observada, e o primeiro pagamento só veio depois de um mês de privações. Logo ele iria descobrir que não conseguiria suportar aquela vida por muito tempo mais.

Estava pensando em se demitir, quando o trabalho acabou e não precisaram mais de seus serviços.

Aquilo resolvia em parte sua situação, já que, sem dúvida, não teria coragem de desprezar o salário garantido, depois do que havia passado. Por outro lado, criava um novo problema, pois ainda não tinha acabado de pagar a esposa do médico pelas roupas e o aluguel adiantado.

Quando foi vê-la para explicar a posição em que se encontrava e pedir ajuda, descobriu que tinha sido operada e não estava em condições de receber visitas nem recados.

Frank deduziu que o destino não queria que a incomodasse mais e desapareceu com o dinheiro que havia sobrado.

Mais uma vez, a sorte o ajudou. Um homem, mais rico do que inteligente, se interessou por ele, por achá-lo boa companhia, e o levou como seu convidado a Ostend, onde bebiam e jogavam durante a noite e freqüentavam as corridas durante o dia.

Frank era esperto o suficiente para se manter sóbrio, à espera de suas oportunidades, e quando voltou a Londres tinha cinquenta libras no bolso e uma porção de conhecidos nas casas dos quais pôde almoçar e jantar durante vários meses.

Nessa época, já tinha aprendido a tirar vantagens de qualquer circunstância, e foi então que surgiu a idéia de visitar o pai de Cedric Steene.

Frank jamais tinha visto o rapaz, mas um dos homens da turma de Ostend falou sobre ele e o acidente que causou sua morte. Segundo se comentava, a culpa era do próprio Cedric, que estava sendo citado como um aviso aos motoristas que se arriscavam demais.

— Um sujeito engraçado, o Steene — alguém disse. — Meu patrão contou que *sir* Alfred é um dos homens mais ricos da Bolsa de Valores, atualmente.

— Você o conhece? — Frank perguntou, curioso.

— Claro que não. Acho que nenhum de nós aqui teria a chance de encontrar Steene dedo-de-ouro. Ele não freqüenta lugar nenhum onde não haja chance de fazer mais dinheiro. Mas o filho foi para a Universidade de Eton, depois para Oxford onde conseguiu ser expulso das duas, imagine. Minha mãe jamais deixaria que ele entrasse em nossa casa. Nem preciso dizer por quê.

— E quem vai herdar o dinheiro do velho, agora? — alguém perguntou.

— Acho que ele tem uma filha — disse o homem que conhecia Cedric.

Frank arquivou aquela informação na cabeça. Depois conseguiu cópias dos jornais *The Times* e *Morning Post* e leu a notícia do acidente do filho único de *sir* Alfred.

A esposa também tinha morrido, dizia o artigo, e só sobreviveram o pai e a filha, Edith.

Frank resolveu aparecer na casa de Park Lane. Se *sir* Alfred gostava do filho, sem dúvida receberia de braços abertos seus amigos.

As pessoas que perdem os entes queridos sentem uma fraqueza em falar sobre eles, e seria quase impossível provar que Frank jamais havia visto Cedric.

Quem poderia dizer, ele pensou; que isso não irá me conduzir ao homem mais rico da Bolsa de Valores.

Depois de tudo que havia ouvido, ficou agradavelmente surpreendido pela dignidade da casa e por Edith. Ela não era tão ruim como imaginava. Mas, quando pensava em Helga, seu coração disparava.

Como era linda. Jamais esperou encontrar alguém tão bonito numa biblioteca pomposa, cheia de móveis pesados e livros trancados em estantes de vidro.

Só se poderia imaginar ver alguém como Helga num bosque, com o sol se refletindo em seus cabelos, ou num jardim florido, onde sua pele competiria com a suavidade das flores.

A idéia de ela ser uma secretária era ridícula. Seu rosto parecia satisfeito demais e cheio de covinhas, quando sorria, fazendo com que os olhos azuis brilhassem mais.

Depois da primeira visita, Frank tinha achado difícil ficar longe da casa de Park Lane.

Aparecia lá constantemente, sob os mais variados pretextos e nos horários mais estranhos, quando sabia que *sir* Alfred estava na Bolsa e Edith, em suas aulas.

Helga havia protestado e chegou mesmo a fazer uma tentativa patética de não recebê-lo

Mas depois sucumbiu ao charme de Frank, como muitas mulheres já tinham sucumbido antes, e o recebeu com um sorriso, procurando esconder o prazer que sentia ao vê-lo.

Já fazia dez dias que ele ia lá, quase diariamente, quando conheceu *sir* Alfred, e foi Edith quem o apresentou, como seu amigo e protegido.

O velho o achou agradável, porque, ao contrário dos rapazes que tinham aparecido na casa, estava pronto para ouvir e gostava de conversar sobre assuntos financeiros.

Nunca se soube se ele aprovava ou não a constante presença de Frank em sua casa. Talvez, *sir* Alfred nem soubesse que as visitas eram tão numerosas. O fato era que, quando o encontrava na mesa do jantar, se preparava para ser agradável e, certamente, nunca protestou.

Edith considerava Frank seu amigo e não sabia que muitas vezes ele passava mais de uma hora com Helga e saía da casa sem esperar para vê-la.

Helga sentia-se atraída por ele, tinha medo daquilo, mas não sabia como se controlar.

Não conseguia dar a ordem para os criados barrarem a entrada de Frank, e ele era esperto o suficiente para não mandar chamá-la diretamente, quando aparecia, mas antes perguntava aos criados quem estava em casa.

Todos os empregados gostavam dele e apostavam em qual das duas jovens estaria interessado.

Frank e Helga se conheciam há poucos dias, quando ele, incapaz de se controlar, tomou-a nos braços e a beijou numa tarde quente em que ela esperava Edith terminar sua aula de música antes de irem dar um passeio em Ranelagh.

As persianas estavam baixadas, e, quando Helga desceu, depois que um criado anunciou a chegada de Frank, usava um vestido simples, de musseline branca, e parecia etérea e cheia de beleza espiritual.

Ele caminhava de um lado, para o outro, no aposento.

— Demorou — disse, em tom de reprovação.

— Mas não estava esperando você.

— Eu sei. Mas sei também que vão passear em Ranelagh às três horas. Gostaria de ir com vocês, se me permitirem; só que, primeiro, queria vê-la a sós.

— Por quê? — Helga perguntou, inocente. — Há algum problema?

Frank riu e se aproximou dela.

— Quer mesmo saber por quê?

Havia algo em seus olhos e em sua voz, que deixou a moça sem fala. Ela estendeu as mãos para se proteger da proximidade dele, mas era tarde demais.

Frank a tomou nos braços e a beijou desesperadamente, como se não conseguisse se controlar por mais tempo.

Depois, abraçou-a com força, até que toda a resistência dela parou, e parecia querer possuí-la com seu beijo.

Quando a soltou, Helga sentiu que ia cair, se não se apoiasse contra ele. Como não conseguisse falar, ergueu as mãos para o rosto, procurando esconder o rubor.

Frank puxou-a para si novamente.

— Eu a amo, querida. Oh, Helga, meu amor, você está me deixando louco, sabia?

O relógio bateu três horas e os dois se olharam, espantados.

— Quero vê-la a sós — murmurou rapidamente.

— Não posso — respondeu, trêmula e em voz baixa.

— Amanhã, venha almoçar comigo. Estarei no Raoul à uma hora. Vou esperar você.

— É impossível.

Mas ele implorou, até que ela concordasse.

Só tiveram mais alguns momentos, antes de que Edith aparecesse, já vestida para o passeio e trazendo um guarda-sol.

Ficou encantada ao saber que Frank as acompanharia e nem percebeu que Helga não estava pronta e saía, apressada, do aposento, evitando olhá-la no rosto.

A tarde em Ranelagh foi muito divertida. Se Helga ficou muito quieta, Edith riu e conversou bastante com Frank, obviamente satisfeita em receber as atenções dele.

Só duas vezes, Frank conseguiu cochichar alguma coisa com Helga, quando Edith não estava ouvindo.

Uma vez, lhe tocou a mão e disse:

— Minha querida.

Ela corou novamente e seus lábios tremeram. Depois, quando se despediram, ele disse:

— Até amanhã à uma. Não falte.

Passavam quase dez minutos da uma hora, quando Frank levantou-se, ao ver a porta do Raoul se abrindo e Helga entrando.

Aproximou-se apressado, para recebê-la, vendo que parava incerta na porta. Helga corou e procurou não olhá-lo nos olhos, ao sentar-se e tirar as luvas longas.

— Tem certeza de que não vamos ser vistos? — ela perguntou.

Frank garantiu que não.

— Eu disse que tinha que ir ao dentista — ela continuou. — Disse que esta era a única consulta que ele conseguiu para mim. Foi tão difícil. Nunca... nunca tive que dizer tantas mentiras. Naturalmente, esperavam que eu saísse com a carruagem. Nem Edith nem os criados entenderam por que preferi vir a pé. Oh, céus, não sei como me convenceu a fazer isto.

— Quer que lhe diga por quê?

Ela o olhou, sacudindo a cabeça.

— Não, não me diga. Pelo menos, não me diga aqui.

— Por que não? Não está fazendo nada errado. Tem medo de amar alguém? É assim tão estranho?

— Para mim, é — Helga disse, séria. — Mas ainda não disse que o amo. Eu não devo, é impossível. Tenho o meu trabalho, tenho que cuidar de Edith. *Sir* Alfred confia em mim.

Frank sorriu, ternamente, e pegando a mão dela levou-a aos lábios.

Helga olhou pela janela de seu quarto, que ficava no topo da casa e tinha uma linda vista do parque.

Através das folhas das árvores, via o brilho do lago ao luar, e toda Londres parecia dormir calmamente.

Sentia que o mundo inteiro esperava, como ela, o início de uma grande peça teatral. Aquilo era só a abertura, dando-lhe a indicação dos acontecimentos que viriam mais tarde.

— Isto é a vida — disse a si mesma.

Aquela transformação... não apenas nela, mas no mundo a seu redor. Durante todo o dia, sentia que as coisas mais familiares tinham mudado e assumido um novo aspecto.

Agora, quando se encontrava sozinha, quando podia olhar pela janela para aquele reino encantado, tinha a sensação de que as emoções controladas durante tanto tempo iam explodir e iluminá-la com uma luz estranha.

Aquilo era vida! Seu corpo estava lânguido e tenso ao mesmo tempo; seus olhos encontravam beleza nas coisas mais simples e seu coração parecia cantar, quando olhava as estrelas.

Tinha vinte e cinco anos. Era incrível que nunca tivesse experimentado aquilo antes!

Desde o momento em que Frank entrou na biblioteca, naquela manhã, ela pressentiu que tudo ia mudar. Tinha lutado contra seus próprios pensamentos e desejos e dito a si mesma que ele não significava nada; que não podia significar.

Não confiava no sentimento que o rapaz lhe havia despertado. Mas, antes mesmo de se beijarem, já sabia que estava completamente sob o domínio dele, quisesse ou não.

Só em pensar em Frank, já se sentia estranha, diferente da mulher que pensava ser.

Helga havia sido uma garota muito solitária, pois seu pai geralmente viajava e, quando ficava em casa, costumava receber muitos amigos.

Como a maioria de seus compatriotas, ele gostava de crianças, e, se ficava em companhia da filha, lhe oferecia não apenas a afeição de pai, mas o companheirismo e a conversa de adulto. Ele era um dos homens mais inteligentes de sua geração.

O pai falava com ela, como se fosse uma adulta também e muitas vezes lhe fazia confidências.

Apesar de não entender muita coisa que ouvia, Helga procurava mostrar quanto se interessava por aquelas horas em companhia dele, pois assim poderia sentir seu amor.

Quando ele viajava, a vida dela era dedicada apenas às tarefas domésticas, à administração da casa e à sua educação.

Os professores vinham sempre de manhã; à tarde, Helga costumava estudar música, línguas, artes e literatura. Mas sua educação não terminava nisso.

Apesar de a casa ser grande e com muitos criados, ela havia aprendido a cozinhar e fazer compras, algo que lhe fora ensinado por sua tia. Sabia também preparar geléias, conservas e bolos, e se interessava muito por culinária.

Também sabia costurar e bordar, cuidar das próprias roupas, muitas das quais ela mesma

havia feito.

Ficava muito surpresa, quando ia à Inglaterra, ao ver que as garotas inglesas geralmente não tinham o menor interesse e não sabiam daquilo, coisas que as alemãs consideravam muito importantes.

Ao conseguir o emprego na casa de *sir* Alfred, sentira-se muito agradecida pelo treinamento que teve.

As lições, pelas quais o pai pagava professores caríssimos, não eram tão úteis quanto o fato de ela saber cozinhar e ensinar uma criada a remendar uma toalha.

Em Londres, Helga tinha atraído a atenção de muitos rapazes, e não era de surpreender que algumas anfitriãs a olhassem friamente, temendo a concorrência.

— Não se apresse em casar, minha querida — o pai lhe havia dito, quando ela debutou.

Mas não precisava ter dado aquele aviso. Helga não tinha a menor intenção de casar logo.

Estava se divertindo com o mundo e emocionalmente não se sentia desenvolvida, ainda.

Sua tia e todos ao seu redor eram muito calmos, mas, na verdade, Helga era do tipo que cresce lentamente. Talvez por não ter tido uma infância normal, recusava-se inconscientemente a assumir seu papel de adulta. Era contraditório: apesar de ter as responsabilidades de uma mulher até mais velha, no íntimo não passava de uma garota.

A morte repentina do pai fez com que descobrisse que a serenidade de sua vida ia ser perturbada.

Era uma tragédia grande demais, e ela procurou se agarrar a qualquer coisa que lhe desse segurança contra o futuro que parecia muito incerto.

Tinha fugido para a Inglaterra, porque era de lá que vinham suas recordações mais agradáveis e também porque não queria aceitar a compaixão dos amigos. Além disso, tinha certeza de que, na Inglaterra, as pessoas que conhecia iam se interessar em ajudá-la.

Três anos era muito tempo, principalmente quando se cortam todas as ligações com o passado. Mas, agora, aqueles três anos pareciam insignificantes, diante da agitação do presente.

Era o amor.

Todos os outros homens que tinham murmurado palavras românticas em seu ouvido, durante os bailes, nunca a haviam feito se sentir daquele jeito.

Parecia impossível que significassem tão pouco. Conseguira dispensar todos, sorrindo, conversando e preferindo ficar sozinha. Frank mudou tudo: ele significava muito.

Relembrava sem parar os momentos que passaram juntos naquela tarde no restaurante e os minutos roubados, enquanto esperavam Edith.

Pensava nos olhos dele, em seus cabelos escuros caindo sobre a testa, no toque de sua mão. Via-se com mais intensidade em seus pensamentos do que se tivesse uma foto ao lado.

Quando começou a pensar na casa em que vivia e que tinha desempenhado um papel tão importante em sua vida, Helga ouviu alguém batendo à porta.

— Entre.

A porta se abriu, e, durante um momento, ela não viu quem era, pois o quarto estava escuro.

— Quem é?

Edith entrou, fechando a porta.

— Não está dormindo, Helga? Lamento incomodá-la, mas está tão quente que não consegui dormir. Achei que você não se importaria de conversarmos um pouco.

— Claro que não, querida. Também estou sem sono. Venha, sente-se perto de mim.

— Por que estava na janela?

— Eu olhava a lua. É muito repousante, está uma noite linda.

Edith sentou-se na cama de Helga, enroscando-se de modo que ficou parecendo uma criancinha. Tinha puxado os cabelos para trás, prendendo-os com uma fita, na nuca.

— Já notou que às vezes os pensamentos ficam rodopiando dentro da cabeça, que não se consegue escapar deles, por mais que se tente?

Helga sentiu-se surpresa e hesitante diante daquela pergunta inesperada.

Edith não costumava fazer confidências, e ela achava que a garota devia estar preocupada ou infeliz, mas não podia perguntar direta-mente, senão nunca saberia de nada.

— Sim, acho que acontece com todo mundo, de vez em quando. Mas fica pior quando estamos infelizes.

— Não estou infeliz — Edith disse, surpreendendo-a ainda mais. — É outro motivo.

Helga achava que ela estava pensando em Cedric; por isso, ficou espantada e preocupada.

— Conte o que é. Não gosto de conversar por enigmas. O que a está preocupando?

— Nada está me preocupando — Edith disse, com dignidade, tornando-se imediatamente reservada e tímida.

“Eu a amedrontei”, Helga pensou. Aborrecida consigo mesma, ao mesmo tempo ela sentia alívio, pois não tinha certeza se saberia lidar com aquele desabafo de Edith.

As duas ficaram em silêncio. Depois de alguns momentos, a garota disse, baixinho:

— Helga, por que você não gosta de Frank Swinton?

A pergunta foi tão inesperada que ela quase riu.

“Não gosto de Frank”, pensou. Se Edith soubesse...

— Mas eu gosto dele — respondeu, tentando parecer normal e não deixar que sua voz traísse o que sentia — ; por que acha que não gosto, Edith?

— Você não o encoraja. Sabe que ele quer vir aqui, que quer ser convidado para visitas, mas você procura sempre lhe dar a impressão de que não é bem-vindo.

— Lamento muito. Eu não pretendia de jeito nenhum dar a entender isso.

— Afinal, ele foi amigo de Cedric — Edith disse, animada. — O único amigo que deve ter-se importado com ele de verdade. Quero que papai o convide para ir à fazenda, na próxima semana. Vamos dar uma festa lá, e papai o convidaria, se você sugerisse... sabe muito bem disso.

— Acha que Frank... que o sr. Swinton irá? — Helga procurou disfarçar o nervosismo.

Uma semana no campo com Frank! Por que não tinha pensado naquilo antes? A casa de *sir* Alfred, em Newmarket, seria aberta; dessa vez, não apenas por causa das corridas de cavalos, mas para o banquete anual que ele costumava dar em homenagem aos vizinhos e arrendatários.

Helga já tinha feito os arranjos para a festa e para o banquete. Seria fácil sugerir outro convidado, mas aquela idéia não lhe havia passado pela cabeça.

— Tenho certeza de que ele adoraria ir — Edith insistiu. — E quero que papai o convide.

Parecia muito decidida, e, quando Edith resolvia alguma coisa, Helga sabia que sempre conseguia o que queria, de um modo ou de outro.

— Falarei com seu pai amanhã, prometo. Acho que é uma boa idéia levarmos o sr. Swinton e não sei por que não pensei nisso antes.

Edith levantou.

— Boa noite, Helga querida.

Saindo em silêncio do quarto escuro, ela fechou a porta, sem dizer mais nada.

Só depois que a garota já tinha ido embora foi que Helga começou a se sentir verdadeiramente excitada com a possibilidade de Frank ir a Newmarket. Só então, percebeu também que a visita de Edith e seu pedido inesperado pareciam um tanto esquisitos.

A garota tinha dito que não conseguia dormir e por isso queria conversar.

Entretanto, ficou apenas dez minutos.

Pela primeira vez, um novo pensamento perturbou Helga. Havia outro motivo, além de Cedric, para Edith se interessar tanto por Frank?

CAPÍTULO IV

William estava colocando as roupas de Frank sobre uma cadeira e a calçadeira ao lado dos sapatos engraxados, mas muito usados. Depois arrumou a gravata, o lenço e um colarinho branco e limpo sobre a cômoda.

Era um rapaz alto e bonito de quase vinte e dois anos e trabalhava para *sir* Alfred há quase cinco anos.

Frank o observou movimentar-se pelo quarto, de um modo calmo e desajeitado, pois era muito alto. Depois, largou a xícara de chá em cima da mesinha e se aproximou do rapaz.

— William, tenho algo a lhe contar.

— Sim senhor. — O outro virou-se, sorrindo.

— Quero o seu conselho — Frank continuou, falando lentamente, como se escolhesse as palavras com cuidado. — Pode parecer estranho que eu lhe pergunte isso, mas sinto que é meu amigo e posso confiar em você.

— Claro, senhor. — Empertigou-se todo. — Conte comigo. O que eu puder fazer.

— Bem, é o seguinte — Frank disse, recostando-se nos travesseiros. — É a primeira vez que venho aqui, mas já ouvi falar muito sobre as festas de *sir* Alfred e conheço bastante sobre os amigos dele. Sei que são todos muito ricos, William, e que, como todos os ricos, gostam de jogar.

— Isso é verdade, senhor. Geralmente, muito dinheiro troca de dono nessas festas.

— Foi o que ouvi dizer. E é exatamente por isso que quero a sua ajuda.

O empregado olhou-o, surpreso.

— Mas, por que, senhor?

— Bem, para usarmos um termo das corridas de cavalos, você deve ter informações de cocheira. Eu não. Houve um jogo de bridge, esta noite, por exemplo. Eu fui um pouco lento, porque achei que tinha que agir assim, mas vim para a cama como perdedor. E vou lhe dizer uma coisa, William... eu não posso perder. Amanhã de manhã, sei que vamos ver as corridas e ouvi conversas sobre altas apostas particulares nos novos cavalos comprados por *sir* Alfred.

Depois de um momento em silêncio, ele continuou:

— O que eu quero, William, é uma informaçãozinha. Se eu ganhar, você ganha também. Nós vamos ser sócios nisso, pois, como já lhe disse, não posso perder.

Frank tinha falado com um ar solene e sério, mas, quando terminou e sorriu para o jovem atento parado diante dele, aquele sorriso atingiu diretamente o coração de William, que sorriu também.

Houve um entendimento instantâneo entre os dois; o contato de um homem que encontrava um seu semelhante.

Em meia hora, Frank descobriu mais coisas sobre os amigos de *sir* Alfred do que se tivesse trabalhado naquela casa durante cem anos.

Sentiu-se satisfeito com o resultado da longa conversa e, quando desceu para o café da manhã, eram quase dez horas.

Helga e Edith lhe haviam dito que ninguém era pontual no campo, mas ficou surpreso ao

descobrir que era quase o último convidado a descer.

Helga, naturalmente, tinha tomado o café às oito. Estava encarregada de tudo na casa, assim como da organização do banquete no jardim, que teria lugar mais tarde.

Felizmente, o dia estava muito bonito e um grande toldo tinha sido erguido sobre o gramado.

Os criados carregavam os pratos da casa, cristais e prataria, junto com ornamentos que seriam arrumados sobre as mesas, onde os convidados encontrariam as mais diversas iguarias.

Apenas um outro convidado tomava o café, na sala. Era um homem de negócios canadense, que se escondeu rapidamente atrás do *The Times*, ao ver Frank entrar, respondendo ao bom-dia que lhe deu e continuando a ler.

Frank serviu-se das imensas travessas de prata que haviam sido colocadas sobre a mesa e pegou uma xícara de café. Ia sentar-se, quando Edith entrou pelas portas que davam para o jardim. Usava uma blusa de bordado inglês e uma saia branca de linho. No cinto havia colocado duas rosas cor-de-rosa e na mão trazia um cravo vermelho escuro.

— Roubei isso na estufa para você — disse, timidamente, dando o cravo a Frank.

Ele agradeceu. A moça sentou-se a seu lado, enquanto ele comia, mas a presença do rapaz parecia tê-la deixado ainda mais tímida e insegura.

Foi Frank quem conversou o tempo todo. Edith respondeu às perguntas com monossílabos, olhando-o de esguelha e sem parar de brincar, nervosa, com as rosas do cinto, até que elas despetalaram.

— Está ansiosa pela festa desta tarde?

Edith sacudiu a cabeça.

— Vai ser horrível. Odeio essa festa. Mas papai acha que tem o dever de representar essa farsa todos os anos, fingindo que gosta de receber os vizinhos, e eles fingem que gostam de ser nossos convidados.

— Mas não gostam?

— Os importantes só vêm aqui para criticar — Edith disse, de mau humor. — Os outros ficariam contentes de ir a qualquer lugar, em troca de um almoço grátis.

Frank olhou-a, surpreso. Não tinha idéia dos sentimentos da garota e espantou-se com a amargura da voz dela.

Edith corou ao se sentir observada.

— Não estou criticando papai. Claro que não é isso. Mas... isto é, se eu tivesse dinheiro, jamais gastaria um tostão com o pessoal daqui.

Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, Helga entrou na sala e Frank levantou-se para cumprimentá-la.

Para ele, era difícil lembrar-se de qualquer outra pessoa, quando estava com Helga. Ela era linda, mas sua nova felicidade interior a deixava mais radiante do que nunca e conseguia eclipsar qualquer pessoa que estivesse por perto.

Seus olhos brilharam mais, quando falou com Frank, e parecia muito satisfeita, apesar de suas palavras serem simples e convencionais.

“Como é bonita!”, ele pensou.

Durante o resto do dia, não conseguiu desviar os olhos dela, empolgado com sua beleza. Disse a si mesmo, várias vezes, que Helga era maravilhosa.

Gostaria de ficar o tempo todo ao lado dela, mas não pôde segui-la enquanto a moça se movimentava entre os convidados de *sir* Alfred, conversando com eles, rindo, ouvindo-os com um ar atento, o que era um de seus maiores encantos.

Entretanto, naquela tarde, sempre que estava no jardim, Frank olhava em volta, procurava por ela, tentando avistar seu chapéu de abas largas, enfeitado com fitas verdes.

Wentworth Hall era uma casa de fazenda construída no fim do século XIX e sem nenhum atrativo especial. Ao contrário, chegava a ser feia e com um aspecto quase decadente, apesar da riqueza do proprietário.

As toras de carvalho pareciam falsas, as janelas e os tijolos vermelhos estavam parcialmente cobertos pela hera.

Entretanto, os gramados eram lindos, magníficos mesmo, cheios de flores silvestres e pequenos bosques que davam sombra e uma atmosfera romântica ao lugar.

Depois do chá, Frank achou que não agüentava mais a multidão e a banda vestida de vermelho que tocava sem parar e se afastou, após conversar com uma mulher que o aborrecera durante meia hora, insistindo para que a acompanhasse num jogo de *croquet*.

Frank caminhou durante dez minutos, até que o som da música e das vozes ficou distante e só conseguia perceber o canto dos pássaros.

Então, sentou-se debaixo de uma árvore e começou a pensar seriamente em si mesmo.

Para onde tudo aquilo o levaria? Pela primeira vez na vida, se encontrava em situação de fazer planos. Satisfeito, começou a sonhar, dando asas à imaginação e deixando que o levasse para longe.

Quando foi à casa de *sir* Alfred, para dizer que conhecia Cedric, agiu por oportunismo. Nunca desprezaria uma oportunidade como aquela que lhe caía do céu, mas não tinha planejado nada de concreto. Apenas, a situação lhe pareceu ter boas possibilidades. Não sabia exatamente quais; primeiro, precisava sentir o terreno onde pisava para depois decidir a melhor maneira de tirar proveito.

Durante os anos que viveu sozinho, Frank havia aprendido que os acontecimentos mais estranhos e até aparentemente desfavoráveis muitas vezes se mostram bons, dependendo de como se lida com eles.

Tinha percebido também que o mais importante para um homem sem fortuna como ele era o contato com as pessoas certas.

Só conhecendo mais gente e se tornando amigo de quem realmente interessava é que teria a chance de conseguir informações capazes de lhe trazer dinheiro ou, pelo menos, trabalho.

Se conseguisse atrair o interesse de *sir* Alfred, Frank pensou, tudo podia acontecer. Só não tinha previsto encontrar alguém como Helga. Por causa dela, não conseguia pensar em mais nada.

Gostava de mulheres. Tinha gostado delas durante toda a vida, não apenas porque o atraíam fisicamente, mas porque cuidavam dele e tinham pena de seu estado de penúria. Portanto, desempenhavam um papel importante em sua existência.

Frank era incapaz de conversar com qualquer mulher, jovem ou velha, sem flertar um pouco com ela, sem tentar agradá-la, o que geralmente conseguia, quase sem nenhum esforço.

Certamente, teria planejado ser encantador com a secretária de *sir* Alfred, se soubesse que o homem tinha uma; principalmente, para garantir que ela o ajudaria.

Entretanto, desde o primeiro momento em que conversou com Helga, no dia em que se encontraram, ela se tornou terrivelmente importante para ele, independente de seu trabalho e de sua posição naquela casa.

A princípio, Frank tentou dizer a si mesmo que aquilo era por causa da juventude e do ar saudável da moça e porque garotas vivendo de modo tão recluso não entravam em sua vida.

“Ela é uma novidade”, pensou, e logo estarei cansado.

Mas sabia que mentia a si mesmo. Sabia que entre ele e Helga já havia uma forte ligação e

uma atração maior do que a que costumava sentir.

Frank não tinha nenhum medo real do futuro. Com o dinheiro que conseguira ganhar em Ostend, sabia que poderia viver algum tempo, se fosse cuidadoso.

Sabia também que seu apartamentinho, mais a posição conquistada junto à família de *sir* Alfred, poderia lhe garantir a base para uma segurança futura.

A questão era: o que ele queria?

Antes, sempre que fazia a si mesmo essa pergunta, a resposta era: dinheiro, dinheiro e resolver o problema do momento.

Geralmente, estava sendo sustentado por alguma mulher que o adorava, trabalhando em empregos temporários ou lutando para que as donas de pensões não o expulsassem do quarto. Frank sentia que, cada vez mais, se aproximava o momento em que se tornaria seu próprio patrão.

O desejo de independência que o fez sair da casa dos pais e do emprego medíocre de secretário para um mundo tumultuado era o que o mantinha animado durante todos aqueles anos.

“Tenho que me libertar”, vivia repetindo.

Agora, de repente, não queria-se libertar de nada; só queria mais e mais o que estava tendo, mas não tinha certeza se conseguiria.

Aquela era a vida com que sempre havia sonhado.

A mesma idéia lhe passou pela cabeça, naquela noite, quando sentou-se para o jantar, observando a luz dos candelabros cintilando sobre a prataria, o brilho dos cristais e o brilho dos cabelos dourados de Helga.

Os criados se movimentavam em silêncio, levando e trazendo pratos que seguravam com luvas brancas.

De repente, Frank teve a vontade maluca de puxar conversa, dizendo.

— Há algum tempo, na época em que eu morava numa pensão em Bermondsey.

Imaginou o que aconteceria, se falasse aquilo. Como aquelas pessoas, tão corretas, tão bem vestidas, tão esnobes e preconceituosas reagiriam. Sentia que só Helga ia entender. Depois achou que, talvez, nem mesmo ela entendesse.

Por que entenderia? O que ela conhecia da pobreza, da fome e das vidas feias e miseráveis das pessoas com as quais ele havia convivido?

As senhoras saíram da sala, os homens começaram uma série de discussões financeiras e, finalmente, largaram os charutos e caminharam para as mesas de bridge.

Frank ganhou a primeira partida e teve a felicidade de pegar um parceiro velho, que logo se cansou e quis ir dormir.

Assim, por volta da meia-noite, pôde, educadamente, recusar outra partida e ir também para a cama, sem arriscar o que tinha ganho naquela noite.

Antes de subir para o quarto, foi até o jardim para respirar um pouco de ar puro. A noite estava abafada e quieta.

Ao longe, no bosque, uma coruja piou e, dos aposentos dos criados, veio o som triste de um piano. Depois, tudo ficou em absoluto silêncio.

Frank caminhou pelo gramado, até o jardim diante da casa. Só os aposentos do térreo estavam iluminados. Os do andar de cima permaneciam na escuridão. Através de uma janela aberta, viu algo se mexendo e percebeu que alguém o observava por trás das cortinas.

Tinha quase certeza de quem era e sentiu-se emocionado. Naquele mesmo dia, Helga havia surgido naquela janela para chamar Edith no jardim.

Agora, estava lá, novamente. Era uma figura nas sombras. Uma figura cinzenta, da qual ele mal percebia os contornos. Mas sabia que era ela, e caminhou até ficar debaixo da janela. Então

chamou, baixinho.

— Helga!

Durante um momento, não teve resposta, como se ela hesitasse. Depois, sua cabeça e os ombros apareceram nitidamente na janela. Debruçou-se um pouco e perguntou:

— Como sabia que era eu?

— Quer que lhe diga?

— Fique quieto! Alguém pode nos ouvir.

— Então, vou subir para lhe contar.

— Não! Não pode.

— Por quê? — Frank disse, em tom de desafio, e, sem mais conversa, entrou na casa.

Cruzou a porta do jardim e caminhou pelo corredor que ia dar no hall. Subiu a escada de dois em dois degraus, dizendo boa-noite a um velho mordomo que passava apressado em direção à sala e mal reparou nele.

Depois do primeiro lance, a escadaria se dividia em duas, cada uma seguindo para um lado da casa.

Rapidamente, Frank venceu os últimos degraus acarpetados. Quando chegou ao andar que queria, não teve nenhuma dificuldade em saber qual era o quarto dela.

Hesitou um instante antes de girar a maçaneta. Será que a porta estava trancada? Será que Helga, com medo, tinha colocado algum móvel atrás da porta?

Respirou fundo, abriu e entrou.

Estava tudo escuro. Durante um momento, ele ficou imóvel, achando que tinha entrado em quarto errado. Depois, um leve movimento traiu a presença da moça.

Estendeu-os braços para ela e puxou-a para si. Helga deu um suspiro que mais parecia um gemido.

Quando os lábios de Frank encontraram os dela, a moça tentou empurrá-lo.

— Não. — murmurou. — Não, querido, não...

Sua resistência, o calor de seu corpo e seu perfume, de repente, estavam levando Frank à loucura.

Ansioso, quase com crueldade, ele a abraçou, beijando-a selvagememente no rosto, no pescoço...

Sentiu então que ela correspondia a seus beijos. Sabia que também estava encantada com a beleza de tudo aquilo, uma beleza além das palavras, além da razão.

— Eu a amo... eu quero você... você é minha... minha... — disse, rouco.

Seus beijos se tornaram mais e mais insistentes, exigentes. Tomou Helga nos braços e levou-a para a cama.

Colocou-a deitada e deitou ao lado, as mãos acariciando-lhe o corpo e os beijos mantendo-a cativa.

Ela deu um gritinho:

— Não, Frank! Por favor! Está me machucando!

Era um grito infantil, e Frank ficou imóvel.

— Acha que eu seria capaz de machucá-la? Minha querida, meu amor, isso é diferente de tudo que senti antes.

Encostou o rosto no dela, segurando-lhe a cabeça com carinho.

— Escute, querida: você é tudo que sempre desejei e nem sabia que existia. Eu a adoro. Não apenas em minha mente, mas de todo o coração e com toda a minha alma.

Sentiu que Helga respirava fundo e então acrescentou, rapidamente:

— Um dia... só Deus sabe quando... você vai ser minha esposa. Eu juro!

CAPÍTULO V

Escovando roupas na lavanderia e assobiando, William viu, pela janela aberta, quando Frank saiu para um passeio com Helga e Edith. Todos que tinham vindo para a festa em Newmarket estavam partindo para Londres, e Frank acompanhou as moças numa última caminhada pelos bosques, antes que a carruagem chegasse para levá-los até a estação.

Estava um dia nublado, e tanto Helga quanto Edith usavam suéteres sobre as saias de sarja.

Frank sentia-se aborrecido, pois, no último momento, Edith resolvera ir com ele e Helga.

Ela não gostava muito de andar a pé, e ele teve esperança de que as nuvens carregadas e ameaçadoras a fizessem ficar em casa, porque assim teria a chance de passar alguns momentos a sós com Helga.

Mas Edith foi firme: queria tomar um pouco de ar puro. Frank e Helga não tiveram outro jeito, senão concordar.

Talvez fosse a consciência pesada dos dois que os fizesse dar muita atenção a Edith, naqueles dias. Quando a garota os acompanhava, Frank conversava quase que exclusivamente com ela, e Helga apreciava isso, pois era evidente que o interesse dele dava muito prazer a Edith.

Os três tinham prolongado aquela visita a Newmarket em mais uma semana.

O clima estava quente, e *sir* Alfred sugeriu que não voltassem com ele a Londres no dia em que partiu.

A idéia foi recebida com entusiasmo. Os outros convidados se dispersaram e os três jovens ficaram sozinhos.

Um bom observador poderia talvez ter notado a felicidade de Helga e talvez descobrisse o motivo.

Mas, na casa, todos que a conheciam há tanto tempo sabiam que era sempre alegre e satisfeita e não perceberam nenhuma mudança em sua personalidade.

Para Frank, depois da primeira noite em que a tomou nos braços, ela se tornava cada vez mais amada. A cada manhã, ele acordava apreensivo, imaginando se ela ainda o amava.

Helga tinha trazido para a vida dele algo completamente novo e desconhecido. Algo muito mais importante do que imaginava: o amor. Mas, como a moça sempre vivera uma vida isolada, Frank tinha medo de assustá-la e perdê-la com a violência de sua paixão.

Ela continuava pura, mas, ao mesmo tempo, os beijos dele tinham sido os de um amante, naquela noite em que ficaram deitados no quarto dela. Será que agora, de cabeça mais fria, não se sentiria chocada e deixaria de confiar nele? Frank percebeu que Helga era muito inocente e inexperiente.

Quando, finalmente, a viu a sós, percebeu pela primeira vez que Helga não era apenas uma mulher bonita e atraente, mas tinha muito caráter e personalidade.

Isso era um delicioso complemento para sua beleza mas, no momento, só importava que ela o desejava e era correspondida.

A moça vivia momentos de completa felicidade, coisa que nunca lhe acontecera, sentindo intensamente cada segundo que passava na companhia de Frank.

Entretanto, havia horas em que ele gostaria de se ajoelhar aos pés dela, pois parecia transfigurada de amor, uma mulher glorificada por algo mais grandioso do que uma simples emoção humana.

Não tinha a timidez nem a modéstia fingida das mulheres de sua geração.

Ao invés disso, abria completamente os braços para ele, ansiosa para lhe dar e receber amor, pronta para lhe entregar seu destino e todos os seus sentimentos sem reservas e sem pensar nas possíveis conseqüências.

Para Frank, Helga foi uma maravilhosa e desconcertante revelação, pois seu amor era totalmente sem egoísmo, e parecia disposta a se dar inteira, sem pedir nada em troca.

Não fazia nenhuma exigência, não era possessiva nem autoritária, e cada hora que passavam juntos os tornava ainda mais próximos e dependentes um do outro.

Em público, o único indício da paixão dos dois era o fato de evitarem se olhar nos olhos e a dificuldade que encontravam em falar sobre assuntos gerais.

Edith se beneficiava com isso, pois ambos a enchiam de atenções e ela conseguia sair de sua reserva habitual.

Além do amor de Frank por Helga, aquele passeio tinha sido um sucesso em outros aspectos. *Sir* Alfred mostrara que gostava do rapaz e o considerava uma boa companhia para a filha e a secretária. Suas boas maneiras, sua gentileza e paciência para com os mais velhos e sua vontade de ser útil lhe deram a simpatia do anfitrião.

Entretanto, a situação financeira de Frank não era nada boa.

Graças a William e à ajuda do garoto das cocheiras, ele contara com cinquenta libras de lucro nas corridas, mas no bridge não teve tanta sorte.

Não podia se recusar a apostar com os amigos de *sir* Alfred e, como não tinha a experiência de nenhum deles, perdia muitas partidas.

Felizmente, as apostas nas corridas lhe davam a chance de pagar as dívidas das cartas. Mesmo assim, estava apavorado com suas constantes perdas. Sabia que, naquela casa, não poderia deixar de pagar uma dívida de jogo, ou simplesmente fingir que as esquecia, como costumava fazer.

Pelo menos no que dizia respeito a jogos, os amigos de *sir* Alfred tinham um rigoroso código de honra. Frank não se iludia: a mais leve desconfiança de que estava tentando um golpe o colocaria do lado de fora da porta. Daquela e de muitas outras.

Não queria que isso acontecesse, por vários motivos. Principalmente, pelo muito que Helga significava agora, em sua vida.

Além do mais, era a primeira vez que estava realmente aproveitando o luxo e a riqueza, que traz empregados bem treinados, boa comida e bons vinhos, o conforto de uma casa agradável e a atmosfera de segurança.

Ali existia algo que ele nunca tinha conhecido. E, quando *sir* Alfred se afastava, não havia nem mesmo as conversas sobre finanças para perturbar o encanto dos jardins que faziam Frank se sentir como personagem de uma história de fadas.

De um modo quase infantil, sonhava em ter, um dia, uma casa exatamente como aquela, onde poderia morar com sua esposa Helga e ter uma família grande e feliz, longe do barulho e dos vícios das grandes cidades.

Não conseguia imaginar o futuro sem Helga e ainda nem sabia se ela sentia a mesma coisa!

Tirou o chapéu, enquanto caminhava, e sentiu o vento frio na testa. Logo deixariam aquele paraíso. O que estaria reservado para eles em Londres?

— Que barulho os pombos estão fazendo — Edith comentou, de repente.

— É o som mais feliz do mundo — Frank respondeu —, os pombos estão fazendo amor.

Olhou para Helga enquanto falava, mas ela estava com o olhar perdido ao longe e sorriu levemente, como que demonstrando que seus pensamentos eram alegres.

Frank sabia que não podia permanecer ao lado dela, sem que a palavra amor viesse

constantemente à sua mente. Estava tão linda, com os cabelos puxados para trás! Parecia tão jovem e adorável, apesar do penteado severo.

Seria verdade que ele tinha entrado em seu quarto e murmurado palavras românticas sobre aqueles cabelos dourados que caíam soltos até os ombros?

De repente, levou um susto, percebendo que se distraíra com seus pensamentos e Edith estava falando alguma coisa.

— ...Não é? — ele a ouviu dizendo.

— Não é o quê? — Frank perguntou. — Perdoe-me, mas eu estava pensando em outra coisa.

— Eu disse — Edith falou, agora hesitante, obviamente confusa com a falta de atenção: você já esteve apaixonado, não é?

Ela o olhou de um modo estranho, mas Frank procurou responder com calma.

— Claro que sim. E você?

Ela sacudiu a cabeça, e os três permaneceram em silêncio, caminhando mais algum tempo.

Voltaram devagar e, quando viram a casa surgindo ao longe, Frank suspirou:

— Odeio ter de partir. Nem sei dizer como fui feliz esta semana. Acho que nunca me senti tão bem. Gostaria que a festa não tivesse acabado.

— Eu também — Helga falou, tão baixinho que só Frank a ouviu.

— Deve voltar outras vezes — Edith disse. — Prometa que voltará. Tenho certeza de que papai vai convidá-lo na próxima semana. Ele estava falando sobre isso ontem à noite, quando contou que convidou *sir* Jasper e mais três outros amigos. Disse que Helga e eu temos que dar um jeito de vir para cá. Você virá também, não é?

— Eu gostaria.

O convite foi repetido, mais tarde, por *sir* Alfred.

Frank aceitou sem hesitar e, para sua surpresa e grande alegria, o velho acrescentou:

— Então, está combinado. Mas espero que vejamos você antes disso.

Frank imaginou por que *sir* Alfred faria tanta questão de sua presença, sem sequer conhecê-lo bem.

Acreditava que um astuto homem de negócios escolhesse os amigos da filha com tanto cuidado quanto, escolhia os empregados de seu escritório. E ninguém, sem uma carta de referências, poderia pensar em trabalhar com aquele homem.

Mas *sir* Alfred parecia ter julgado Frank pelas aparências e estar satisfeito com o que via.

Não sabia que o velho não queria que a filha escolhesse amigos entre os homens de negócios com quem trabalhava, nem entre suas famílias, pois, após quase quarenta anos na Bolsa de Valores, *sir* Alfred tinha poucas ilusões sobre os colegas, fossem eles amigos ou não.

Frank escovou os cabelos diante do espelho rachado e desbotado, colocado sobre uma cômoda muito velha, pintada de branco, que lhe servia de penteadeira.

O quarto era pequeno e escuro; a única janela dava para os fundos de outra casa e apenas um espaço pequeno separava uma da outra.

Cortinas de renda rasgadas e precisando serem lavadas tinham sido penduradas com descuido nas janelas encardidas.

O dia estava lindo, mas dali Frank nunca perceberia o brilho do sol, lá fora.

Não havia nada que recomendasse o número 95 da rua Albert, a não ser a proximidade do Museu Britânico e o fato de a senhoria ter bom humor e ser muito generosa com os inquilinos de boa aparência.

Ela era irlandesa, sua casa, suja e desarrumada, mas Frank já estava devendo uma semana de

aluguel e não tinha esperanças de pagar. Nem medo, pois sabia que ela não o jogaria na rua.

Já recebera muitas ameaças, mas sempre implorava mais tempo e prometia-arranjar o dinheiro. Apesar de saber, que não havia chance de ele cumprir as promessas, a sra. O'Hara tinha bom coração talvez devido ao encanto de Frank e o deixava continuar morando nos fundos do segundo andar.

Todos os inquilinos da sra. O'Hara eram cavalheiros. Pelo menos era o que ela dizia. O mais certo seria dizer que eram todos homens, pois não hospedava mulheres.

Havia uma turma grande ali, apesar de a casa ser pequena e estar precisando de uma reforma.

Geralmente, tinha como hóspedes dois ou três estudantes, um indiano e muitos orientais, donos de lojas nas vizinhanças.

Um dos sótãos havia sido alugado por um garçom de um café das redondezas, e o primeiro andar, o mais caro da casa, era ocupado por um massagista, cujo consultório ficava numa rua elegante, ali nas proximidades.

Apesar de morarem juntos, a sra. O'Hara não gostava de conversar com eles. Apenas lhes dava cama e o café da manhã. Mas apreciava Frank, pois acreditava firmemente, baseada não se sabe em quê, que ele dava classe à sua casa.

Quando afirmava isso para os vizinhos, ninguém a desmentia. A mulher tinha a maior segurança em dizer que era capaz de reconhecer um cavalheiro quando via um.

Depois da visita bem-sucedida de Frank a Ostend e após não conseguir ficar mais tempo com os amigos que havia feito, ele voltou para a casa da sra. O'Hara. Nunca lhe passou pela cabeça ir para um lugar melhor ou mais caro.

Seu quarto, naturalmente, tinha sido alugado para outra pessoa, enquanto esteve fora, e suas coisas foram guardadas numa caixa de papelão, no porão.

Frank tinha trazido, de Ostend, para a sra. O'Hara uma almofada de alfinetes de veludo, enfeitada com conchas, e um quadrinho retratando a praia. Ela ficou encantada e pendurou o quadro logo na entrada, mostrando-o, orgulhosa, aos visitantes.

Ao voltar de Newmarket, a primeira coisa que Frank fez foi examinar os lençóis, pois comentava-se que a sra. O'Hara trocava os inquilinos, mas não trocava os lençóis.

Claro que a roupa de cama era barata e de algodão e nunca mais recuperaria a brancura original. Mas Frank viu que, naquela ocasião, estavam muito limpos, e dormiu tranquilamente até as oito horas do dia seguinte.

Tinha se acostumado com a dureza da cama e a diferença de ambiente não perturbou seu sono.

Antes de se vestir, naquela manhã, engraxou os sapatos, que ainda brilhavam depois de terem sido bem tratados pelo engraxate de Wentrth Hall.

Eram sapatos novos... pelo menos, para Frank, pois já tinham pertencido a outra pessoa.

Quando tinha dinheiro, não era estúpido de gastar grandes quantias, entretanto, foi a um fabricante de botas, sabendo que bons sapatos eram algo muito importante para dar aparência de homem bem-sucedido.

Havia detalhes errados, se alguém soubesse procurá-los na figura dele. Mas Frank tinha se tornado simpático ao dono da pequena loja, de Strand, cujos fregueses eram principalmente muitos atores de salário baixo e cavalheiros com dificuldades financeiras temporárias.

Por sorte, ele era de tamanho médio, e ficava mais fácil comprar bons ternos de segunda mão, que precisavam apenas de ligeiros ajustes. Assim, gastando pouco, dava a impressão de ter-se vestido em Saville Row.

Naquela manhã de muito vento, Frank terminou de engraxar os sapatos e calçou-os, depois

abriu a gaveta e procurou uma camisa limpa, pois ia ver Helga, mais tarde.

Franziu as sobrancelhas, ao ver que a lavanderia não só tinha rasgado sua camisa em dois lugares como também perdido um botão na frente.

Ficou consolado ao ver que nada disso apareceria sob o casaco, mas era triste saber que teria de levar aquela camisa quando fosse Newmarket, no dia seguinte.

Quando terminou de se arrumar, pegou o casaco e vestiu, arrumando o lençinho de seda branca no bolso da lapela.

De um dos bolsos tirou um lenço que eslava sujo demais para ser usado novamente. Tirou também várias passagens de ônibus, que havia comprado no dia anterior.

Depois bateu no bolso do peito, para verificar se a carteira ainda estava lá. Entretanto, não sentiu o volume costumeiro e levou um susto.

Apressado, abriu o casaco e olhou o bolso de dentro. Estava vazio.

Durante um momento, ficou olhando, sem acreditar. Depois começou a procurar, desesperado, pelo quarto.

Levantou a cadeira, onde havia colocado suas roupas na noite anterior, escancarou as gavetas, jogou longe o chapéu e as luvas. Olhou embaixo da cama e embaixo da pia; não viu nem sinal da carteira. Parou, imóvel, no centro do quarto e olhou para sua imagem no espelho.

Ficou surpreso ao ver que tinha a aparência de sempre, talvez um pouco mais preocupado. Mas absolutamente não parecia o que era: um homem falido.

O que havia acontecido era simples, mas catastrófico: tinham roubado sua carteira com tudo que possuía: vinte e oito moedas enroladas numa bolsa de lona e colocadas numa carteira de couro barata.

Talvez tivesse sido imprudência carregar aquela fortuna, mas não soube o que fazer com o dinheiro.

Jamais teve conta em banco e não se sentia inclinado a fazer isso, mesmo depois de ter voltado com dinheiro de Ostend, que, afinal, não demoraria muito tempo a gastar. Para abrir a conta, teria que responder a muitas perguntas, principalmente sobre seu endereço e profissão e não desejava fazer isso.

Não havia também a menor possibilidade de deixar o dinheiro com a sra. O'Hara: além de ainda estar lhe devendo o aluguel, ela não lhe inspirava nenhuma confiança.

Era uma mulher curiosa e nunca disfarçou o fato de ter espionado as gavetas dele, seus armários e bagagens, assim como a de todos os inquilinos. Nem sequer se importava em pedir desculpas, se era apanhada em flagrante.

Era uma mulher mais ou menos honesta, desde que o aluguel estivesse pago. Mas, se o inquilino atrasava o pagamento, sentia-se com todo o direito de mexer nas coisas dele para ver se não havia dinheiro escondido.

Entretanto, os outros moradores da casa tinham um código de ética próprio. Estavam constantemente pedindo dinheiro emprestado uns para os outros e, se não conseguissem, não sentiam o menor escrúpulo de arranjar do jeito que fosse possível.

Frank viu que não lhe sobravam muitas esperanças. Resolveu que o mais seguro era carregar o dinheiro consigo, enrolando as moedas em papel para que não tilintassem e não fizessem muito volume sob o casaco.

No bolso da calça, levava alguns trocados, e agora só possuía doze *shillings* e quatro *pence*.

Lembrou que tinha trocado seis *pence* no ônibus em que voltara para casa, na noite anterior.

Era uma noite chuvosa, depois de um dia inteiro igualmente úmido e frio.

Tinha comido um sanduíche e tomado um copo de cerveja num bar que freqüentava sempre

e onde costumava encontrar conhecidos. Mas, na noite anterior, não teve sorte e acabou sendo obrigado a pagar o próprio jantar. Achou que, nessas condições, seria melhor dormir cedo.

Havia uma multidão esperando o ônibus e todos queriam entrar ao mesmo tempo, para fugir da chuva.

Frank empurrou algumas pessoas, os homens xingaram, as mulheres riram.

“Deve ter sido nesse momento, pensou, que alguém aproveitou e me levou a carteira”.

Teria sido fácil, pois a aglomeração era grande e com muitos guarda-chuvas.

Nem tinha pensado em olhar o dinheiro quando chegou em casa e foi para o quarto. Trancou a porta antes de dormir; por isso, sabia que não podia ter sido nenhum dos inquilinos. Na verdade, sabia que a culpa de tudo era unicamente sua.

Os batedores de carteira nunca lhe passaram pela cabeça, quando procurou um esconderijo para o dinheiro.

Sentiu-se preparado para enfrentar ladrões, tanto na casa como em Wentworth Hall. Sempre carregava a carteira durante o dia e, à noite, a colocava debaixo do travesseiro.

Agora, o arrependimento não ia ajudar em nada. O dinheiro tinha desaparecido e ele sabia que, no momento, não havia a menor chance de conseguir mais, a não ser que o fim de semana com os amigos de *sir* Alfred fosse lucrativo.

Será que conseguiria evitar as mesas de bridge? Será que teria a mesma sorte nas corridas? Era difícil pensar numa boa desculpa para não apostar.

Sir Alfred esperava que seus convidados jogassem bridge e, provavelmente, tinha convidado o número certo para formar duas ou três mesas.

Talvez fosse preferível não ir. Mas, em Londres, sua situação era muito pior.

Tinha pago parte dos aluguéis atrasados, mas a sra. O'Hara já estaria esperando o próximo pagamento no dia seguinte, antes que ele partisse. Mesmo que inventasse uma história e não lhe desse nada, não conseguiria sobreviver muito tempo com doze *shillings*.

Frank caminhou pelo quarto, tentando encontrar uma solução para aquele problema.

Não podia procurar ninguém para contar sua história trágica. A sra. O'Hara ia ficar furiosa, só em pensar que um de seus inquilinos só possuía doze *shillings*.

Frank já podia imaginar o espanto de *sir* Alfred e depois a surpresa em saber que carregava consigo todo o dinheiro que tinha e que seus bens cabiam numa carteira.

Com mulheres como Helga e Edith, ele não falava sobre dinheiro. Portanto, elas não lhe seriam de nenhuma ajuda.

A única pessoa indicada para ouvir suas confidências era William. Ele poderia ajudá-lo, depois que chegasse a Wentworth Hall, não apenas com sua simpatia, mas com conselhos, práticos.

Mas, como ir até lá sem dinheiro?

Como? Como?

CAPÍTULO VI

Frank chegou na casa de *sir* Alfred na hora do chá e havia decidido contar a Helga o que acontecera.

Sentia que não podia mais continuar fingindo para ela, porque a tensão em que estava certamente estragaria seu fim de semana.

“Helga, ele pensava, lhe daria algum conselho”.

Será que devia procurar *sir* Alfred e lhe pedir um emprego? Ou continuar se fingindo de amigo de Cedric e pedir um pequeno empréstimo, até que a situação melhorasse?

Não se sentia confiante. Tinha certeza de que *sir* Alfred, sendo um homem de negócios, não gostava de emprestar dinheiro. No passado, muitas vezes ouvira homens como aquele comentarem:

— Meu rapaz, eu nunca empresto dinheiro. Prefiro dá-lo.

Não sabia que desculpa poderia arranjar para ver Helga a sós. Quando a porta se abriu, entregou o chapéu e a bengala ao mordomo e entrou com naturalidade como se fosse esperado.

Foi conduzido ao andar de cima, à pequena sala que dava para a sala de estar, onde geralmente as duas moças passavam a tarde. Comparado com os outros aposentos da casa, aquele era decorado com simplicidade.

Edith tinha seu próprio quarto, no outro andar, onde costumava estudar, e Helga passava a maior parte do tempo na biblioteca, onde desempenhava o trabalho de secretária de *sir* Alfred.

A saleta era uma espécie de território neutro para Edith receber os amigos.

Ela estava sentada perto da janela, lendo um livro, quando Frank foi anunciado. Ergueu a cabeça e levantou-se, aproximando-se para cumprimentá-lo.

“É extraordinário, ele pensou, como essa moça tão rica parece tão insignificante.”

Helga era mais alta e forte, e todos os seus movimentos possuíam graça e ritmo, enquanto Edith tinha o ar de um jovem potro, confuso com suas pernas e braços, e olhando surpreso para sua falta de coordenação.

— Que bom que você veio — ela disse, animada.

Havia calor em sua voz, e Frank sabia que se sentia sinceramente satisfeita.

— Não esperava ter a sorte de encontrar você sozinha — ele mentiu, sorrindo.

Não conseguia deixar de flertar com todas as mulheres, mesmo as menos atraentes. Era quase um reflexo nele. Entretanto, seus pensamentos estavam longe dali.

Sentaram-se no sofá branco, perto da lareira, e logo em seguida o mordomo entrou com uma enorme bandeja de prata contendo chá, bolo e vários sanduíches.

A casa de *sir* Alfred era conhecida pelas refeições fartas e Frank se sentira muito agradecido a isso, tendo jantado ali diversas vezes.

Apesar de seus problemas, estava faminto, pois não tinha comido nada desde o café da manhã.

— Todos os meus planos foram estragados — Edith disse. — Helga e eu estamos muito aborrecidas com isso.

— Por quê? — O que aconteceu?

— Sabia que íamos para Newmarket amanhã, não é? Bem, papai resolveu esta manhã que somente os homens irão. Um dos amigos dele... não sei qual ia levar a esposa, mas ela ficou doente. Assim, sobraram oito homens e duas mulheres. Papai acha que é melhor Helga e eu ficarmos aqui. Claro que você deve ir, mas nós duas estamos furiosas por termos sido jogadas de lado, assim sem mais nem menos.

— É muito aborrecido. Eu estava tão ansioso para passarmos mais alguns dias felizes em Wentworth Hall. Será que não pode convencer seu pai a mudar de idéia?

Enquanto falava, Frank imaginava se *sir* Alfred seria um homem difícil de ser influenciado pelas mulheres.

Talvez fosse melhor falar com ele naquela noite, antes que partisse para o campo. Ou seria melhor esperar um pouco, antes de tratar de um assunto tão delicado?

— Helga teve que ir a Newmarket hoje — Edith disse — para fazer alguns arranjos. Ela vai

voltar esta noite... mas só muito tarde. Acho tudo isso tão injusto!

O coração de Frank diminuiu. Aquela era uma péssima notícia, que ele não tinha previsto. Sentia desesperadamente que devia pedir o conselho de Helga, antes de agir.

Ela conhecia bem *sir* Alfred e saberia qual a melhor maneira de abordar o homem.

Seria ridículo não aproveitar a experiência dela; entretanto, sua ausência e o fato de que o velho viajaria no dia seguinte tornavam tudo muito mais difícil.

— A que horas ela volta? — ele perguntou, fingindo indiferença.

Achava que poderia lhe deixar um bilhete, pedindo que o encontrasse com urgência em algum lugar, a qualquer hora, tão logo voltasse.

— Não sei. Acho que depois do jantar. Por que não fica e janta comigo? Eu estarei sozinha, pois papai recebeu um recado da Bolsa há duas horas, para ir a uma reunião de negócios e não deve voltar tão cedo.

Aquele convite informal, feito de surpresa, significava que Frank era realmente considerado não apenas um amigo, mas um amigo íntimo da família.

Estando sozinha, Edith possuía muito mais liberdade do que as moças da sua época. Se não se divertia mais nem freqüentava a sociedade, era porque não queria.

Sabendo que não conseguiria ficar sozinho naquele momento, Frank aceitou. Pelo menos, teria uma boa refeição grátis. E sentiu-se menos infeliz.

Talvez conseguisse ver Helga; afinal, já era um grande consolo. De qualquer modo, não teria oportunidade de falar com *sir* Alfred naquele dia.

Quem sabe a ausência do dono da casa não era um sinal do destino? Um aviso de que seria melhor esperar para discutir seu problema no fim de semana, quando teria alguns momentos a sós com ele.

Mas o coração de Frank se entristeceu, ao pensar em Wentworth Hall sem Helga. O fato de estarem indo oito pessoas também o preocupava: significava que teriam duas mesas de bridge.

Ao mesmo tempo, era extremamente importante ficar bem com Edith. Tinha certeza de que a garota o apreciava, não apenas por causa de Cedric, mas por ele mesmo.

Estava resolvido, caso *sir* Alfred recusasse a ajuda, ia pedir a interferência de Edith, para evitar que fosse expulso daquela casa.

Ela podia ser convencida a falar. Quando não se deixava dominar pela timidez costumeira, era uma garota até muito inteligente. Bastava que alguém a estimulasse. Sempre que Frank mantinha uma conversa aberta com ela, a moça ria e se divertia muito.

Pensando em Edith como uma pessoa e não como a sombra de Helga, ele percebeu a crueldade do destino. Helga, apesar de ser uma das poucas amigas da outra, não era a pessoa mais indicada para acompanhá-la.

Ninguém acharia a rica herdeira atraente, se a governanta estivesse por perto. Inconscientemente, apagava completamente a figura de Edith e não podia evitar.

Frank imaginou quanto tempo demoraria ainda para Edith perceber isso.

Naquele momento, a moça era muito ingênua e gostava da admiração que Helga recebia, principalmente por parte dos amigos de *sir* Alfred.

O luto fechado que usara pela morte do irmão a impediu de ir a qualquer lugar. Agora, Helga e *sir* Alfred tinham planejado festas para ela, durante os meses do inverno, e seu baile de apresentação à corte teria lugar no próximo ano.

Apesar de Edith ainda não saber, o pai tinha discutido com Helga a possibilidade de contratarem uma governanta e acompanhante para a moça, com a posição social adequada.

Várias senhoras estavam dispostas, em troca de uma boa quantia, a apresentarem a jovem

junto com suas filhas e garantir sua entrada no círculo social adequado.

Achando graça do rosto enrubescido de Edith e de seus olhos brilhantes, Frank pensou que a garota poderia ter uma boa vida, se resolvesse se divertir.

Helga tinha lhe contado como ela se tornara difícil depois da morte de Cedric. Intimamente, ela achava que essa fraqueza revelava uma falha de educação. Não fazia sentido nem era normal que perdesse tantos meses chorando um irmão morto, que não valia nada daquela tristeza.

Claro que ainda conversavam sobre Cedric, mas Frank e Edith tinham descoberto que havia bem pouco a dizer sobre o jovem que terminara seus dias de modo tão trágico.

Era estranho que um homem chegasse à idade de vinte e quatro anos, sem ter feito nada importante no mundo.

Helga lhe havia dito francamente que não gostava de Cedric e ele sabia disso, e que *sir* Alfred não lamentara muito a perda do filho.

“Se eu morresse esta noite, Frank pensou, acho que poucos se lembrariam de mim”.

Lembrou os últimos anos. Havia, pelo menos, uma dúzia de mulheres que pensariam nele com saudade. Será que Helga sentiria sua falta? Ao imaginar isso, percebeu que, outra vez, seu pensamento se desviava completamente para ela, e era difícil prestar atenção no que Edith dizia.

Resolveram que Frank não voltaria para casa para se trocar, antes do jantar, pois Edith ia estar sozinha e pediria a refeição mais cedo.

Frank ficou esperando na saleta branca, enquanto ela trocava o vestido por outro de *chiffon* coral. Tinha sido escolhido por Helga e comprado numa das lojas mais caras de Hanover Square. Favorecia o corpo de Edith e salientava bastante seus olhos e cabelos escuros.

Estava muito satisfeita com aquele jantar a sós com Frank. Quando se sentaram à grande mesa de mogno, servidos pelo copeiro e dois ajudantes, começou a conversar, muito animada.

Frank apreciou a refeição e o vinho excelente e disse a si mesmo que estava reforçando sua amizade com a garota e que um jantar íntimo representava um grande passo nessa direção.

Depois de um cálice de vinho do porto, começou a se tornar mais confiante. Chegou mesmo a imaginar qual seria a reação dela, se soubesse de seus problemas. Mas acabou decidindo que a garota era inexperiente demais.

Além do mais, *sir* Alfred poderia interpretar mal tudo aquilo, poderia não gostar da idéia de a filha ajudá-lo, e tornar as coisas mais difíceis.

Frank procurou dizer a Edith quanto as últimas semanas tinham sido importantes para ele e a felicidade que tinha sentido com a companhia dela e de Helga.

— Eu já tinha esquecido o que é a vida em família. Desde que minha mãe morreu, não soube mais o que era ter um lar de verdade.

— Fale-me sobre sua mãe.

Frank contou uma história enfeitada de como havia saído de casa na noite da morte da mãe.

— Mas, por que você fez isso? Não tinha dinheiro, nem amigos, nem emprego?

Ele sorriu, displicente.

— Oh, eu consegui sobreviver. Tinha um espírito muito aventureiro. Mas houve momentos de solidão, quando percebi que não possuía um único amigo no mundo inteiro e não podia contar com ninguém, caso tivesse problemas.

Depois de uma ligeira pausa, continuou:

— E é por isso que agora me sinto agradecido e feliz em saber que tenho você como amiga. É verdade, não é... que se sente minha amiga?

Edith corou.

— Mas sabe que sou sua amiga... pelo menos, quero ser.

Depois de um momento em silêncio, ela fez uma pergunta que o pegou de surpresa.

— Se não tinha dinheiro, como consegue se sustentar? Você não trabalha.

Frank hesitou para responder. Pesou rapidamente a situação e resolveu contar a verdade:

— Não tenho muito dinheiro. Consegui me manter durante algum tempo vivendo modestamente, mas agora acabou.

Serviu-se de um pouco de licor e, quando os criados saíram, pegou um charuto, pedindo permissão para Edith. Distraída, ela lhe disse que podia fumar. Estava pensativa e parecia abalada com o que tinha acabado de ouvir.

— Onde você mora? É engraçado, mas só ontem à noite me dei conta de que, depois de conhecê-lo já há algum tempo, não sei nada a seu respeito. Nem sequer seu endereço.

— E não saberia, mesmo se eu lhe dissesse. Certamente, não moro numa rua familiar a você ou a Helga. Posso adiantar apenas que é perto do Museu Britânico.

— É um apartamento?

Frank riu, pensando no quarto sórdido e na sujeira da escada, nos corredores sem luz que estavam à sua espera, quando chegasse em casa, naquela noite.

— É o que chamam de hotel para cavalheiros. A sra. O'Hara é a dona e tem muito orgulho do lugar, mas posso apostar que nem mesmo um dos criados, desta casa, veria aquele lugar com grande admiração.

“Será que estou sendo indiscreto?”, Frank pensou. Entretanto, que mal posso causar em lhe dizer o que disse?”

— Mas, Frank! Se quer a sua casa... um lar ou um lugar onde possa ter suas coisas, seus móveis e seus criados... está se sentindo feliz nesse hotel? Não posso acreditar que esteja.

— Uma casa é o que mais desejo na vida. Mas querer, apenas não basta. Se você conhecer algum jeito de eu conseguir isso ficarei muito agradecido.

Durante um momento, Edith ficou em silêncio. Quando falou, foi num fio de voz:

— Você podia casar comigo.

Frank arregalou os olhos, como se tivesse ficado louco. Depois largou o charuto e a encarou.

Ela não o olhou nos olhos. Estava com o olhar fixo no garfo de sobremesa, com o qual brincava sobre a toalha.

— O que você disse?

Sem esperar a resposta, continuou:

— Minha querida, acho que não sabe o que está falando... nem se está falando sério.

Frank não conseguia acreditar no que tinha ouvido.

Um pensamento estranho surgiu em sua mente. Edith estava se divertindo às custas dele, estava fazendo alguma piada. Mas, olhando melhor para ela, percebeu que tinha sido sincera. Havia mesmo feito uma proposta de casamento.

— Já estou pensando nisso há algum tempo — Edith disse, numa voz que mal podia ser ouvida. — Achei que continuava vindo aqui, não apenas porque era amigo de Cedric, mas porque tinha começado a gostar de mim.

Frank ficou chocado. Será que, sem querer, tinha feito alguma coisa para que a moça tirasse tal conclusão? Não disse nada, pois não havia o que dizer. Edith, ao contrário, abria seu coração:

— E, então, como você não falasse nada, achei que devia haver algum motivo para isso. Sei perfeitamente o que as pessoas falam de mim: que sou uma herdeira e que um dia ficarei muito rica, quando papai morrer. Helga e eu já conversamos sobre os homens que costumam dar o golpe do baú, e sei que os homens gentis, aqueles com quem se quer casar, não correm atrás de garotas ricas. Por isso, esta noite, perguntei onde você mora. Porque tinha certeza de que era pobre. Sei que sua

dignidade e seus princípios nunca permitiriam que me pedisse em casamento, apesar de me amar.

Pela primeira vez na vida, Frank estava completamente sem ação, espantadíssimo diante da surpreendente conclusão de Edith. Então, a pobrezinha acreditava que tinha ido lá, todos aqueles dias, apenas para vê-la?

Apesar de ter feito o melhor que podia para disfarçar seu amor por Helga, jamais lhe passou pela cabeça que suas atenções com Edith seriam interpretadas daquele modo.

Agora, entretanto, percebia que era compreensível e até natural que ela imaginasse tudo aquilo. Sabia tão pouco sobre os homens... Em sua ingenuidade, tinha confundido cumprimentos normais com namoro e romance. Não estava habituada com o interesse masculino.

Mas casar com Edith jamais lhe havia passado pela cabeça. Principalmente, porque não pensava em casar com mulher alguma, até encontrar Helga. E, mesmo sabendo que ela era tudo que queria na vida, a possibilidade de casarem era tão remota que mais parecia uma fantasia do que realidade.

Como podia pensar em casamento, na situação complicada em que se encontrava, sem um tostão no bolso?

Tentando pensar com clareza e rapidamente, fez uma pausa, antes de falar. Para sua surpresa, aquela hesitação fez Edith ficar com lágrimas nos olhos.

Ela levantou-se e empurrou a cadeira para trás com tanta força que esta caiu no chão, fazendo um barulhão. Colocou as mãos trêmulas sobre os seios.

— Por que não responde? Estou errada, Frank? Ou não devia ter dito nada disso?

Só então, ele percebeu que a absurda proposta dela continuava sem resposta.

Levantou-se e a tomou nos braços, tentando encontrar palavras para desfazer o mal-entendido, sem magoá-la. Mas ela escondeu o rosto em seu peito e começou a chorar.

Abraçou-a com força, repetindo, sem pensar:

— Não chore, Edith. Por favor, não chore.

Ao mesmo tempo, procurava desesperadamente uma solução.

Ela deu um soluço e murmurou o seu nome:

— Frank... Frank...

Levantando o rosto molhado de lágrimas, Edith lhe ofereceu os lábios, com a confiança de uma criança que precisa ser confortada e acarinhada.

Frank beijou-a e deixou que o abraçasse, sentindo que tinha caído numa armadilha.

Na luz clara da sala, os olhos da moça estavam vermelhos e cheios de sofrimento, mas o sorriso que lhe deu era trêmulo e feliz.

Segurou a mão de Frank com força. Ele tentou não pensar em si mesmo e não prestar atenção na feiúra dela. Seu nariz estava inchado e avermelhado e as emoções a tinham deixado mais pálida do que normalmente.

Frank achou que ela devia estar estranhando seu silêncio e pensou em pedir um novo cálice de licor para ganhar tempo.

Mas Edith insistiu:

— Você ainda não me respondeu.

— Não respondi o quê?

— Se me ama.

— Mas claro que sim, querida.

Enquanto falava aquelas palavras, sentia que estava traindo Helga, e, de repente, uma sensação de medo levou-o a olhar depressa para o relógio.

Tinham jantado às sete e meia e agora faltavam quinze para as nove. E se Helga voltasse antes do que Edith esperava? E se a outra corresse para lhe dar a notícia de que os dois se amavam e

iam casar, antes de ele ter tempo de conversar com ela?

Que situação insustentável!

Não poderia encarar Helga, nem ia agüentar ver o sofrimento dela. Não conseguiria olhar em seus olhos nem ouvir os parabéns que lhe daria.

Sabia que devia falar primeiro com ela e lhe dar as notícias antes de Edith.

Enquanto imaginava o que fazer, a porta se abriu. Edith largou sua mão e esperaram que o mordomo atravessasse a sala e desse um recado.

— A srta. Helga telefonou de Newmarket. Ela lamenta, mas terá que passar a noite lá, pois perdeu o último trem. Pediu para avisar que não se preocupem: está bem e virá amanhã no primeiro trem. Por favor, senhorita, avise a *sir* Alfred, quando ele voltar.

Um atraso oportuno, Frank pensou, aliviado, pedindo o licor que estava querendo há tanto tempo.

Esperou até que o mordomo o servisse. Depois tomou um grande gole e engoliu-o lentamente, procurando se acalmar, antes de virar-se para Edith.

— Escute, querida: preciso conversar com seu pai, antes de resolvermos qualquer coisa.

— Mas papai vai concordar — Edith disse, cheia de confiança. — Sei que ele gosta de você e quer que eu seja feliz. Tenho certeza disso.

— Mesmo assim, não devemos nos precipitar. Ele pode não me querer como genro.

— Vai querer — Edith insistiu, séria. — Principalmente, quando eu disser que nos amamos. Você poderá falar com ele no fim de semana, está bem?

Frank fez que sim, pensando em um método diferente de conseguir o empréstimo de *sir* Alfred.

— Mas, até que ele concorde, vamos manter tudo em segredo, entre nós.

— Não posso nem mesmo dizer a Helga?

Frank estava preparado para a pergunta. Apesar disso, não conseguiu evitar um tom ríspido e ansioso:

— Claro que não. Este vai ser o nosso segredo e não vamos dividi-lo com ninguém, até que seu pai dê o consentimento.

Satisfeita com aquela explicação, Edith deitou a cabeça no ombro dele e ficou assim durante um momento.

— Vai me telefonar, se papai disser que sim? Ficarei ansiosa por uma resposta.

Frank tentou pensar em um modo rápido de escapar daquilo, sem fazer falsas promessas.

— Vou lhe dizer o que farei. Falarei com seu pai na primeira oportunidade que tiver. Mas talvez não seja fácil ficar a sós com ele. Você sabe como fica ocupado nessas ocasiões; é importante termos uma conversa tranqüila. Se conseguir uma chance, e ele consentir, voltarei imediatamente para Londres e lhe contarei tudo.

— Vai ser ótimo — Edith disse, com um suspiro. — Assim, não ficarei mais tão triste, sabendo que você partirá para um fim de semana sem mim.

A idéia de ficar a sós com *sir* Alfred em Wentworth Hall, aquele segredo entre ele e Edith e o fato de Helga não saber de nada eram uma situação intolerável para Frank.

De repente, sentiu que não agüentava mais. Agora, que não havia possibilidade de Helga voltar naquela noite, só pensava em sair dali e ficar sozinho, pensar e tentar compreender o que tinha acontecido... descobrir até onde tinha se comprometido.

Apesar dos protestos de Edith, Frank insistiu que precisava ir embora.

— Seu pai vai chegar logo. Acho melhor ele não nos ver juntos esta noite. Quero que durma bem, querida, e quero pensar na grande honra que me deu hoje.

Edith o abraçou, e ele sentiu que a moça tremia, quando a tocava. Disse a si mesmo que ela era muito jovem e que o que ele estava fazendo agora era pior do que qualquer coisa que tivesse feito no passado.

“Ela me ama”, pensou, tentando descobrir por quê. Por que, depois de ter sido amado por tantas mulheres, o amor de Edith o deixava tão envergonhado?

Com vontade de pedir desculpas, beijou-a e abraçou-a com força. Seus olhos brilhantes e seu sorriso feliz, ao se despedirem, foram como punhaladas no coração dele.

A noite estava quente. Frank caminhou pelas ruas desejando que o frio vento de março voltasse a soprar. Quem sabe assim afastaria aquela sensação de sufocamento que parecia dominá-lo.

Tudo era irreal demais. Os acontecimentos das últimas horas pareciam tê-lo deixado tonto quase inconsciente, e precisava de algum tempo de estímulo, algo cruel e rotineiro que o despertasse novamente.

Quando chegou na pensão e subiu para o quarto, trancou a porta e sentou-se durante mais de uma hora diante da janela aberta, antes de conseguir ir para a cama.

Na manhã seguinte, disse à sra. O'Hara que só voltaria segunda-feira e ela podia alugar seu quarto no fim de semana, se aparecesse alguém interessado. Acordou muito cedo e pensou em ir a Park Lane, tentar ver Helga, antes de partir para Newmarket, mas não se atreveu a isso.

Se ela e Edith tivessem se encontrado, sabia perfeitamente que já não haveria nenhum segredo e não havia jeito de lhe dar a notícia a seu modo.

Pensou em mandar um bilhete, pedindo que saísse para encontrá-lo, que era uma questão de vida ou morte, mas percebeu que sentia medo de fazer isso.

Já estava odiando o momento em que seria obrigado a lhe contar o que havia acontecido e afundou em sua agonia, sabendo que causaria dor e sofrimento à mulher que amava.

Ao meio-dia, Frank estava em Liverpool Street, cumprimentando com uma dignidade que estava longe de sentir os amigos de *sir* Alfred que já conhecia.

O velho sabia receber em grande estilo. Seus hóspedes não precisavam comprar a passagem para a viagem, nem se preocupar com o lanche para comer no trem.

Os criados já se encontravam na estação, com passagens de primeira classe, e havia um vagão particular com bufê frio, servido pelo mordomo de *sir* Alfred e seu ajudante.

Para Frank, aquilo era uma grande sorte. Foi o que pensou, ao dar uma gorjeta ao carregador que levou sua bagagem da porta da estação até o trem. Da pensão até a estação, ele mesmo havia carregado a mala.

Mas, ali, precisava manter as aparências e não dar a entender que tinha vindo de ônibus, com bagagem no colo.

Encontrou três amigos de *sir* Alfred que já conhecia; os outros três eram completos estranhos.

Quando chegou a hora da partida, não havia nem sinal do anfitrião, e todos se tornavam ansiosos. O chefe do trem aproximou-se e falou com o mordomo:

— *Sir* Alfred lamenta muito, senhores — o mordomo disse, momentos depois —, mas, por causa de negócios, não poderá ir neste trem. Viajará no próximo. Mas os senhores podem partir agora e pedir tudo o que quiserem.

Seria difícil imaginar algo a pedir, que já não estivesse servido no bufê.

Havia tortas de várias qualidades, carnes frias e frutas, servidas com excelentes vinhos tintos e brancos, e uma imensa variedade de licores.

“De agora em diante, é assim que vou viajar sempre”, Frank disse a si mesmo.

Olhou para os companheiros. Eram homens corpulentos e bem alimentados; seus casacos

tinham enfeites de correntes de ouro e, sem dúvida, os bolsos estavam cheios de moedas.

Imaginou o que diriam, se lhes contasse que só possuía algum trocado.

De repente, Frank viu a si mesmo, de chapéu na mão, coletando o dinheiro que muitos lhe dariam.

Eram educados, naturalmente, mas tinha certeza de que seriam muito mais, se desconfiassem qual era sua missão naquela viagem. Todos o adulariam, se soubessem que era o futuro genro de *sir* Alfred, e seus sorrisos se tornariam muito mais fáceis.

O poder do dinheiro... O poder do dinheiro... O poder do dinheiro... as rodas do trem pareciam repetir.

“Que adianta lutar?, pensou. Não vou mesmo conseguir escapar a essa tentação”.

Tinha visto a mãe morrer por problemas financeiros. Nós não podemos pagar... era a frase que mais ouviu durante toda a sua infância.

Ainda agora, em sonhos, ouvia vozes que lhe traziam de volta aquelas lembranças. Jamais teve nada, e até sua velha carteira de couro havia sido roubada.

Logo, o almoço terminou e chegou o baralho. Frank achou que tudo aquilo parecia loucura, pois as apostas eram altíssimas.

Mas quis o destino que a sorte o ajudasse. Jogou brilhantemente: não porque isso tivesse importância, mas porque o trem cada vez o aproximava mais e mais da importante missão que tinha a cumprir.

Ganhou dez libras.

Então, os passageiros começaram a pegar suas coisas, pois a próxima parada seria Newmarket.

Frank começou bem cedo a se vestir para o jantar. Queria fugir dos outros convidados.

Estava cansado daquelas conversas de negócios, das histórias que contavam rindo, do cheiro de charuto e das bajulações nem sempre sutis que faziam ao anfitrião.

Era óbvio que sentiam inveja de *sir* Alfred, da fortuna e da influência que tinha, e que a amizade deles era puramente interesseira.

Mas eram homens de boas intenções, que se conheciam muito bem. Frank, entretanto, de repente, sentiu um certo desprezo por sua hipocrisia.

Era difícil para ele repetir o tempo todo quanto admirava *sir* Alfred, pois sabia que o valor do homem e sua força estavam sendo comparados constantemente com sua conta bancária.

Sabia também que a conversa seria muito diferente, se aqueles homens descobrissem estar na presença do futuro genro, do poderoso *sir* Alfred.

Então, amargurado, perguntou a si mesmo se teria o direito de criticá-los. Não estava, ele próprio, procurando se beneficiar do dinheiro do velho?

Seus pensamentos eram confusos e suas emoções, contraditórias, ao sair da biblioteca e subir para o quarto.

Lá, colocou os cotovelos na janela e olhou para o jardim. Mas não via os gramados nem os canteiros floridos e, sim, uma retrospectiva de sua vida.

O motivo real de seu descontentamento, de sua infelicidade e indecisão era apenas uma pessoa: Helga.

Não podia deixar de pensar nela e, sem se dar conta, viu-se dizendo em voz alta:

— Não posso fazer isso! Não posso!

Alguém bateu na porta.

Sem virar a cabeça, ele mandou que entrasse, achando que era algum criado com suas roupas ou água quente.

A porta se abriu e fechou de novo. Ele tinha certeza de que havia alguém no quarto, esperando que se virasse. Então, teve a estranha sensação de que alguém muito importante havia entrado.

Era Helga. Estava muito pálida, tensa e de olhos arregalados.

Usava uma roupa escura, que parecia deixá-la mais velha. E não tinha mais no rosto aquela felicidade radiosa que tanto o encantava. Tinha sido substituída por um ar de ansiedade e nervosismo.

— Helga!

Ficou tão surpreso com o encontro que não encontrou mais nada para dizer. Então, encarou a moça e teve certeza de que ela sabia de tudo.

Durante minutos que pareceram intermináveis, ficaram se encarando, até que finalmente, com medo daquele silêncio e da tensão entre ambos, Frank perguntou:

— Por que veio aqui?

Aquela pergunta sem importância pareceu quebrar o encanto que a mantinha imóvel. Lentamente, ela se aproximou e disse, em voz baixa:

— Vim com *sir* Alfred. Ele tinha algum trabalho a fazer no trem.

Aproximou-se ainda mais, até ficarem frente a frente, seus rostos quase se tocando.

— Você sabe, não é? — Frank perguntou.

— *Sir* Alfred me disse.

Frank imaginava quanto ela estava sofrendo com o choque. No momento, parecia completamente tonta com a notícia.

— Oh, minha querida, minha querida... O que posso fazer? Por favor, me ajude!

Estendeu os braços para tocá-la, mas algo pareceu acontecer em sua mente. Caiu de joelhos diante de Helga, abraçou-a pela cintura e afundou o rosto em seu colo.

Cego, quase incoerente, deixou que as palavras saíssem ao acaso e tentou contar a ela o que tinha acontecido.

Sentia que a maré de sua infelicidade aumentava cada vez mais e, de repente, sua voz silenciou, cheia de emoção.

Ela lhe acariciou a cabeça e ele viu, na profundidade do desespero em que se encontrava, que Helga murmurava seu nome seguidamente.

— O que devo fazer? O que devo fazer, minha amada? Estou inteiramente desorientado.

Levantando o rosto lentamente, viu que ela chorava. Cambaleando, Frank a tomou nos braços, e durante um longo momento os dois permaneceram abraçados, imóveis, como duas crianças que se sentem perdidas.

Não havia paixão naquele abraço, somente agonia e medo. Finalmente, Helga se afastou, tirou um lenço do bolso e enxugou as lágrimas.

Depois, virou-se, olhando pela janela, e Frank percebeu que ela lutava para manter a dignidade e não se entregar ao desespero, como ele havia feito.

— Não posso continuar com isso, querida! Não posso! Venha comigo agora, Helga. Ajude-me, e vamos conseguir... de algum jeito. Vou arranjar um emprego... vamos casar...

Mesmo enquanto falava, sabia que aquilo não era verdade. Que esperanças teriam? Quais as chances? Eram palavras vazias, sem convicção e sem força.

— Edith está muito feliz. Muito feliz mesmo. Nunca a vi assim — Helga murmurou.

— Meu Deus! — Foi a única coisa que ele conseguiu dizer.

Ficou olhando para as costas de Helga, para os ombros firmes dela, para seu pescoço longo e gracioso, para os cabelos dourados e brilhantes, para aquele corpo que tanto amava e que o enfeitiçava cada vez mais.

Queria gritar, tomá-la nos braços, sair correndo dali e fazê-la sua.

Fechou os punhos e, ao fazer isso, as moedas ganhas no jogo tilintaram em seu bolso, como uma advertência de que estava à beira da miséria. O destino tinha aprisionado os dois. Não havia chances de escapar, sem consequências.

— Pode me perdoar? — pediu, humildemente.

Helga virou-se para encará-lo e, pela primeira vez desde que havia entrado naquele quarto, sorriu. Era um sorriso gentil e terno: o sorriso de uma mãe para o filho.

— Não há nada a perdoar. Eu compreendo, meu querido. Eu compreendo perfeitamente.

— Fui lá para ver você. Não tinha idéia do que ia acontecer. Não provoquei nada.

— Eu sei. Edith me contou tudo nos menores detalhes. Mas agora já está feito.

— E *sir* Alfred? Com certeza...

— *Sir* Alfred está muito contente — ela interrompeu. — Edith sempre foi um problema para ele e quer vê-la acomodada. Além disso, sempre lhe concedeu tudo que ela quis.

O relógio do corredor começou a bater.

— Preciso ir — Helga disse, apressada.

Ficaram se olhando mais uma vez, e Frank a abraçou com força, quase com violência.

— Eu a amo — repetia sem parar. — Eu a amo e não tenho coragem de fazê-la minha. Sou um covarde, Helga. Oh, Deus, sou um covarde! Mas, como a amo!

Novamente, ele a beijou, brutalmente, e ela corou, ficando ofegante em seus braços. E, tão de repente como a havia abraçado, Frank a soltou.

Parecia querer expulsá-la de sua vida. Virando-se de costas, apertou as têmporas.

— Vá embora agora, Helga. E depressa, pelo amor de Deus! Não agüento mais.

Ouviu o ruído da saia dela e a maçaneta girando. Percebeu que tinha ficado só.

Durante um longo tempo, olhou para o jardim, antes de reunir torças para enfrentar o quarto vazio.

Frank não tinha a menor idéia de como conseguiu chegar ao fim do jantar. Não comeu nada, devolvendo os pratos sem tocá-los. Em compensação, bebeu muito, mas o álcool só conseguiu aumentar seu desespero e sua depressão.

Uma ou duas vezes, viu que *sir* Alfred o olhava disfarçadamente e percebeu que atribuía seu comportamento e nervosismo à aproximação da conversa que teriam.

“Ele acha que estou com medo de que me recuse como genro”, Frank pensou, desejando que isso acontecesse.

Se *sir* Alfred não permitisse o casamento, talvez então pudesse pedir um emprego. Assim se sentiria seguro e em condições de casar com Helga.

Pela primeira vez, depois de ter saído de casa há nove anos, Frank percebeu que sentia falta da segurança de um emprego em escritório, o emprego que tinha aos vinte e dois anos; Se continuasse lá, agora estaria ganhando umas cinco ou seis libras por semana: Mas sabia que jamais conseguiria ter-se mantido naquele emprego, pois era muito incompatível com seu temperamento.

Podia ser uma pessoa instável, um aventureiro... muita gente o chamava assim... mas só estava tentando tirar o máximo de proveito da vida.

Não se imaginava um escriturário respeitável e sabia que Helga não amaria um homem desse tipo.

Saiu de seus sonhos, ao ver o mordomo parado a seu lado, com a bandeja do café.

Serviu-se automaticamente. A xícara de porcelana tinha detalhes de prata, a bandeja era imensa e o serviço de café, todo trabalhado. Novamente, ele percebeu a posição difícil em que se encontrava.

Com os centavos que tinha no bolso, estava prestes a pedir em casamento a filha única de um dos homens mais ricos da Inglaterra.

De repente, todo o ridículo da situação surgiu claramente em sua cabeça. Se amasse Edith, haveria uma justificativa para aquilo. Mas não a amava. Não tinha nem mesmo uma amizade profunda por ela.

Ela o queria. Aquilo é que importava. Era como se ele fosse um dos brinquedos que desejara durante a infância e os vestidos da adolescência. Percebeu que estava sendo comprado.

Sua culpa e humildade desapareceram diante dessa realidade. O que quer que acontecesse, não se sentiria em dívida com *sir* Alfred nem com Edith.

Eles o queriam pelo que ele era. Assim como Frank os queria pelo dinheiro que tinham. Muito bem, aquele casamento ia ser apenas um negócio.

Seu amor por Helga, seu desejo e necessidade dela eram o preço que teria de pagar. E era um preço alto.

Para ele, Helga representava tudo que importava; não apenas o ser amado, mas a personificação de todos os seus ideais de felicidade e beleza.

Aquela noite, no quarto, quando lhe disse adeus, teve certeza de que nunca mais a veria novamente.

Uma barreira estava crescendo entre ambos, a cada momento. Seria impossível, no futuro, se tornarem grandes amigos. A honra e o respeito os manteriam separados.

Naquele momento, Frank viu a vida que teria diante de si: uma longa estrada cinzenta e solitária, porque Helga não estaria ao seu lado.

Angustiado, procurou afastar aquele pensamento. Deliberadamente, tentou se imaginar com muito dinheiro e poder, assumindo sua nova posição na sociedade e tendo, pela primeira vez na vida, cavalos, carros, propriedades.

Era difícil imaginar isso e, mais difícil ainda, ver Edith ao seu lado. Como seria ela? Como seria realmente aquela garota tímida e insignificante com quem ia casar?

Não sabia muito sobre ela. Não conseguia nem mesmo lembrar-se de alguma conversa em que a moça tivesse lhe falado das coisas de que gostava.

Lembrou de Helga certa vez ter contado:

— Edith é uma pessoa estranha. De vez em quando, mete certas idéias na cabeça, e ninguém consegue mudá-las. Gosta de mim, e já tentei compreendê-la diversas vezes, mas penso que fracasei completamente.

Agora, Frank lembrava essas palavras com um aperto no coração. Na época, tinha prestado atenção, não porque tivesse interessado em Edith, mas porque tudo que Helga lhe dizia era importante.

Uma garota sombria, retraída, sem importância e pouco atraente: essa havia sido a impressão de Frank por Edith, logo que a conheceu. E ainda pensava assim.

A moça era completamente diferente do pai. *Sir* Alfred tinha charme, educação e vitalidade, o que tornava impossível ignorar sua presença onde quer que estivesse.

Mas bem que gostaria de ignorá-lo naquele momento. *Sir* Alfred tinha se levantado da mesa de jantar e se aproximava dele. Pousou a mão no braço de Frank.

— Sei que quer conversar comigo, jovem. É melhor que venha ao meu escritório, dentro de quinze minutos. Tenho que dar um telefonema para Londres, primeiro.

Enquanto os outros convidados conversavam, Frank caminhava de um lado para o outro no terraço, apreensivo e nervoso, mas ao mesmo tempo se desprezando por se sentir assim.

“Este é um grande momento em minha vida”, disse à si mesmo. “Estou prestes a dar o

primeiro passo na direção de um futuro garantido que se abre diante de mim.”

Mas não se sentia nada animado com aquilo.

Várias vezes foi até perto do relógio, olhar as horas. Depois tentou fumar um charuto, mas não conseguiu.

No jardim, debaixo das árvores, tudo era quieto e fresco. Frank caminhou pelo gramado, ouvindo o pio longínquo de uma coruja. Depois, alguns morcegos voaram, e a noite voltou a ficar calma e silenciosa.

Sentia como se estivesse esperando um veredicto. Sabia que aquela sensação era ridícula. Sabia, naturalmente, que *sir* Alfred daria seu consentimento; que tinha mandado chamá-lo exatamente para dizer isso.

Lentamente, voltou para a casa e foi até o escritório. Hesitou um momento, girou a maçaneta e entrou.

Sir Alfred estava sentado à grande mesa, com vários papéis diante de si e o telefone ao seu lado. Segurava uma folha de papel que parecia uma carta.

Leu-a, levantou-se e caminhou até a lareira, de cabeça baixa e com as mãos cruzadas nas costas.

— Tenho más notícias — disse a Frank. — Muito más notícias, mesmo.

— Lamento ouvir isso.

Acho que vai lamentar realmente, quando souber do que se trata. É sobre Helga.

Frank empertigou-se, sentindo que uma mão gelada apertava seu coração.

— O que é? — perguntou, com voz estrangulada, que mal passava de um murmúrio.

— Ela me deixou um recado antes de voltar para Londres. Acabei de ler. Helga recebeu uma carta urgente de um parente da Alemanha e, sem se despedir nem dar nenhum aviso prévio, partiu para Berlim. Não sei por quê.

Os dois ficaram em silêncio.

— Vamos sentir falta dela. — *Sir* Alfred disse, depois de um momento.

O sangue de Frank pulava nas têmporas e ele ouviu sua própria voz respondendo:

— Sim, senhor. Vamos sentir muita falta dela.

CAPÍTULO VII

Frank pegou o jornal e abriu-o diante de si, na mesa do café.

— Alguma notícia interessante? — perguntou a Edith, sentada do outro lado da mesa.

Ela tinha descido há algum tempo, bem antes dele, pois gostava de tomar café com o pai, antes que este saísse para o escritório.

— Vai achar todo o jornal muito interessante — Edith respondeu, seca.

Depois de três meses de casado, Frank sabia o que significava aquele tom de voz. Algo a estava aborrecendo.

Olhou o jornal, sem saber a que a mulher se referia, e logo descobriu a razão de seu mau humor.

Na primeira página estava o retrato de uma atraente atriz americana que ambos tinham conhecido durante a lua-de-mel em Roma. Frank ainda lembrava muito bem as cenas de ciúme que Edith fez, só porque ele havia comentado que a moça era bonita e divertida.

Agora, o jornal anunciava que ela tinha chegado a Londres. Ficou aborrecido novamente, ao perceber que Edith continuava com aquele ciúme insuportável.

Durante um momento, nenhum dos dois disse nada. Mas, vendo que ele havia reconhecido a foto, ela continuou:

— Não sei como você pode admirar um tipo tão comum. É óbvio que ela tinge os cabelos, mas acho que os homens são suficientemente estúpidos para gostar disso. Qualquer mulher saberia que a cor não é natural...

— Lamento, mas não estou nem remotamente interessado nesse assunto.

— Mas, já esteve, não é? Porque, na primeira vez que viu essa mulher, no *Excelsior*, não conseguiu tirar os olhos de cima dela. Nem sequer disfarçou o interesse.

— Será que precisamos falar sobre isso outra vez? — Frank perguntou, cansado. — Eu já lhe disse uma centena de vezes que não estou interessado nessa mulher, nem nunca estive.

Depois de um momento em silêncio, ele explicou:

— Você me perguntou se a achava bonita e eu disse que sim. Depois, quando conversamos com ela, achei-a divertida. Será que vai infernizar o resto de nossas vidas por causa de uma tolice dessas?

— Não é só o que você disse, mas o que sente por ela. Não esqueci o seu olhar.

— Ora, pelo amor de Deus, vamos esquecer esse assunto! — Frank jogou o jornal no chão. — Estou cansado disso. Qualquer um que ouvisse você ia pensar que passei a noite com a mulher, em vez de ter passado apenas vinte minutos conversando com ela.

Edith levantou-se, furiosa.

— Realmente, Frank, acho essa sua atitude insuportável! Você diz este tipo de coisa só para me magoar e me humilhar.

Saiu da sala, apressada, batendo a porta. Frank suspirou e pegou outra torrada com geléia, terminando o café. Não se sentia perturbado ou ofendido com o desabafo de Edith; apenas, aborrecido e irritado.

Tinha aprendido, através de experiências amargas nos últimos três meses, que ela gostava daquelas cenas. Era um desabafo que sua estranha natureza sempre procurava.

Agora, choraria sozinha durante algum tempo em seu quarto. Depois, procuraria Frank, de braços abertos, e, com abraços e beijos, tentaria conseguir seu perdão e fazer com que ele lhe dissesse novamente quanto a amava.

Ia tirar o máximo de emoção e drama daquela situação. Ela parecia gostar de se humilhar. Demoraria uma hora para se acalmar e passar das lágrimas para os sorrisos. Só depois teria certeza da fidelidade dele e de seu amor. Então, deixaria que voltassem à vida normal.

A lua-de-mel, passada na Itália — em Roma, Florença e Veneza — custara uma fortuna a *sir* Alfred, mas não deixou nenhum dos dois feliz.

Frank não conseguia parar de pensar que aproveitaria muito mais o luxo dos hotéis e a beleza que via em toda parte, se estivesse em companhia de outra pessoa.

Ele havia casado cinco semanas depois da conversa com *sir* Alfred, em Newmarket.

Não havia motivos para esperar mais. Edith transbordava de felicidade, o anúncio do noivado foi feito no fim do verão e *sir* Alfred queria partir logo para o exterior.

Depois que Helga foi embora, Edith se encarregou da administração da casa e, apesar de não se sair mal, não ia tão bem como pensava. Tanto o pai quanto Frank sentiam muita falta de Helga.

Sem a calma eficiência dela, as coisas não eram mais as mesmas, e a casa de Park Lane voltava, pouco a pouco, ao caos anterior.

Sir Alfred decidiu que Edith e o genro deviam morar com ele depois de casados, e Frank, não querendo começar a vida sozinho com a esposa, concordou.

O casamento foi discreto, pois Frank estava resolvido a evitar publicidade a qualquer custo.

Tinha dois motivos para desejar isso. O medo de que, após nove anos, o pai e a irmã o encontrassem, e o conhecimento dos comentários que aquele casamento provocaria entre os amigos de *sir* Alfred.

Sabia que iam chamá-lo de caça-dotes. Isso era inevitável. Mas sentia que conseguiria lidar melhor com os boatos, depois de já estar casado e estabelecido na casa do milionário, como marido da filha dele.

Para seu alívio, tanto Edith quanto o pai concordaram logo com uma cerimônia discreta. Ela, por timidez. O velho, porque, depois da partida de Helga, não se sentia disposto a preparar nenhuma festa.

Ninguém teve mais notícias de Helga. Frank esperava, dia após dia, quase desesperado, que ela voltasse. Mas sabia que, se isso acontecesse, sua situação se tornaria intolerável.

Entretanto, *sir* Alfred falava sobre ela constantemente e, cada vez que seu nome era mencionado, Frank sentia um baque no coração.

Sabia que a havia perdido para sempre, que ela não ia mais voltar, e isso só lhe causava agonia.

Uma vez, Edith lhe disse:

— Está contente que Helga não esteja aqui?

— Por que, contente? — perguntou, cauteloso, imaginando no que ela estaria pensando.

— Porque, se estivesse, não ficaríamos sozinhos tanto tempo. Você gostava de Helga, não é, Frank?

Ele já tinha se cansado das perguntas insistentes da esposa, pois geralmente eram seguidas de uma cena. Por isso evitava qualquer assunto que pudesse servir de pretexto.

Mas ela não se dava nunca por vencida. Insistiu:

— Mas gosta de ficar a sós comigo, não gosta?

— Claro, claro...

Já não agüentava mais aquela conversa. Levantou-se, num rompante, encerrando o assunto.

— Tenho de ir buscar uma coisa — disse, apressado, saindo da sala.

O que mais o preocupava, desde a volta da lua-de-mel, era a falta do que fazer. Tinha deixado bem claro a *sir* Alfred que, assim que estivesse instalado em Park Lane, queria fazer algum trabalho.

Seria fácil para o sogro lhe dar apresentações na Bolsa de Valores ou em alguma empresa comercial dele, mesmo começando por baixo, sem dúvida, teria um caminho aberto para o futuro.

Frank estava ansioso para não depender totalmente de Edith, o resto da vida. Além disso, sentia que, se não tivesse uma desculpa para ficar longe da esposa durante o dia, não agüentaria a tensão criada por aquela intimidade forçada.

Naquele momento, ele queria fazer compras, dar um passeio, qualquer coisa, menos ficar dentro de casa, pois logo a mulher viria procurá-lo para o último ato de sua encenação irritante: a cena das desculpas chorosas e da auto-recriminação.

Frank sabia que, cedo ou tarde, ia seguir sua inclinação natural e lhe dizer que não suportava mais.

Um pouco da companhia dela pela manhã e à tarde, depois de um dia duro de trabalho, ele achava que podia até ser tolerável. Mas ficar ao lado de Edith o dia inteiro, todos os dias, era simplesmente terrível.

A princípio, *sir* Alfred pareceu entusiasmado com a idéia de arranjar um emprego para Frank, mas, depois que ele voltou a Londres, não tocou mais no assunto.

O sogro estava trabalhando muito e tinha um ar sempre cansado. Havia dificuldades na

Bolsa, os preços caíam de um modo fora do normal, e Frank percebeu que o velho se sentia preocupado.

Continuava a falar como se confiasse no futuro, mas não tinha muita convicção. Andava abatido, fisicamente exausto e parecia envelhecido.

Frank achou que devia insistir para que o sogro lhe arranjasse o emprego e pediu a Edith que falasse com o pai. Mas só pensar que Frank poderia ter outros interesses além dela já a deixava zangada e enciumada.

— Não sei por que você quer trabalhar. Moramos aqui de graça e papai vai abrir uma conta conjunta de duas mil libras para nós. Ele me disse isso ontem à noite. Frank, vamos ter uma renda de oito mil libras por ano. Não é suficiente? Você não pode querer mais do que isso.

— Não é só por causa do dinheiro — respondeu, já a ponto de perder a paciência.

Depois de pensar melhor e esfriar a cabeça, explicou:

— Bem, talvez seja...Mas não do jeito que você imagina. Acontece que eu gostaria de ter o meu próprio dinheiro.

— Mas que bobagem é essa? Estamos casados, o meu dinheiro é seu.

Entretanto, Frank sabia que Edith usava muito bem o poder que o dinheiro lhe dava sobre ele. Já duas ou três vezes, durante discussões, ela tinha se referido à sua renda e à pobreza do marido.

Ficava cada vez mais claro que, para escapar daquela situação, precisava de um emprego. Tinha que ser economicamente independente.

Não conseguia entender a hesitação de *sir* Alfred. Havia várias firmas de investimentos na Bolsa que ficariam encantadas em oferecer um lugar ao genro do milionário.

“Vou conversar com ele esta noite”, Frank pensou, terminando o café. “Vou insistir para que me dê uma carta de apresentação”.

Levantou-se e olhou para o jornal atirado ao chão. Sabia muito bem como teria que passar a manhã, para acalmar Edith.

Teve um impulso repentino de sair de casa sem procurá-la. Mas isso de nada adiantaria. Quando voltasse, teria que enfrentar uma cena, do mesmo jeito. O melhor era resolver tudo agora.

Olhou para o rosto sorridente na foto do jornal. Era a atriz que lhe causara problemas. Ele a admirava, sim. Mas por um motivo do qual a esposa nem sempre suspeitava: porque seus cabelos loiros e olhos azuis lembravam vagamente os de Helga.

De repente, Frank sentiu que não ia agüentar muito tempo. Viu-se a si mesmo tolerando Edith que o atormentava cada vez mais, sempre a seu lado, criticando-o, criticando tudo que fazia, por mais insignificante que fosse.

Naquela manhã, tinha sido apenas um pequeno incidente. Na véspera, porque ele sorriu e conversou com uma garçonete numa casa de chá, a esposa tinha feito uma cena terrível: começando a chorar e a lhe fazer acusações em público, e que durou a noite inteira.

Ela chamou a atenção de todo mundo e o deixou envergonhado, a ponto de não conseguir descobrir nenhum argumento que acabasse com suas suspeitas.

A princípio, disse a si mesmo que devia ser culpado de alguma coisa que Edith percebia sua indiferença e sentia que ele não retribuía seus sentimentos.

Mas à medida que ficou conhecendo melhor a esposa, chegou à conclusão de que aquelas cenas temperamentais tinham uma causa irracional.

Frank rasgou o jornal e jogou-o na lata do lixo. Era melhor tira-lo do caminho. Assim, quando Edith se recuperasse, não veria a bendita fotografia outra vez. Resolveu subir e procurá-la.

Mas William o chamou da biblioteca.

— Por favor, senhor. *Sir* Julian Holme está ao telefone e pediu i chamá-lo.

— A mim? — Frank perguntou, surpreso.

Conhecia *sir* Julian superficialmente. Era um grande amigo de *sir* Alfred, mas só tinha visitado a casa duas vezes, depois de Frank ter mudado para lá.

— Sim, senhor. *Sir* Julian pediu para chamá-lo — William continuou.

O que será que ele quer?, Frank pensou, enquanto entrava na biblioteca e pegava o telefone.

— É você, Swinton?

— Sim, senhor.

— Será que você e sua esposa querem jantar comigo na próxima quarta-feira? Estou dando uma festinha para jovens e achei que podíamos ir a um teatro depois do jantar.

— Muito obrigado. Nós gostaríamos de ir.

Depois de uma pausa, *sir* Julian continuou:

— Como está seu sogro?

A pergunta foi feita num tom casual; entretanto, Frank ficou surpreso e sentiu, pelo tom do outro, que aquele era o verdadeiro motivo do telefonema.

— Muito bem. Muito bem, mesmo.

— Não está preocupado? Por acaso, não percebeu se ele anda ansioso?

— Não, que eu saiba. Na verdade, não o vi esta manhã, nem tem à noite. Ele foi jantar fora e só voltou depois que minha esposa e eu já tínhamos ido dormir. Mas ontem pela manhã, pelo menos, ele parecia muito bem.

— Ah, ontem de manhã — *sir* Julian disse como se aquilo não respondesse à sua pergunta. — Está bem. Fiquei preocupado porque ultimamente o mercado de ações está numa situação precária, você sabe, não é, Swinton? As ações não andam nada animadoras. As ações Kalfridrs, por exemplo, estão caindo.

— Verdade?

— O suficiente para deixar um investidor pequeno como eu muito preocupado — *sir* Julian explicou. — Mas é provável que seu sogro nem tenha notado a diferença.

Deu uma risada e continuou:

— Na quarta-feira, então... às quinze para as oito. Vamos esperar você. Até logo, Swinton.

Desligou, e Frank colocou o fone no gancho, pensativo.

A conversa o deixou apreensivo. Estava certo de que o motivo do telefonema era saber sobre seu sogro. Mas por que *sir* Julian não tinha telefonado diretamente a *sir* Alfred?

Eram velhos amigos e seria simples lhe perguntar como estava passando e pedir outras informações de que precisasse.

Naturalmente, Frank já tinha ouvido *sir* Alfred falar das Kalfridrs.

Eram ações de uma mina de ouro, pelas quais ele havia se interessado muito nos últimos meses. Acreditava nas prospecções e chegou a convencer muitos dos amigos a investirem bastante nas ações, pois tinha recebido ótimos relatórios da África do Sul.

Sir Alfred não era homem de aplicar dinheiro, sem confiar plenamente no negócio. Se as ações estavam caindo, o motivo deveria ser algum contratempo surgido nos últimos dias. Enquanto pensava naquilo, Frank lembrou a agitação do sogro, nos últimos dias.

Será que estava nervoso por ter recebido más notícias?

Sir Julian era um investidor cauteloso e não ficaria nervoso ao primeiro sinal de problemas. Muito menos, ia se aborrecer com pequenas perdas. Se estava preocupado, era porque havia problemas sérios.

Frank caminhou lentamente pela biblioteca, discutindo consigo mesmo se devia ligar para o sogro na Bolsa de Valores e lhe contar o tinha acabado de acontecer.

Depois, achou que não tinha muito a dizer.

Achou melhor contar aquela conversa quando *sir* Alfred voltasse a casa, à noite. Mencionaria as perguntas de *sir* Julian e veria como ele ia reagir.

Na hora do almoço, Edith desceu. Sua aparência era lastimável todos os sentidos.

Tinha se vestido com pressa e sem cuidado, e, quando entrou na sala de jantar, Frank percebeu, irritado, que estava com os olhos molhados, cheia de fios de cabelo nas lapelas e seu casaco precisava escovado.

Nenhuma criada, por mais dedicada que fosse, poderia manter Edith arrumada. Suas roupas pareciam atrair sujeira e os botões caíam momento em que tentava abotoá-los.

Havia sempre qualquer coisinha fora do lugar, que estragava o modelo de todas as suas roupas, por mais caras e elegantes que fossem.

Depois de uma crise temperamental, sempre ficava em péssimo estado. Sua pele parecia completamente opaca e os olhos tinham inchado muito. Para disfarçar as lágrimas, tinha passado pó-de-arroz, em excesso, de modo que o rosto era uma patética máscara branca.

Deu um sorriso trêmulo para Frank e começou a comer em silêncio, mas com um apetite incomum numa mulher que pretendia estar infeliz.

— Quais os seus planos para esta tarde? — Frank perguntou, só para quebrar a incômoda tensão.

— Tenho de experimentar umas roupas em Lucille, às três horas.

— Eu a deixarei em Hanover Square. Depois, vou dar um passeio. Preciso de exercício.

— Oh, não me deixe lá sozinha! — começou a choramingar. — fique comigo. Sabe muito bem como gosto de tê-lo ao meu lado. E minhas roupas ficarão terríveis, se você não estiver lá para me ajudar e dar a sua opinião.

— Preciso fazer exercício.

— Mas podemos caminhar depois. Podemos mandar a carruagem de volta e viremos a pé.

Frank sabia muito bem como Edith caminhava. Era lenta por natureza, reclamava dos saltos altos e não conseguia deixar de parar em todas as vitrinas. Depois de vinte minutos, diria que estava exausta e precisava de uma carruagem.

— Vou levá-la até Park, para o chá. — Prometeria qualquer coisa para ter um pouco de paz.

— Fique com a carruagem e volte para cá, assim que terminar na costureira. Chegarei às cinco horas e, se a tarde estiver bonita, daremos um passeio.

— Eu gostaria que ficasse lá comigo.

Ela insistia só para não dar o braço a torcer, pois sabia, pelo tom de voz do marido, que ele não ia ceder.

Frank contou sobre o convite de *sir* Julian para o jantar de quarta-feira.

— Como estava seu pai, esta manhã? — perguntou, tentando parecer casual.

— Papai? Estava bem.

— Não o achou preocupado?

— Estava um pouco silencioso. E não comeu nada; só tomou café e saiu depressa.

— Ele disse a que horas voltaria?

— Acho que não. Nem sei se voltará para o jantar. Devo telefonar a ele e perguntar?

— Não é preciso.

Mas, enquanto esperava Edith se aprontar e quando foram para a Hanover Square, Frank pensou sem parar em *sir* Alfred. Antes de sair de casa, teve que controlar um impulso repentino de ligar para o sogro.

Sentiu uma estranha necessidade de ouvir a voz forte e cheia de vida de *sir* Alfred lhe

dizendo que tudo estava bem. Mas o medo de parecer ridículo o impediu de fazer isso.

A tarde estava nublada, com um solzinho tímido tentando furar as nuvens cinzentas.

Frank desceu rapidamente da carruagem. Queria caminhar e aproveitar bem as duas horas que teria para si, longe da esposa. Na esquina de Bond Street com Brook Street, viu um jornalista com um cartaz imenso na mão. Parou e leu:

"Mina de ouro causa sensacional crise financeira na Bolsa."

Atravessou a rua correndo e colocou alguns centavos na mão do moleiro, pegando o jornal, apressado. Virou as páginas depressa, até chegar à seção econômica.

"Após um relatório vindo da África, hoje ao meio-dia, houve uma sensacional crise nos círculos financeiros, ao se saber que a Mina de Ouro Kalfrids foi fechada."

Frank chamou um táxi. Durante um momento, não soube que endereço dar. Devia procurar diretamente *sir* Alfred, na Bolsa? Achou que era melhor voltar para casa e telefonar de lá.

Enquanto voltava, procurou descobrir por que tinha se perturbado tanto. Afinal, o sogro nunca lhe havia feito confidência sobre suas transações econômicas.

Tinha certeza de que ele se interessava pelas Kalfrids e as considerava uma das melhores ações colocadas no mercado nos últimos tempos. Mas, pelo que Frank sabia, já podia tê-las vendido nos últimos dois ou três dias.

Se tivesse feito isso, salvaria seu dinheiro. Mas estaria numa posição desagradável, por ter levado muitos amigos a investirem naquelas ações e, assim, acabar ganhando às custas das perdas deles.

A sorte de *sir* Alfred tinha sido tão grande no passado, que ninguém acreditaria em sua falência. Entretanto, Frank tinha uma intuição de que aquela crise era séria.

Certamente, se o sogro sentisse alguma dúvida sobre as ações, teria, pelo menos, comunicado a seu amigo *sir* Julian Holme... ou não?

Se não tinha feito isso, era porque continuava confiando nelas e isso significava então que seria... ou melhor, já era...um dos grandes perdedores.

Quando Frank chegou a Park Lane, pagou o táxi e saltou apressado. Antes que conseguisse tirar a chave do bolso, William abriu a porta.

— Há algum recado de *sir* Alfred?

— Não, senhor, mas o sr. Winter está aqui. Eu disse que esperávamos que voltasse só na hora do chá, mas ele insistiu em esperar. Já chegou há algum tempo e parece bastante aborrecido.

Frank tirou o chapéu e entrou na biblioteca. Sentia que estava à beira do abismo.

Winter era o secretário particular de *sir* Alfred, no escritório. Trabalhava com o milionário há mais de vinte e cinco anos e sabia de absolutamente tudo que acontecia na Bolsa de Valores e na casa do patrão.

Era Winter que pagava os criados, que cuidava dos seguros e dos negócios particulares de *sir* Alfred, ajudando-o constantemente no escritório.

Ao entrar na biblioteca, Frank ouviu William fechando a porta suavemente e, ao olhar a expressão de Winter, compreendeu que seus temores tinham fundamento.

O homem estava de pé diante da lareira, brincando, nervoso, com a lapela do casaco.

— O que foi?

Winter respondeu, num sussurro:

— *Sir* Alfred se matou há meia hora.

Durante um momento, Frank mal conseguiu entender o que tinha ouvido. Os dois ficaram em silêncio, se encarando, paralisados. Depois, com voz trêmula de emoção, Winter continuou:

— Ele não agüentou, sr. Swinton. Ele não agüentou. Tinha comprado Kalfrids com todo o

dinheiro que possuía e acreditava nelas. Quando ouviu a notícia esta manhã, parecia um homem mortalmente ferido. Não quis almoçar e não atendeu a nenhum telefonema. Ficou sentado à escrivaninha, olhando para o vazio. "Deixe-me sozinho, Winter. Diga a todos que quero ficar sozinho", ele me ordenou. Eu saí às duas e meia e ele continuava sentado lá. Não falou comigo, quando voltei; minutos depois, ouvi o tiro.

— O que está acontecendo agora? — Frank perguntou, sentindo garganta seca.

— Estavam chamando a polícia, quando saí. Achei melhor vir aqui lhe contar. Assim, poderá preparar a sra. Swinton.

Frank caminhou pelo aposento, pegando um cigarro numa caixa de prata e acendendo-o. Para sua surpresa, notou que a mão não tremia. Não conseguiu encontrar nada para dizer; não conseguia sequer pensar direito para compreender o horror do que Winter acabava de lhe contar.

— Durante todos os anos que o conheci — o secretário continuou —, *sir* Alfred nunca se arriscou a investir todo seu dinheiro numa coisa só. Dessa vez, ele parecia ter ficado louco. Acreditava na mina, tinha tido informações secretas, tinha mandado seus homens para lá e acreditava nas histórias que lhe contaram ao voltarem. Ele deve ter ficado louco, sr. Swinton. Foi o que eu disse a mim mesmo, varias vezes, recentemente: o chefe está se arriscando como nunca se arriscou antes. Quando me contou que havia hipotecado as duas casas, eu até discuti com ele.

— Hipotecou as casas?

— Ele nunca tinha feito nada parecido. Hipotecou esta casa, com tudo que contém, e também Wentworth Hall. Vendeu todas as outras ações... tudo... "Estou no auge da minha carreira, Winter", ele me disse. "Vou chegar ao ponto em que sempre quis estar. Depois disso, nós dois poderemos nos aposentar." E em vez disso...

Frank estava vendo claramente a história toda, à medida que Winter falava. Se a mina tivesse dado certo, *sir* Alfred teria atingido um batente sem limite de poder econômico.

Teria todo o controle de ouro e sua imensa fortuna seria triplicada e quadruplicada, colocando-o na Bolsa numa posição além de qualquer competição.

Os dois ficaram em silêncio durante um longo tempo.

Frank viu lágrimas lentas e tristes descendo pelo rosto do velho secretário. Ele havia perdido não apenas um bom chefe, mas um amigo muito querido. Frank foi até a janela.

— É melhor você voltar para o escritório agora, Winter. Vou esperar minha esposa e darei a notícia a ela. Depois lhe telefonarei para saber o que aconteceu. Acha que pode trazer o corpo para cá?

Winter assoou o nariz, antes de falar.

— Não sei, sr. Swinton — respondeu, lutando para controlar as lágrimas.

— Enquanto isso, por favor, não comente nada com os criados. A sra. Swinton deve ser a primeira a saber e preciso contar a ela com muito cuidado.

— Naturalmente, senhor. Naturalmente.

O outro caminhou para a porta. Frank o acompanhou e lhe estendeu a mão.

— Lamento muito, Winter. Lamento por você também, pois sei que gostava muito dele.

A emoção não deixou que falasse e Winter saiu, apressado, da sala.

Frank ficou imóvel, imaginando o que deveria fazer. Deveria ligar para Edith, na costureira, ou esperar até que voltasse? Olhou para o relógio sobre a lareira. Eram só três e quinze. Há quarenta e cinco minutos *sir* Alfred estava vivo e agora...

Frank olhou ao seu redor. Há quarenta e cinco minutos, pensavam que eram ricos. Mas tudo aquilo estava hipotecado.

De repente, começou a rir. Do seu ponto de vista, os acontecimentos tinham um lado

engraçado. Havia casado por dinheiro, o dinheiro que parecia lhe oferecer a segurança que tanto procurava. E, agora, tudo lhe estava sendo tirado, antes que tivesse chance de agarrar qualquer coisa.

Sabia muito bem que Winter não havia exagerado. Ele era o único homem no mundo que sabia das transações de *sir* Alfred.

Frank viu-se de volta ao ponto onde tinha começado, onde cada centavo era importante e havia uma constante necessidade de dinheiro... Então, lembrou-se que, dessa vez, seria pior, pois não estaria sozinho... teria Edith a seu lado

Atravessou a biblioteca e jogou o cigarro no fogo da lareira. Ao dizer isso, seu olhar foi atraído pelo título de um anúncio no jornal que estava sobre uma poltrona.

"*Canadá, a terra das oportunidades.*"

As palavras se misturavam com seus pensamentos caóticos. De repente, aquilo pareceu ter um significado especial. Canadá, a terra as oportunidades!

Frank caminhou até a escrivaninha onde havia visto Helga pela primeira vez, abriu a primeira gaveta e tirou uma chave de dentro de uma caixinha.

Atravessou novamente a sala e tocou um dos painéis da parede, que se movimentou, revelando um cofre. Abriu-o e olhou o que continha.

Só *sir* Alfred, Edith e ele sabiam daquele cofre.

Ali ficavam as jóias de *lady* Steene, que um dia seriam de Edith, uma certa quantia em dinheiro que *sir* Alfred gostava de ter sempre à mão, caso precisasse de dinheiro e os bancos estivessem fechados.

Frank abriu a caixa do dinheiro e descobriu que havia quase noventa libras em ouro, além das moedas de prata. Ficou olhando aquilo durante alguns momentos. Finalmente, pegou o dinheiro e enfiou nos bolsos.

Depois encontrou mais vinte e duas libras em notas. Só depois de guardar mais este dinheiro, ele se perguntou o que pretendia fazer.

Olhou as caixas de jóias. Eram de Edith. Sabia que valiam entre quinze e vinte mil libras.

Sir Alfred tinha sido um homem generoso para com a esposa doente. Edith também herdara da mãe uma renda de trezentas e cinquenta libras por ano.

Em várias ocasiões, ela havia brincado sobre isso com Frank, dizendo que ia manter tudo guardado, caso alguma coisa acontecesse.

Com as trezentas e cinquenta libras por ano e mais as jóias, Edith não morreria de fome.

Frank fechou o cofre cuidadosamente e guardou a chave. Depois, sentou à escrivaninha e escreveu um bilhete para a esposa. Colocou-o num envelope e escreveu o nome dela do lado de fora. O relógio bateu três e meia.

Ele abriu a porta e, vendo que não havia ninguém no hall, subiu a escadaria, apressado.

Em seu quarto, pegou as abotoaduras caras, as cigarreiras e várias jóias que Edith lhe dera durante o noivado e a vida de casados.

Depois disso, hesitou um momento, mas, como o corredor estava vazio, subiu mais um lance de escada, para o quarto onde eram guardados apenas caixotes, nos fundos da casa.

Desceu com uma mala grande, que começou a encher com suas coisas.

Antes que terminasse, o relógio bateu quatro horas. Apressado, Frank atirou de qualquer jeito suas últimas coisas na mala, fechou-a, pegou um casaco e abriu a porta, cautelosamente.

Olhou a escadaria. Ninguém se encontrava por perto. No hall, colocou o bilhete que havia escrito para Edith sobre uma mesinha, de modo que ela o visse, assim que chegasse. Abriu a porta e saiu.

Caminhou depressa pela calçada, até encontrar um táxi.
— Estação Euston — disse para o chofer. — Rápido. Estou com pressa.

CAPÍTULO VIII

1918

Frank ouviu o farfalhar de saias e sentiu o perfume de narciso. Abriu os olhos e viu uma enfermeira arrumando um vaso com flores em sua mesinha-de-cabeceira.

- São para mim? — perguntou, sorrindo.
- Sim. Eu trouxe da minha casa, no campo, esta manhã.
- Você é muito gentil.

Ela sorriu e depois, fingindo severidade, falou:

— Capitão Wode, quantas vezes já lhe disse que não deve flertar com as enfermeiras que estão em serviço?

Ele estendeu a mão para ela, mas a moça fugiu, rindo.

O sol de primavera entrava pelas janelas grandes, brilhando sobre os cabelos castanhos dela, debaixo da touca de musseline. Era uma enfermeira muito bonita... todas as enfermeiras do Hospital de Cady Hood eram muito bonitas. Eram escolhidas cuidadosamente pela própria senhora, entre as filhas de seus amigos.

Frank tinha tido sorte ao ser enviado para Carlton House Terrace, 349, depois de ferido. Era um hospital que selecionava os oficiais que admitia.

A maior parte dos pacientes costumava aparecer nas colunas sociais, antes da guerra.

Frank sabia que havia sido aceito ali porque, antes de seu nome, figuravam as letras C.V.

Estava satisfeito com essa distinção. Dava-lhe encanto, tornava-o especial, e estava sentindo pela primeira vez o que era ser adorado como herói.

As enfermeiras criavam confusão para atendê-lo; os visitantes em geral davam alguma desculpa para virem falar com ele, antes de verem seus próprios doentes.

Ele não se ferira para ganhar a mais importante medalha inglesa, a Cruz da Vitória. O incidente em que ganhou a medalha tinha acontecido há mais de um ano, mas só voltou para a Inglaterra ao ficar gravemente ferido na perna e na cabeça.

Em uma maca, foi transferido do hospital-base canadense para a casa-hospital de *lady* Hood.

Em sua ficha estava escrito: capitão Wyndham Wode, C.V.

Depois de sete anos, Frank já tinha se acostumado com o novo nome, que escolheu durante a viagem de Londres para Liverpool, logo depois de deixar a casa de *sir* Alfred.

Jamais saberia explicar por que tinha escolhido um nome tão estranho.

Seria adequado para um astro de Hollywood, mas certamente não tinha lhe trazido nenhuma vantagem naquela manhã fria em que ele pisou pela primeira vez o solo canadense.

Os homens com que se associou no primeiro ano estavam mais preocupados em sobreviver, e não com nomes sonoros.

Chamavam-no de Bill ou de Bert, ou de qualquer outro apelido fácil e curto.

Os braços de Frank, após três meses de doença, não haviam perdido completamente a força conseguida durante aquele ano de provações no novo país.

Tinha vivido na Inglaterra usando seu encanto e inteligência. No Canadá, aprendeu a ser um homem que dependia dos próprios músculos.

Era estranho, mas nunca se sentiu tão feliz em toda a sua vida. Encontrou-se em campos de lenhadores, em fazendas, dormindo e comendo com homens que suavam para sobreviver, que

eram boas pessoas e ótimos companheiros.

Na Inglaterra, Frank tinha vivido num mundo de mulheres. No Canadá, aprendeu a conhecer os homens, homens fortes que conheciam o verdadeiro significado da palavra masculinidade, que não estavam contaminados pela decadência e os vícios que as cidades grandes e a civilização causam.

Quase sem perceber, Frank cresceu com eles e se tornou um deles. Era uma vida selvagem, precária e perigosa.

Aprendeu também a confiar em si mesmo, de um modo que nunca pensou ser possível, pois nos velhos tempos dependia da sorte e da caridade alheia para conseguir o que comer.

Tinha sempre contado com seu charme, que lhe servira para atrair mulheres fracas. Agora, servia para ter uma boa amizade com os companheiros.

O dinheiro que tinha ao chegar foi muito útil. Mas era seu charme que lhe garantia ajuda nas circunstâncias difíceis em que se encontrava.

Frank tornou-se fisicamente forte; seus ombros ficaram mais largos, e percebeu que a nova musculatura era muito valiosa. Preocupado em sobreviver e garantir o presente e o futuro, não tinha tempo para pensar no passado, na Inglaterra, e em tudo que havia deixado para trás.

Sempre foi uma dessas pessoas que vivem cada dia de uma vez, e logo parecia impossível que tivesse existido um Frank Swinton, morador de Park Lane e marido fraco de uma esposa rica.

Adorava o Canadá. Aquela terra para ele significava mais do que todas as outras. Entretanto, quando a Inglaterra entrou na guerra contra a Alemanha, sentiu-se ligado à sua pátria e decidiu lutar por ela.

Alistou-se imediatamente e foi levado para a França com a primeira Força Expedicionária Canadense, em 1915. Eram homens tão extraordinários que Frank ficou admirado que não conseguissem vencer as táticas do inimigo. Eram todos homens fortes fisicamente que ficavam quase loucos ao passar o dia inteiro em trincheiras enlameadas, sendo atingidos por balas que não sabiam de onde vinham, levando tiros, mas sem chance de vingança.

Procuravam manter o moral alto, geralmente cantando músicas que tinham aprendido ao redor da fogueira.

Depois de muitos anos, revendo suas recordações da guerra, Frank lembrava mais fortemente a lama e a miséria, a desolação e os rostos dos homens debaixo dos capacetes, as cabeças atiradas para trás, enquanto cantavam nas florestas.

Depois de seis meses na França, Frank conseguiu uma licença. Seus companheiros gostavam dele, era popular e não tinha problemas nem com subalternos nem com superiores.

Havia uma unidade democrática entre as forças canadenses, que horrorizava os oficiais britânicos, conscientes demais das diversas divisões de classes. Mas os problemas eram poucos e a disciplina, boa.

Durante os anos em que morou no Canadá, as mulheres não haviam interferido muito na vida de Frank.

Claro que teve seus flertes e muitas o achavam encantador, querendo amarrá-lo com laços mais fortes do que os da afeição ou do sexo.

Entretanto, após anos de separação, ele ainda comparava todas com Helga.

Naturalmente, à medida que o tempo passava, a tristeza da separação diminuía. Já não pensava tanto nela, nem ela aparecia em seus sonhos com a mesma frequência de antes. Ao mesmo tempo, quando uma mulher entrava em sua vida, ele sempre comparava sua aparência e caráter com os da garota alemã que tinha amado tão apaixonadamente.

Imaginava o que teria acontecido com ela. E, quando veio a guerra, outra barreira surgiu entre

eles. Estavam lutando em lados opostos.

Será que Helga tinha um amante ou marido no campo de batalha? Será que pensava que uma bela alemã poderia matar o inglês que um dia havia amado?

Entretanto, Frank não estava preocupado com sentimentalismos. Seu amor por Helga não alterava sua vida e ele procurava, como sempre, aproveitar o momento presente.

Ganhou sua C.V. de um modo que os entendidos chamam de "uma maneira singular e galante". Mas, durante o tempo todo, não tinha a menor idéia de estar agindo de modo pouco usual, com extrema bravura.

Um ataque-relâmpago havia sido planejado, e, à zero hora, Frank e seu batalhão subiram um morro que dava para as trincheiras alemãs.

Em meio de uma chuva de balas, gritos de comando e uma confusão geral, o avanço foi quase impedido por uma tempestade. A chuva violenta cegava os homens e os encharcou em poucos minutos, dificultando a escalada.

Frank e outro homem se perderam. Finalmente, chegaram a uma casinha que conseguiram ver através da chuva.

Lá dentro, a cena era de total desolação. Uma bomba tinha destruído o teto e algumas paredes e uma dúzia de homens estava morta ou morrendo no chão.

— Meu Deus! Que confusão — murmurou o outro.

Frank ficou na porta arrebentada, olhando para fora, tentando ver o que acontecia. Então, de repente, percebeu uma fileira de homens de cinza se aproximando.

— Um contra-ataque! — gritou para o amigo, compreendendo o que tinha acontecido.

Desesperados, olharam ao redor. Havia metralhadoras abandonadas pelos mortos, em poças de sangue. A cabeça de um soldado fora arrancada e outro estava sem perna.

Mais tarde, Frank não saberia dizer o que gritou para o amigo. Só sabia que, no momento seguinte, os dois estavam disparando as metralhadoras.

Ouviu sua própria voz usando palavras estranhas, sentia um enorme desejo de vingança e riu ao ver os inimigos caindo diante de seus olhos, contorcendo-se de dor, como os que estavam a seu lado.

Imediatamente, os alemães se afastaram. Também usaram as metralhadoras, e o ruído era constante. Depois Frank mal podia acreditar os soldados que avançavam fizeram meia-volta e se retiraram.

Virou-se para o amigo, com um grito de vitória nos lábios. Só então, percebeu que a segunda metralhadora estava silenciosa e ao lado dela um corpo jazia imóvel. O homem morrera com um tiro entre os olhos.

Frank levantou-se e ouviu uma voz estranha na escuridão da casa.

— Aquilo foi muito bem feito.

— Quem está aí?

Enfiou as mãos nos bolsos, procurando fósforos; depois, atravessou por entre os mortos e chegou perto de uma parede, de onde o homem havia falado.

— Bonito trabalho.

— Obrigado.

A luz vacilante do fósforo iluminou a cabeça e os ombros do outro.

— Está ferido, senhor?

Meia hora depois, Frank carregava para o *front* o major *sir* Henry Rankin.

Tinha feito aquela gentileza com o homem, que não era nada leve e pesava sobre suas costas. Mas foi o relatório de *sir* Henry e a descrição do audacioso ataque de Frank com a metralhadora

que lhe conseguiram a Cruz da Vitória, e não a caridade de salvar a vida de um oficial.

As duas coisas juntas o transformaram em herói. Quando recebeu a condecoração, foi muito cumprimentado e, mais importante ainda, promovido.

Começou a acreditar, como muitos dos seus subalternos, que tinha sorte.

Novos convocados vieram substituí-lo e, após meses na frente de batalha, Frank continuava sem um arranhão. Só teve bolhas nos pés e uma gripe fraca.

Ele se transformou numa espécie de lenda entre os companheiros. Sempre que havia trabalho perigoso, diziam que devia ser feito por Frank, pois o coronel tinha certeza de que voltaria são e salvo.

Os homens se tornaram supersticiosos a respeito dele e preferiam que os conduzisse à luta do que outro oficial no qual não depositassem tanta confiança.

Finalmente, uma bomba explodiu quase sobre Frank, num dia em que estava fazendo a ronda de seu posto. Desmaiou e, ao acordar no hospital, soube que já estava ali há quase três semanas.

Quando finalmente partiu para a Inglaterra, foi examinado pelos cirurgiões do hospital de *lady Hood*, que o consideraram incapacitado para voltar ao campo de batalha.

A perna esquerda ficara ferida da coxa ao tornozelo e, apesar de não a terem amputado, durante alguns meses Frank precisaria andar com muletas. Depois, acreditavam que deveria usar uma bengala.

O ferimento na cabeça não era sério, mas ele tinha cicatrizes, na testa e no rosto, dos estilhaços que felizmente não lhe atingiram os olhos.

O físico forte de Frank o ajudaria na recuperação rápida. Sua saúde voltou depressa, e logo saía da cama, começando a mancar pelo hospital, muito antes do que os médicos esperavam. Entretanto, pediam-lhe que fosse com calma, e Frank procurava obedecer às ordens.

Sentia-se feliz no hospital, sabendo que era um paciente privilegiado.

Naquela primeira manhã de primavera, quando o ar frio era suavizado pelo calor do sol, Frank começou a pensar no futuro e procurou imaginar o que faria com sua vida.

Tinha que encarar o fato de que poderia se tornar um aleijado.

Os trabalhos que havia feito no Canadá já não estavam mais à sua disposição. Tinha de tomar uma decisão, pois cedo ou tarde deveria resolver o problema.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma enfermeira que se aproximou.

Era uma de suas favoritas, uma garota muito bonita que, se o país não estivesse em guerra, estaria dançando todas as noites nos bailes da moda e levando a vida glamourosa de uma debutante rica.

Ali, passava o dia lavando o chão, obedecendo a ordens de mulheres mais treinadas, fazendo o possível para alegrar os homens que tinham defendido a pátria.

Era magra e graciosa, e o uniforme de enfermeira não escondia a beleza do corpo.

Aproximou-se da cama de Frank e ele sorriu. Percebeu então que uma mulher baixinha, vestida de cinza, a seguia.

Durante um momento, não a reconheceu. Depois, horrorizado, viu que era sua esposa, Edith!

— Aqui está uma visita, capitão Wode — a enfermeira disse, sorrindo. — Não quer sentar-se? — perguntou a Edith, puxando uma poltrona para perto do leito.

— Obrigada.

Frank observou-a atentamente. Estava nervosa. Fora isso, não tinha mudado quase nada, notou, aborrecido. O casaco cinza era de um tom que não lhe ficava bem e havia fios de cabelos loiros soltos pelas lapelas.

A pele estava mais opaca do que nunca e as mãos enluvadas brincavam com uma bolsa de

alça quebrada.

Ao mesmo tempo, parecia próspera. O casaco tinha gola de raposa, usava um colar de brilhantes e brincos de pérolas. Se não fossem jóias verdadeiras, certamente eram imitações caras.

Enquanto Edith se sentava e a enfermeira saía, Frank recuperou o autocontrole. Pensou depressa no que devia dizer. Havia uma boa chance de ela não o reconhecer. Lembrou que sua cabeça estava envolta em ataduras e havia um curativo em sua face esquerda. Tinha raspado o bigode que usava quando estava casado e também não usava mais barba.

Antes de falar, Edith tirou da bolsa uma fotografia recortada de um jornal e estendeu-a para ele.

— Vim ver você por causa disso.

Imóvel, sem falar, Frank pegou a foto. Era do *Tatler* de duas ou três semanas atrás e mostrava um grupo de soldados e o capitão.

"Celebidades no hospital de *lady Hood*, em Carlton House Terrace."

Os nomes estavam escritos embaixo. O dele: capitão Wyndham Wode, o galante canadense, ganhador da Cruz da Vitória.

Frank inspecionou a foto lentamente, imaginando que atitude tomar. Era próprio de Edith fazer algo tão inesperado e do modo mais desajeitado possível.

Como continuasse em silêncio, ela se tornou ainda mais nervosa e impaciente.

— Sabe, acho que o reconheci na fotografia — disse, olhando-o fixamente.

— A mim?

Falou num tom bem baixo e lento, esperando não despertar as lembranças da esposa.

Finalmente, tinha entendido a situação. Ela esperara reconhecê-lo imediatamente, mas agora não estava tão certa.

— Achei... — Edith disse, hesitando — ... Achei que você era meu marido.

Na voz dela não havia o menor sinal de emoção nem nenhuma suspeita.

Em compensação, ele achou ter percebido no tom dela uma nota de vingança. Edith queria se vingar por ter sido abandonada e maltratada por ele.

Frank sabia muito bem disso. Tão bem que, ao vê-la de novo, lembrou as cenas cansativas e degradantes que geralmente se seguiam às suas acusações e suspeitas.

Fingiu surpresa.

— Seu marido?! Acho que não entendi direito. Você pensou que eu era o seu marido?

— Sim. Sabe, perdi meu marido há alguns anos — Edith respondeu, baixando os olhos. — Ele não morreu, apenas desapareceu... e na fotografia você parece tanto com ele... só que tinha um bigode e era bem mais magro... mas agora... — Ela hesitou.

— Agora que me viu, está desapontada, não é? Sinto muito.

Ficou surpreso com o próprio sangue-frio.

— Bem... isto é... não sei. — Como sempre, Edith tinha dificuldade para se explicar. — De certo modo, eu queria ver meu marido outra vez. Mas, por outro lado, não queria... se é que entende o que estou tentando dizer. Eu o odeio por ter me feito sofrer tanto.

— Não pense assim — Frank disse, muito sério. — Poucas pessoas merecem ódio.

— Oh, eu sei — Edith respondeu, depressa. — Estou bem feliz sem ele, mas, ao mesmo tempo, gostaria de encontrá-lo para saber o que lhe aconteceu.

"Uma oportunidade que nunca vai ter, eu espero", Frank pensou. Mas em voz alta disse:

— Mora em Londres?

Edith fez que sim.

— Tenho uma casa em Regent's Park. Eu a divido com uma prima. Estamos muito bem. Ela

também foi abandonada por um homem.

— É mesmo?

— Sim. Ele lhe prometeu casamento quando voltasse da Índia com seu regimento, mas mudou de idéia. Ela ficou arrasada e abatida por muito tempo; depois, decidiu que não queria mais saber de homens em sua vida. Como eu penso da mesma forma, resolvemos morar juntas.

Depois de uma pausa, continuou:

— Apesar disso, é estranho não se saber se o marido está vivo ou morto.

— Deve ser mesmo. Mas se não soube notícias dele... alguns anos, foi o que disse? Acho que já deve estar morto. Principalmente agora.

— Com esta guerra tão terrível.

Apesar do comentário, Frank achava que a guerra não significava nada para ela. Parecia não ter amadurecido, nem se tornado menos egoísta do que na última vez em que a vira.

Podia perfeitamente imaginá-la vivendo com outra mulher, com muito conforto, sem fazer nada por ninguém, levando uma vida sem sentido e egoísta.

— Gostava do seu marido?

Sabia que não devia fazer naquela pergunta a uma esposa abandonada, mas ao mesmo tempo havia um certo humor na situação e ele não resistiu.

— Eu o adorava — Edith disse, com seriedade. — Naturalmente, quando casamos, ele me adorava também. Acho que o choque da morte repentina do meu pai deve ter perturbado sua mente. Nós... isto é, eu... acho que a única explicação para seu desaparecimento é que perdeu a memória.

Frank mal conseguiu se controlar para não rir. Era difícil para a vaidade de Edith aceitar a verdade; aceitar que ele havia casado por dinheiro e que tinha sido abandonada quando ele descobrira que ela estava pobre.

Ao invés disso, depois que a fúria passou, ela se preparou para fingir para si mesma que havia alguma razão estranha no desaparecimento do marido.

— Não procurou seu marido, quando ele desapareceu? — A curiosidade foi maior do que a prudência.

Muitas vezes tinha imaginado se Edith teria colocado a polícia atrás dele.

Ela fez que não.

— Era um assunto que eu não queria discutir com estranhos — disse, arrogante.

Novamente, Frank percebeu que a vaidade e o orgulho de Edith a haviam ajudado a superar a crise, e tinham sido seus aliados também.

Ela tornou a guardar a foto na bolsa, calçou a luva que tinha tirado e levantou-se.

— Lamento tê-lo incomodado, capitão Wode. Mas, como havia uma chance... remota talvez de que fosse o meu marido, achei ser meu dever vir verificar.

— Lamento que tenha perdido a viagem — Frank disse, em seu tom mais educado.

— Oh, está tudo bem. Minha prima está esperando lá fora, no nosso carro. Ela mesma dirige, pois o nosso chofer teve que ir para a guerra.

— É muito bom para você poder contar com o apoio de uma parente numa hora dessas.

Séria, Edith comentou:

— Sim, é mesmo.

Despediu-se e saiu.

Completamente inalterada, Frank pensou, vendo-a desaparecer pela porta da enfermaria.

Afinal, Edith sempre acabava encontrando alguém para cuidar dela, fazer coisas para ela; não porque fosse atraente ou inspirasse afeição, mas porque era sozinha e desesperada.

Como uma peça de marfim, ela precisava ser protegida por alguém mais forte. Frank sentiu pena da pobre prima: já devia estar ansiosa para se libertar daquela carga.

Imaginou como seria ela e se sentiu solitário. Gostaria que fosse uma mulher bastante forte, que soubesse colocar Edith em seu lugar e lidasse com ela com firmeza, durante suas crises temperamentais.

Frank percebeu do que havia escapado e se recostou nos travesseiros, fechando os olhos e sentindo uma fraqueza momentânea.

E se não tivesse conseguido enganar Edith? E se ela o reconhecesse?

Horrorizado, viu-se voltando para ela, assumindo novamente a rotina da vida a dois, se sujeitando às insuportáveis cenas de ciúme e às suspeitas terríveis, criadas apenas pela imaginação doentia daquela mulher histérica.

Olhando o passado, lembrou-se da indiferença de Edith por teatros e livros, por jornais e pelo que acontecia à sua volta, só interessada em seu mundinho medíocre.

Agora, achava que ela estava mais preocupada com a lista de compras do que com as listas de feridos, com o racionamento de gasolina do que com o país que ganharia a guerra.

Não se devia culpá-la. Era incapaz de se preocupar com qualquer coisa que estivesse desligada de sua pessoa.

— Foi uma visita de surpresa, hein? — disse uma voz.

Frank abriu os olhos e viu a enfermeira bonita a seu lado, com uma bandeja de chá.

— Na verdade, ela não tinha vindo exatamente me visitar — explicou, prudente.

— Deve ter ficado desapontado.

— Sim, um pouco — disse, sorrindo. — Ela achou que eu era alguém que conheceria no passado.

— Achei que queria apenas o seu autógrafo — a enfermeira brincou. — Devo dizer que não parece com suas fãs, mas muita gente entra aqui, procurando ver celebridades como você.

— Se continuar brincando assim, vou me levantar dessa cama e lhe dar um beijo.

— Não vai fazer nada disso — ela respondeu, depressa. — Senão, darei queixa e você será transferido para outro hospital, que não é tão agradável como este, garanto.

— Bem, então espere até eu ganhar minhas muletas amanhã. Aí, aí ver só.

Rindo dele, a enfermeira se afastou e foi servir chá para outros doentes da enfermaria.

Ele demorou algum tempo para se acostumar com as muletas, iram apoiadas perto dos cotovelos, em vez de colocadas debaixo dos braços, como as antigas.

Depois de dar umas voltas pelo jardim, Frank começou a usá-las e percebeu que podia se beneficiar de um dos privilégios dos oficiais convalescentes: sair do hospital durante o dia.

Como os outros, gostava de almoçar em Piccadilly; depois pegava um cinema e via que, depois de quatro anos em guerra, os ingleses continuavam se divertindo com facilidade.

No hospital de *lady Hood*, os doentes usavam seus uniformes, mas ao saírem levavam uma faixa azul no braço, o que devia impedi-los de serem servidos de drinks nos bares.

Mas a faixa saía facilmente e todos a tiravam antes de entrarem nos bares e restaurantes.

Certo dia, no meio de março, Frank estava sentado num barzinho na avenida Shaftesbury, lugar que costumava freqüentar ultimamente, quando um homem entrou. Era alguém que não via há quase dez anos.

Sem pensar, Frank sorriu e o cumprimentou. O homem se aproximou, de testa franzida.

— Céus, Swinton! Sabe que eu não tinha reconhecido você? Por onde andou durante todos

estes anos?

Só quando ouviu seu velho nome, Frank compreendeu que tinha cometido um erro ao revelar sua identidade. Mas agora era tarde demais a ele estendeu a mão.

— Devo perguntar a mesma coisa, Herman

O homem sentou-se a seu lado.

— Agora, velho, meu nome é Herbert Moore. — O outro disse, em voz baixa. — Naturalmente, você vai achar ridículo isso, mas tenho os meus motivos. Apesar de a minha família morar aqui há muito tempo e eu ter nascido na Inglaterra, Herman Müller é um nome completamente alemão.

Frank riu, pois tinha esquecido o sobrenome do outro.

— Então, virei Herbert Moore — ele disse, rindo.

— Já que estamos trocando segredos, pode esquecer que me chamo Swinton. Meu nome agora é Wyndham Wode.

Herbert Moore estendeu a mão, solenemente.

— Estamos de acordo.

— Bem, agora, fale-me sobre você — Frank pediu —, o que tem feito?

— Não se espanta em não me ver de uniforme? — Herbert disse, depressa. — Minha idade é correta, mas há uma coisa: não passei no exame de coração.

— Má sorte!

— Então, fui para o Ministério da Guerra — Moore explicou. — Claro que não estou batendo carimbos. Estou no departamento de feridos. É um trabalho muito deprimente e esta tarde vim aqui procurar me alegrar com um drinque.

— Tome um comigo. — Frank chamou o garçom.

— Vejo que está com os canadenses — Moore disse, olhando a insígnia no ombro do amigo. — Hoje chegaram vários feridos. Conhece o major Paul Knowles? Morreu.

— Não! Tubby Knowles?! Meu Deus, ele também morreu? Era um grande amigo meu, um dos melhores sujeitos que conheci. Acho que sua mãe mora aqui. Devo ir visitá-la. Tubby costumava falar muito dela. É inglesa, mas o pai dele era canadense.

Depois de um suspiro, Frank continuou:

— Ela tem uma grande fazenda, para os lados de Midlands, eu acho. Ele fazia uma porção de planos de vir para cá, depois da guerra, e criar galinhas!

— Bem, então, é melhor você ir falar logo com a velha. Quem sabe ela resolve lhe deixar a fazenda, agora que o filho morreu. Parece muito rica.

— Não sei o endereço.

— Posso descobrir para você.

— Pode? Então descubra logo, pois irei lá na primeira chance que tiver de sair de Londres.

— Se você escrever, ela poderá vir vê-lo.

— Se me der o endereço, vou pensar no assunto. Gostava muito do velho Tubby.

Os dois tomaram outro drinque e Herbert Moore convidou Frank para conhecer seu apartamento, que ficava numa esquina calma de Regent Street.

Frank, que não tinha nada para fazer, concordou.

Achou o apartamento de Moore pequeno e aconchegante, apesar de decorado de modo bastante exótico.

— Aqui não é uma área residencial — o amigo explicou —, mas é conveniente para mim e muito quieta. O depósito, lá embaixo, só abre uma vez por semana. É o depósito de uma grande firma da Regent Street.

Abriu uma garrafa de uísque e colocou dois copos sobre a mesa e uma jarra de soda.

— Sirva-se.

Frank aceitou o drinque.

— A dias mais felizes — brindou.

Herbert tomou seu drinque, parecendo nervoso. Depois de hesitar um momento, falou:

— Gostaria de conversar com você mais seriamente, se não se importar.

— Claro que não me importo. — Frank sentia-se tranqüilo e confortável, ao lado da lareira, com as muletas apoiadas no braço da poltrona e a perna ferida esticada.

— Tem mais dinheiro do que costumava ter? — Moore perguntou, sem rodeios.

— Não. E também não tenho nenhuma perspectiva de arranjar algum.

— Gostaria de ganhar?

Frank riu.

— Não seja bobo. Já conheceu algum homem que não quisesse ganhar dinheiro ou achasse isso sem importância? Meu querido Herbert, garanto que, quando sair do hospital, vou estar sem um tostão. Apesar de ter uma bela medalha, só ganharei uma pequena pensão da pátria agradecida.

Herbert inclinou-se para a frente e baixou a voz, embora não houvesse a menor possibilidade de serem ouvidos.

— Bem, tenho uma idéia que estou querendo pôr em prática há algum tempo.

— Ele falava sobre sua casa?

— Muito — Frank respondeu.

— E sobre os cachorros, Sam e Rover?

— Estava sempre falando deles, lamentando não poder brincar com eles. Certa vez, veio correndo pela linha de tiros, cruzando o território neutro. Os homens ficaram tão surpresos que, durante um momento, até pararam de atirar. Seu filho virou-se para mim e disse: "Gostaria que Sam estivesse aqui; ele ia ficar louco de alegria".

— Gerald era assim. Seu esporte e seus animais significavam tudo para ele.

— Nós dois gostávamos muito da vida rural — Frank explicou. — Costumávamos dar grandes passeios pelos campos, conversando. Passei grande parte da minha vida no Canadá e ele estava interessado nisso. Tinha prazer de me contar sobre sua casa e como a senhora havia ficado, cuidando da fazenda. Fazia muitos planos para vir morar aqui, no futuro. Agora, parece estranho que todos esses planos não se realizem.

— Que tipo de planos?

— Sobre o que ia fazer. Nós tínhamos umas idéias diferentes para começar a criar galinhas, depois que a guerra terminasse. Gerald achava que daria mais lucro se a fazenda tivesse equipamento moderno. Eu tinha visto muitos desses equipamentos no exterior. Colocamos nossas cabeças para funcionar e íamos tentar a sorte.

— Quer dizer que ia ser sócio dele?

— Bem, mais ou menos. Gerald costumava dizer: "Você e eu junto, Wyndham, vamos vencer todos os especialistas".

— Ele sempre foi assim, muito entusiasmado — a mãe disse, em tom suave.

— Acho que não seria o que chamam de sociedade — Frank continuou. — Sabe?, eu não tenho nenhum capital, mas Gerald disse que se encarregaria disso. Eu seria o gerente, ia cuidar das vendas, nos negócios. Nós achávamos que, se começássemos com quinhentas libras, íamos conseguir lucros dentro de dois anos. Pelo menos, Gerald tinha muita confiança nisso.

— Gerald sempre foi muito confiante — a mãe murmurou, como para si mesma. — Ele

confiava que voltaria.

— É verdade. Nem por um momento ele imaginou que fosse morrer. Tinha certeza absoluta de que ia ver o fim da guerra. Que estaria lá, no final, e depois teria todo o tempo do mundo para construir o futuro com que tanto sonhava.

— E vocês chegaram a planejar onde seria a tal criação de galinhas?

— Oh, aqui perto, naturalmente. Foi a conclusão a que chegamos rapidamente, sra. Marlow. Gerald não ia fazer nada em que a senhora não estivesse interessada.

— Oh, capitão Wode, me deixa tão feliz ao dizer isso — a mulher falou com lágrimas nos olhos.

— Toda a minha vida foi dedicada a Gerald. O pai dele morreu quando era muito pequeno e por isso ficamos bastante unidos. Nós significávamos muito um para o outro.

Seu olhar se perdeu no vazio, nostálgico.

— Quando ele foi para a escola pela primeira vez, disse: "Não me importo em ir, mamãe. É porque vou ficar longe de você que estou tão infeliz".

Ela deu um soluço.

— Por isso, parece incrível que eu não vá vê-lo de novo. Ele era tudo. o que eu tinha neste mundo. Tudo.

Depois de um longo silêncio, a sra. Marlow enxugou os olhos e puxou o chapéu para esconder o rosto.

— Fiquei muito feliz em vê-lo, capitão Wode — disse numa voz mais controlada. — Foi muita gentileza sua me escrever. Recebi uma carta maravilhosa do comandante de Gerald, mas não é como encontrar um dos amigos dele e ouvir coisinhas que meu filho dizia, seu dia-a-dia. Agora, tenho muito em que pensar.

— Estou contente com isso.

— E há uma coisa que quero lhe dizer, mas não deve se zangar comigo nem ficar ofendido. Essa criação de galinhas que você e Gerald planejaram juntos... posso lhe dar o capital para começá-la?

Frank fez um gesto vago de protesto, mas ela o interrompeu imediatamente.

— Não, não. Quero que pense numa coisa: não é presente de uma velha desconhecida, mas, sim, um presente de Gerald. Ele gostaria que fosse assim. Você sabe disso. Pense no assunto. Meu dinheiro não vai servir para muita coisa, agora que meu pobre filho morreu. Não tenho em que gastá-lo.

— É muita gentileza sua.

— É apenas uma retribuição pelo que fez por mim. Gostaria de ter uma recordação de sua amizade com o meu filho. Gostaria que realizasse os sonhos dele.

Levantou-se lentamente, com as mãos ainda trêmulas de emoção. Estava muito pálida.

— Vou lhe mandar o cheque esta noite. Adeus, capitão Wode, e muito obrigada, do fundo do meu coração.

Sem dizer mais nada, ela caminhou para a porta. Frank continuou sentado, olhando o chão, completamente confuso.

Quinze minutos depois, alguém bateu à porta e ele percebeu que Herbert Moore havia voltado.

— E então?

— Pelo amor de Deus, preciso de um drinque!

Herbert foi até o armário, tirou uma garrafa de uísque e colocou ao lado de Frank. Esperou o amigo tomar mais de meio copo, antes de perguntar de novo:

— E então?

- Foi horrível! É um trabalho horrível! Uma péssima idéia! Aquela pobre mulher...
- Mas, teve sucesso?
- Sim. Ela vai mandar um cheque de quinhentas libras. Nem desconfiou de nada.
- Rapaz, você é um gênio!
- Sou um porco e você sabe disso...

— Já falamos nesse assunto mil vezes — Herbert disse, suavemente. — Sabe muito bem que as deixa felizes. Você conhece as mulheres: querem detalhes, pedaços de conversas sobre os filhos. Quanto mais, melhor. Todas elas se satisfazem com uma certa fórmula. Você lhes dá felicidade e elas lhe dão um bom cheque. Quem sai magoado? Certamente, não é o rapaz morto. Ele já está além do poder do dinheiro.

— Parecem tão ansiosas para acreditar em mim. Se não acreditassem tanto, eu me sentiria mais feliz.

- Ora, você é um fraco. — Herbert riu. — Tome outro drinque e esqueça o assunto.

Sabia muito bem como Frank se sentia. Mesmo vendo que tudo daria certo, exatamente como planejado, tinha tido muitas dificuldades em convencer o amigo a ajudá-lo.

Ficou surpreso, porque nos velhos tempos Frank Swinton seria a primeira pessoa a aceitar aquela oportunidade de ganhar dinheiro. Mas era difícil lidar com homens mais velhos. Preferiu dizer abertamente que ser sentimental é um luxo caro, que as pessoas sem dinheiro não podem ter.

Em seu emprego no Ministério da Guerra, Herbert descobria muitos detalhes sobre os parentes das vítimas. Escolhia com cuidado as mães de filhos únicos e fazia pesquisas sobre as posições financeiras de cada uma.

Só depois de descobrir tudo, convencia Frank a escrever uma carta de condolências, dizendo que tinha conhecido o falecido na França, que serviram juntos e que, caso a mãe passasse por Londres, gostaria de falar sobre o amigo.

Nenhuma mãe infeliz e inconsolável resistia. E só o fato de Frank ser o capitão Wode, o canadense ganhador da Cruz da Vitória, fazia com que dessem uma resposta rápida e aparecessem em Londres na primeira oportunidade.

Frank não agüentava desempenhar seu papel. Não conseguia deixar de se comover com as lágrimas das mulheres, e o pior era que tudo se tornava fácil demais.

Elas falavam sobre os filhos, ele respondia às perguntas. Todas ficavam tão agradecidas por aquelas informações insignificantes e ridículas que ele lhes dava.

Até o momento, Frank já tinha tido cinco entrevistas, e cada uma resultara num cheque de quinhentas libras. Herbert tinha escolhido essa quantia porque não era muito grande para as mulheres ricas, que poderiam dispor dela sem terem que consultar advogados ou parentes.

Não importava o que acontecesse, não devia haver perguntas. Apesar de ser impossível provar que Frank não pretendia iniciar uma criação de galinhas com um jovem que morrera na França, ao mesmo tempo, um processo contra os dois poderia tornar, tudo muito desagradável.

O apartamento era o local ideal para os encontros. Ali não havia porteiros. Era fácil marcar a entrevista para as três horas. Frank chegava quinze minutos antes e já estava lá quando elas batiam.

Só depois que partiam, com muitos agradecimentos, prometendo o cheque para o dia seguinte, ele se sentia degradado, odiando Herbert por ter conseguido convencê-lo a participar daquele jogo sujo.

O amigo era esperto o suficiente para deixá-lo desabafar, para não se importar com os insultos, e se preparava para não pressioná-lo para a próxima entrevista, até que já estivesse esquecendo a última.

Frank continuava procurando lembrar que fazia as mães felizes. O dinheiro não importava para elas. Por que, então, deveria ficar com vergonha de aceitar os cheques que todas quase imploravam para lhe mandar?

Mas só sabia que odiava aquilo tudo. Odiava todas as vezes que ia ao apartamento de Herbert e sempre jurava a si mesmo que seria a última vez.

Sem contar com o cheque da sra. Marlow, já tinha mil libras depositadas em sua conta bancária.

Pelo menos, poderia iniciar alguma coisa, ao sair do Exército. Mas, quando sugeria que já tinham o suficiente, Herbert implorava para que tentasse mais uma vez e ele, deplorando a própria fraqueza, concordava.

Estava melhorando rapidamente e o tratamento já fazia com que mexesse a perna sem tantas dores. A primavera chegou e a Páscoa passou. As notícias do *front* tornavam-se piores.

O grande avanço dos alemães em março tinha terminado com as esperanças de acabar com a guerra antes do Natal. Havia rumores de outros ataques alemães e dizia-se que planejavam invadir Paris.

Frank saiu do hospital depois do almoço, tomou um táxi e foi para o apartamento de Herbert. Tinha marcado um encontro com *lady* Stanbury às duas e meia e achava que estava atrasado. Caminhou rapidamente pela calçada, querendo chegar antes dela e se acomodar; assim, a mulher não o veria subindo as escadas.

Quando *lady* Stanbury chegou, ele estava de pé, na porta, e a conduziu para a sala, sugerindo que se sentasse perto da lareira.

— Muito bonitinho este apartamento — ela disse, sorrindo. — É seu, Capitão Wode?

— Não. É de um amigo. Ele me deixa passar as tardes aqui, lendo ou escrevendo minhas cartas. Depois de tantos meses no hospital, gosto de sair um pouco.

— Tenho certeza que sim.

Frank olhou-a, com interesse. Ela era diferente do tipo comum de mãe que recebia. Era uma mulher alta, de porte ereto, e suas roupas, apesar de não estarem na última moda, eram caras e de bom gosto.

Parecia ter uma personalidade forte e uma posição importante. Não estava pálida ou trêmula.

Pela primeira vez, sentiu medo de que Herbert tivesse cometido algum engano.

— Você me escreveu sobre Ronald — *lady* Stanbury disse calmamente.

A voz dela não era fraca nem lacrimosa. Frank teve a impressão de estar diante de uma mulher perfeitamente controlada.

Ela não tinha chegado com o lenço enfiado na manga, pronta para chorar à primeira menção ao filho. Frank estava certo de que, nem por isso, o amava menos ou sentia menos sua falta do que as mães nervosas. Apenas era diferente.

De repente, sentiu um impulso de dizer:

— Não conheci o seu filho. Cometi um engano; por favor, vá. embora.

Depois, o orgulho e um certo medo das conseqüências o fizeram responder, quase automaticamente:

— Conheci seu filho muito bem, na França, e achei que gostaria de conversar comigo.

— Por favor, fale-me sobre Ronald...

Foi a conversa mais difícil para Frank. *Lady* Stanbury não falava nada, não fazia perguntas e parecia esperar com a maior dignidade o que Frank tinha para lhe dizer.

Felizmente, Herbert já lhe dera uma lista do que o rapaz fazia antes da guerra e, durante a hora seguinte, Frank não cometeu nenhum erro.

Ronald Stanbury tinha um grande número de amigos e a mãe não achava estranho não saber da amizade dele com Frank.

Ele lhe contou que tinham- se encontrado na base, em várias ocasiões, e deixou que a imaginação de *lady* Stanbury fornecesse os detalhes. Mas, quando se preparava para falar sobre a criação de galinhas, sentiu que era uma nota falsa, que aquilo não combinava inteiramente com o caráter de Ronald.

Dessa vez, Herbert havia cometido um erro. Ronald Stanbury era um jovem que gostava de todos os esportes e ia de um lugar para o outro, procurando se divertir.

Claro que nunca planejava ir morar numa fazenda e criar galinhas.

Tinha concluído que *lady* Stanbury era não apenas rica, mas que seu filho teria herdado muitas terras. Se o rapaz jamais havia se interessado por galinhas, tendo espaço e dinheiro para criar o que bem entendesse, por que sonharia com elas na guerra?

Portanto, Frank não fez nenhuma menção ao futuro. Procurou falar somente sobre o jovem Stanbury.

Quando sentiu que não tinha mais nada a dizer e que seria arriscado confiar na imaginação, ficou em silêncio, achando que *lady* Stanbury partiria em seguida.

Entretanto, para sua surpresa, ela continuou sentada e disse:

— Obrigada, capitão Wode. Estou muito agradecida por tudo que me contou sobre Ronald. Não preciso lhe dizer quanto vale tudo que me disse sobre ele. Mas, agora, fale-me sobre você. Quais são os seus planos para o futuro.

CAPÍTULO IX

O castelo de Crosstrees Priory dava para uma grande planície verde, de onde se via o rio Avon.

A distância, ficavam as montanhas Brendon e a torre quadrada do castelo, projetada contra o céu. As árvores frutíferas estavam em flor, prometendo muitos frutos para as próximas semanas.

Frank saiu no terraço de Priory, olhou o campo ao redor e sentiu-se maravilhado por aquela beleza.

Em Crosstrees Priory a atmosfera era diferente de Wentworth Hall, a única casa de campo que ele havia conhecido.

Ali não havia o menor sinal de pretensão. Os convidados de *lady* Stambury se sentiam confortáveis e à vontade, mas pareciam membros de uma família e, não, convidados.

A casa era grande, bem maior do que Wentworth Hall, mas com teto baixo e travas de pinho, nas janelas, vitrais, e as velhas escadarias de carvalho davam para quartos pequenos e aconchegantes. Tudo parecia dar as boas-vindas a quem chegava, sem lembrar que se era um estranho.

A princípio, quando *lady* Stanbury o convidou para passar o fim de semana lá, ele ficou surpreso. Na verdade, hesitou um pouco, nervoso, sem saber se devia aceitar ou não.

— Se está preocupado com o hospital — *lady* Stanbury disse, sem entender o motivo daquela hesitação —, esqueça. Conheço *lady* Hood muito bem, é uma de minhas melhores amigas. Vou falar com ela e sei que lhe dará permissão para ir comigo.

Sorriu, encorajadora.

— Não haverá nenhum problema. Vamos de carro até lá e você poderá voltar a Londres na segunda-feira de manhã, para continuar seu tratamento.

Apesar de estar com medo dela, ele também sentia interesse e curiosidade, pois era uma mulher que o tratava de modo diferente.

Depois de conhecê-la melhor, percebeu que sua tristeza era muito grande; não só havia perdido o filho único, mas toda a família.

Na casa, era óbvio que os criados a adoravam. Viam-na não apenas como patroa, mas como uma amiga e lhe pediam conselhos sempre que precisavam.

O convidado mais interessante daquele fim de semana era o coronel Harrison, um primo de *lady Stanbury*.

Era um homem quieto, de quarenta e seis anos, e aparência bastante comum.

Entretanto, no momento em que apertou a mão dele, Frank percebeu que se tratava de um homem distinto.

O coronel quase nunca dava opiniões; na verdade, pouco falava. Mas, quando o fazia, sua conversa era interessante e ele tinha um ar de autoridade.

O resto dos convidados sempre o ouvia com atenção e, desde que se conheceram, Frank teve a impressão de que o coronel era muito respeitado ali.

Os convidados não faziam muita coisa. Ficavam sentados no terraço, tomando sol, lendo e conversando; os que tinham mais energias jogavam tênis, e todos iam dormir cedo. Entretanto, Frank nunca tinha se divertido tanto.

No domingo, sentiu-se deprimido ao pensar que no dia seguinte teria que voltar para o hospital, em Londres.

Todos ali tinham sido muito gentis, principalmente *lady Stanbury*, que parecia querer agradá-lo em tudo e fazer com que se interessasse pelos outros hóspedes.

“Eu sempre quis dinheiro”, Frank disse a si mesmo ao ir para o quarto.

Deitou na cama grande, de frente para os largos janelões e ficou olhando o jardim, lá embaixo.

No entanto, continuou pensando, esse tipo de coisa não pode ser comprado. Outras pessoas, apesar de ricas, não podem viver nesta casa, não podem viver neste estilo.

Na tarde de domingo, estava sentado no jardim, quando sua anfitriã se aproximou.

— Está calmo aqui, não?

— Eu nem sei como lhe dizer quanto adorei cada momento de minha visita — Frank disse, impulsivamente.

Não havia dúvidas sobre a sinceridade na voz dele. *Lady Stanbury* sorriu docemente durante um momento; depois, colocou a mão no braço dele.

— Estou tão contente. Era importante para mim que conhecesse a casa de Ronnie.

Ficaram um momento em silêncio. Então, ela procurou afastar o pensamento do filho e disse:

— Capitão Wode, eu o convidei para vir aqui por um outro motivo. Pela sua conversa, percebi que não sabe ainda o que vai fazer no futuro, quando for desligado do Exército. Por ter sido amigo de Ronnie e pelo seu desempenho brilhante durante a guerra, acho que seria uma pena alguém como você ficar desperdiçado e não nos ajudar a vencer. Apesar de querer que se divertisse, eu o convidei para vir aqui conhecer o coronel Harrison.

Frank não disse nada nem interrompeu.

Ela continuou

— Vou ser franca, capitão Wode, e meu primo já consentiu que eu falasse. Tenho certeza de que não sabe quem ele é. Poucas pessoas sabem, a não ser aquelas que trabalham com ele. Meu primo pertence ao Serviço de Espionagem do Exército, mas acho que não o conhece. Há muitos ramos de espionagem, tanto na Marinha quanto na Aeronáutica. Mas, além disso, há um ramo mais

importante e mais secreto e, neste, meu primo tem uma posição de grande autoridade. Claro que há outros chefes; no entanto, não os conheço. David Harrison é um homem misterioso, mas alguém de quem gosto e respeito muito.

— Desde o começo senti que havia algo de diferente nele — Frank comentou.

— E estava certo: é mesmo um homem muito especial. Agora, Capitão Wode, já tem uma idéia de por que eu gostaria que o conhecesse. Já falei com ele sobre você muitas vezes. Eu queria, como já disse, fazer alguma coisa por um dos amigos de Ronnie e também pelo país que ele morreu defendendo. David Harrison virá conversar com você, mas senti que devia lhe dar uma explicação para facilitar as coisas.

Frank tornou a agradecer, mas *lady* Stanbury interrompeu:

— Você só podia me agradecer aceitando o convite e se sentindo em casa, aqui. Sabe que sempre ficarei muito contente em tê-lo conhecido.

Aquilo era algo que Frank não tinha esperado. Depois da conversa com o coronel Harrison, ficou ainda mais surpreso com os acontecimentos.

Soube que havia um trabalho que poderia fazer. Se concordasse, seria desligado do Exército mais rapidamente, logo que melhorasse de saúde, e, ao sair do hospital, deveria procurar o coronel imediatamente.

Ficou animado com aquela idéia, mas apreensivo. Teria capacidade para realizar a tarefa? O coronel sorriu e explicou:

— Não é de cérebros que precisamos, Wode, mas do tipo certo de homem, e é isso que está difícil atualmente. Vou ser franco: o fato de você ter vindo do Canadá vai ajudar muito. Será difícil as pessoas saberem quem é ou quais foram os seus movimentos. Metade do problema com você já está resolvido, pois a maioria dos homens tem casa e amigos.

Depois daquela conversa, Frank pensou em Herbert Moore. Sabia que a primeira coisa a fazer seria terminar com aquela sociedade comprometedora.

O coronel certamente não havia feito nenhuma pesquisa sobre ele, confiando apenas na recomendação de *lady* Stanbury sobre um amigo de Ronnie. Mas, no futuro, seus movimentos seriam controlados, e Herbert Moore era uma amizade desagradável que precisava ser logo esquecida.

Pensou em escrever uma carta, mas achou que seria um erro. É sempre melhor não se comprometer por escrito; principalmente, num caso daqueles.

Havia a possibilidade de o telefone do hospital estar censurado, mas poderia falar do telefone de Crosstress Priory, da pequena sala do café, onde nunca havia ninguém.

Quando os convidados foram se vestir para o jantar, ele pediu uma linha ao mordomo, fechou a porta e discou o número do apartamento de Herbert Moore.

Depois de um momento, o outro respondeu:

— Alô, quem é?

— Alô, aqui é Wode. Estou dando um interurbano, está me ouvindo bem?

— Perfeitamente.

— Ótimo. Agora, escute, Herbert. Esse negócio que você e eu temos discutido e que nos interessou ultimamente precisa acabar. Não posso explicar por telefone, mas garanto que tenho fortes motivos para lhe dizer isso. Acho que é melhor não nos vermos durante algum tempo. Entendeu?

Depois de uma pausa Herbert disse, lentamente:

— Não, não entendi.

— Mas deixei tudo bem claro.

— Você deixou bem claro o que quer, mas lamento não poder aceitar sua proposta Swinton.

Pelo tom de voz e usando o verdadeiro nome de Frank, era óbvio que Herbert pretendia ser desagradável.

Acho melhor acalmá-lo, ele pensou.

— Olhe aqui, meu velho, desistir do nosso negócio é muito importante para mim.

— E continuar com ele é importante para mim.

— Sim, eu sei. Até agora, tivemos muita sorte, mas não posso lhe prometer que, nas circunstâncias atuais, a sorte vá continuar. É melhor parar por aqui.

— Acho que sou eu quem deve decidir isso — Moore respondeu, azedo. — Também tenho algumas coisinhas interessantes para você.

— Bem, pode jogá-las no fogo — Frank disse, zangado.

— Oh, acho que não. Acho que vai pensar melhor e reconsiderar sua decisão. Quero falar com você. Por favor, esteja aqui no meu apartamento na terça-feira às três e meia, sem falta.

— Não posso.

— Oh, sim, você pode. — Moore falava com muita segurança. — E, se não vier, vou ao hospital vê-lo.

Meu Deus! Vendo que não adiantava dizer mais nada, Frank desligou. Não esperava por aquela.

O que devia fazer? Moore ia agir de modo desagradável. Obviamente, já tinha preparado um plano para ter somente lucros e nenhum problema.

Frank nunca havia apreciado aquele homem e agora sabia que devia ter seguido sua intuição e se afastado dele.

Ficou furioso consigo mesmo por ter-se misturado com aquele tipo; depois, verificou que não era bem assim. Se não fosse o plano dele, jamais teria conhecido *lady* Stanbury nem estaria naquela casa, agora.

Vestiu-se para o jantar, analisando sua situação. Não ia deixar que o outro o chantageasse. Entretanto, sabia que teria que usar de inteligência e tato para lidar com Herbert.

O homem estava certo de que o manteria naquele negócio de conseguir dinheiro sob falsa identidade. Sua posição era menos perigosa do que a de Frank. Nenhuma das mulheres o tinha visto no apartamento, nem sequer sabiam de sua existência.

Seria difícil provar a participação de Moore. Os relatórios sobre cada morto haviam sido queimados depois das entrevistas, e só o fato de terem sido escritos com a letra de Moore provava sua cumplicidade.

Frank não tinha intenções de deixar Moore prejudicá-lo por uma fraude da qual era também responsável. Mas, sabia muito bem que, se houvesse perigo, o outro poderia lhe causar muitos danos.

— Resolvi problemas piores em minha vida — disse a si mesmo.

— Vou resolver este também.

Desceu para jantar e encontrou *lady* Stanbury. Encarou o olhar penetrante do coronel Harrison e se desprezou por ser tão covarde.

Lady Hood se interessava muito por seus pacientes e, apesar de o hospital estar sempre cheio, nunca se enganava quando conversava com os oficiais.

Lembrava sempre, também, as referências que as enfermeiras faziam sobre cada paciente.

Frank não ficou surpreso, quando, na terça-feira, ela parou ao lado de seu leito e disse:

— Divertiu-se no fim de semana, capitão Wode?

— Sim, muito. Crosstrees Priory é uma das casas mais lindas que já vi em minha vida.

— Também acho. Passei muitos dias felizes lá. E como está *lady* Stanbury?

— Muito bem — Frank respondeu, sem saber a que *lady* Hood se referia. — Ela é uma mulher muito corajosa.

— Quando a conhecer como eu, verá que Geraldine Stanbury não poderia ser diferente. Gostaria que houvesse mais gente igual a ela. E sua perna, como vai, depois de ficar dois dias longe de nós?

— Muito melhor, felizmente. É incrível, mas agora quase não sinto dores.

— Isso é ótimo — disse ela, sorrindo, colocando algumas frutas sobre a mesinha-de-cabeceira dele e passando para outra enfermaria.

Depois de ela sair, Frank recostou-se nos travesseiros. Sozinho novamente, voltou a pensar no problema que o tinha mantido acordado a noite inteira. O que fazer com Herbert Moore?

Lembrava sem parar a desagradável conversa que tiveram pelo telefone e seu instinto lhe dizia que tinha uma tarefa muito difícil diante de si.

Herbert ameaçara fazer chantagem para forçá-lo a continuar conseguindo dinheiro fácil daquele jeito.

Frank não estava apenas com medo do escândalo, mas das mulheres que lhe haviam dado dinheiro, da decepção que sentiriam, sabendo que ele não era amigo de seus filhos. Moore era a única pessoa, em Londres, naquele momento, que sabia a verdadeira identidade de Wyndham Wode.

Podia não saber ainda o motivo da troca do nome, mas seria fácil descobrir, mais cedo ou mais tarde.

Talvez, pensou, esteja superestimando o homem; talvez não seja tão inteligente assim. Entretanto, Moore poderia fazer perguntas e descobrir o que geralmente todos descobrem: que uma pessoa costuma mudar de nome porque agiu contra a lei. Sim, havia motivos para temê-lo.

Seus medos e ansiedades não lhe fizeram bem. Ele se desprezava não apenas por ter feito aquele papel humilhante para conseguir dinheiro, mas por deixar que um sujeito do tipo de Moore o dominasse a tal ponto. Lembrou que *sir* Alfred certa vez lhe havia dito:

— Neste mundo, meu rapaz, as pessoas não pagam por suas fraquezas, mas por sua burrice.

Frank agora via que aquilo era verdade. Tinha cometido a burrice de entrar num negócio escandaloso, sem se preocupar em se garantir. Poderia ser acusado pelo próprio sócio, que assim deixaria de ser implicado.

Vestiu-se lentamente, depois de ter sido examinado pelo médico. Estava cansado e apreensivo, sem saber o que aconteceria na entrevista da tarde.

Sentia-se tão mal, depois da noite sem dormir, que nem reclamaria, se o mandassem de volta para a cama.

Preferia sofrer qualquer coisa do que se arriscar a ver Moore cumprindo ameaças que fizera e indo vê-lo no hospital. Pegou uma camisa caqui na gaveta e, num impulso, apanhou o revólver que, ao chegar, tinha atirado descuidadamente dentro de outra gaveta. Colocou-o no bolso.

Não havia feito nenhum plano para o encontro, mas sabia que poderia precisar usar medidas desesperadas.

Caminhou por Regent Street, pensando quantos pedestres teriam um problema tão complicado em suas vidas.

Sentia-se solitário. Um ser humano sozinho, sem ninguém que o ajudasse, que lhe estendesse a mão.

Entretanto, Londres não era a cidade austera que ele imaginava. Havia gente rindo e conversando por toda parte, pois em 1921 um espírito de fraternidade invadira o país e os homens

se sentiam ligados pela campanha contra o inimigo.

Praguejou contra sua imaginação que o deixava sensível demais, e também envergonhado.

Chegou ao apartamento de Herbert Moore antes da hora, achando que não havia chance de o outro estar lá. Entrou com a chave que possuía e caminhou pela sala, procurando chegar a uma conclusão sobre o que fazer.

Lembrava agora que Moore sabia até o nome do banco onde depositava seu dinheiro, enquanto que ele não sabia o rumo dos lucros do sócio.

Furioso, sentou-se à escrivaninha, resolvido a descobrir qualquer coisa sobre a vida particular de Moore.

Nunca tinha olhado aquelas gavetas. Estavam trancadas. Que explicação daria para o arrombamento? Não achou nenhuma, nem se importou com isso. Forçou o trinco da do meio.

Lá dentro havia papéis muito arrumadinhos, mostrando a personalidade organizada de Moore. Havia várias contas e receitas, um livro e anotações contendo os gastos da casa nos últimos três meses e algumas folhas de papel de carta.

Nada importante.

Fechou a gaveta e abriu outra. Não estava tão arrumadinha e, à primeira vista, parecia que alguém tinha colocado apressadamente os papéis ali, antes de fechá-la.

Sobre a pilha, um telegrama da Holanda, chamou sua atenção. Dizia apenas:

"Volte logo. Lembranças a Emily. Tia Mary."

Estranho! Achava que todos os parentes de Herbert moravam na Inglaterra.

Lembrou-se de várias vezes o homem ter dito que não tinha parentes no exterior. Então, acima daquelas palavras, Frank viu que havia números escritos.

Durante um momento, ficou olhando para eles, sem entender. Depois, tudo se esclareceu: o telegrama era em código.

Depressa, puxou as outras coisas da gaveta, até encontrar o que estava procurando, uma caderneta cinzenta que cabia facilmente no bolso de um casaco.

Entendeu o código, mas demorou quase vinte e cinco minutos para decifrar o telegrama. Depois, com a ajuda dos números, leu a verdadeira mensagem que Herbert havia recebido.

"Informação recebida. Mande os nomes dos regimentos ao sul de..."

Não conseguiu decifrar a última palavra. O telegrama não estava assinado.

Não havia a menor dúvida sobre o significado da descoberta. Mesmo assim, Frank ainda custou alguns segundos para aceitar a idéia.

Herbert Moore era um espião!

Percebeu como havia sido ingênuo, ao acreditar que o apartamento e a decoração exótica e cara, mais o carro de Herbert, tinham sido comprados apenas com o salário dele no Ministério da Guerra.

Se vivesse só do salário de funcionário público, Moore estaria esfarrapado, percorrendo os bares de West End, à procura de alguém que lhe pagasse um drinque, agradecido por ganhar alguns tostões honestamente.

"Como fui tolo", Frank pensou.

Abriu o armário e viu várias fileiras de ternos bem cortados. Sobre a lareira havia um quadro caro e os tapetes ao lado da cama pareciam de ótima qualidade.

Sem dúvida, tudo aquilo tinha sido comprado às custas das vidas de muitos homens.

De repente, estremeceu. Todo aquele apartamento o enchia de horror. Pensou em Herbert Moore voltando do Ministério da Guerra, onde lidava com todas aquelas listas de mortos, feridos e desaparecidos.

Teria trabalhado em sua mesa, mandando informações para o inimigo, para seu país de origem, que ele desprezava abertamente em público.

Em sua posição, podia obter informações valiosas de vários departamentos, muito mais do que os homens que tinham se alistado no serviço militar.

“Que porco!”

Enquanto pensava nisso, ouviu o barulho da porta e os passos do outro, entrando no apartamento.

— Que bom ver você, meu velho — Herbert disse, atirando-se sobre a poltrona perto da porta. — Gostou do fim de semana? Teve sorte em me encontrar no domingo. Eu tinha vindo me vestir para o jantar. Se ligasse dez minutos depois, eu já teria saído.

Atravessou a sala e tirou uma garrafa de uísque do armário.

— Quer um drinque? Estou louco por um e acho que você também devia aceitar.

Colocou a garrafa sobre a mesa, mas Frank continuou imóvel no meio da sala, apoiado em suas muletas. O outro virou-se.

— Qual é o problema? — perguntou, ríspido. — Não leve as coisas tão a sério, rapaz. Tome um drinque, antes de começarmos a conversar.

— Não, obrigado.

Moore deu de ombros.

— Bem, faça como quiser. Mas eu não vou ficar sem beber

Serviu-se de meio copo, juntou soda e bebeu.

— Era isso que estava precisando — disse, estalando os lábios.

— Tive uma manhã muito cansativa.

— Muitas listas de mortos? — Frank perguntou, controlando o ódio e o nojo.

— Muitas. E terríveis! — Seu tom era grave. Parecia até que realmente se importava. — E como estavam horríveis! Agora — prosseguiu, pegando um cigarro na cigarreira de prata —, acho melhor conversarmos.

— Sobre o quê?

— Sobre você. Quando telefonou para mim no domingo à noite, devo admitir que fiquei completamente surpreso. Já desconfiava de que um fim de semana no campo, com gente fina e bem vestida, ia fazer com que você perdesse o senso de proporção. Na verdade, estava preparado para ouvir o que me disse, mais cedo ou mais tarde.

— É mesmo? Nunca percebi isso. Então, estava preparado? Continue.

— Quando entramos neste negocinho juntos — Moore disse, observando a ponta do cigarro —, pensei comigo mesmo que era uma pena ter tanto trabalho e lhe confiar minhas idéias, a não ser que tomasse precauções para garantir o meu futuro. Portanto, andei fazendo umas perguntinhas sobre você. Ao mesmo tempo, tomei muito cuidado para não me implicar nessas conversas que você teve com as mães dos falecidos.

— Sim, sei que é muito esperto.

— Achei que já sabia disso. — Sorriu, satisfeito. — Eu me orgulho, quando faço algo que precise de organização e cuidados. Não quero que nada fracasse. Bem, vou ser franco com você. Devo lhe confiar que tenho muito a dizer a seu respeito, tanto às mulheres que lhe deram dinheiro, quanto também a *lady* Stanbury. Pelo que percebi no seu telefonema, ela lhe ofereceu alguma posição ou emprego com mais dinheiro do que está ganhando no momento.

— Em outras palavras — Frank disse, aproximando-se da mesa no centro da sala e se apoiando nela —, você pretende me chantagear.

— Essa é uma palavra muito feia. — Herbert fez um gesto de quem não concordava. — Eu

não diria exatamente chantagem. Vamos colocar as coisas de outro modo. Acho que você está sendo tolo. Temos um bom negócio e ainda não usamos nossas melhores chances. Por que os meus planos devem ser estragados, só porque você recebeu uma boa proposta de emprego?

Não recebeu nenhuma resposta.

— Vamos parar de discutir sobre isso. É ridículo sócios discutirem. Você está se comportando de modo idiota e, afinal, precisa tanto de dinheiro quanto eu. Estes seus novos amigos vão querer vê-lo mais algumas semanas; depois vão deixá-lo em paz. Assim, terá a sorte de continuar com uma fonte de renda garantida.

— Está sendo muito convincente. Entendo seus argumentos. Mas agora que já terminou, talvez me deixe falar.

— Fale, amigo. Tenho certeza de que vou gostar muito do que tem a dizer.

— Talvez, então, queira me explicar isto, Hermam Muller. — Frank tirou o telegrama do bolso.

Achou que o homem ia ter um ataque. Ele empalideceu, ficou de cor cinza e depois começou a tossir e puxar o colarinho, como se estivesse sufocado.

Recuperou-se finalmente e caminhou para Frank, como se fosse lhe dar um soco. Mas Frank era maior e mais alto e ele se conteve. Apenas perguntou, num tom ameaçador:

— Onde pegou isso?

Frank colocou novamente o telegrama no bolso.

— Na sua gaveta.

Era óbvio que Moore estava fazendo um tremendo esforço para se controlar.

— Bem, e daí? É um telegrama de minha tia.

— Infelizmente, para você, eu cheguei cedo e tive bastante tempo para conseguir decifrar o seu telegrama.

Alguns segundos se passaram, antes que Moore dissesse:

— Afinal, parece que estamos no mesmo barco. Você pode me entregar, se quiser. E, caso faça isso, eu explicarei a sua presença no meu apartamento. Não sei qual dos dois estaria em pior situação. Afinal, sou alemão, lutando pelo meu país. Tem que admitir que é uma posição honesta e até com um certo encanto. Você, por outro lado, é um inglês, ganhando dinheiro às custas de uma identidade falsa e explorando mães cujos filhos morreram lutando pelo rei e pelo país... Em outras palavras, meu caro, você está ganhando dinheiro com a guerra, como eu, mas explorando seus próprios compatriotas.

A voz de Moore estava mais forte e, enquanto falava, a cor voltou a seu rosto.

Frank não se intimidou. Tinha outro trunfo.

— Lamento, mas seus argumentos não estão me convencendo. Os meus são mais fortes.

Enfiou a mão no bolso e puxou o revólver.

— Levante, porco!

Moore o encarou, horrorizado.

— O que vai fazer?

— Sente-se à escrivaninha!

Moore olhou estarrecido ao redor, mas percebeu que não conseguiria escapar e levantou-se lentamente.

Lá fora, tudo estava quieto. Pela janela, viu quando um carro passou, mas, fora isso, na rua deserta, ninguém poderia ajudá-lo a tempo, se gritasse.

Sentou-se como Frank mandou, todo o tempo de olhos fixos no cano do revólver.

— Você não vai se atrever a atirar. Sei que não se atreveria. Eu o desafio a atirar!

— Não vou fazer nada — Frank disse, friamente. — Ninguém sabe que vim aqui esta tarde, e você conhece muito bem as vantagens do seu apartamento isolado, sobre um depósito que nunca é usado. Pegue uma folha de papel.

Moore abriu uma gaveta.

— Pegue a caneta e escreva o que vou ditar.

Durante um momento, o homem pareceu à beira de outro colapso. Depois, olhou para o revólver e obedeceu.

— Não agüento mais o que estou fazendo — Frank ditou. — As listas estão piores a cada dia. Não posso dormir, os nomes me perseguem.

— O que isso significa? O que está me fazendo escrever? Não entendo onde quer chegar.

Obviamente, ele esperava que o outro fosse pedir sua confissão e se sentia muito surpreso.

— Faça o que estou mandando.

Quando Moore escreveu a última palavra, Frank se inclinou, colocou o cano do revólver na cabeça do homem e atirou.

Depois do eco da explosão, Moore caiu sobre a escrivaninha, numa poça de sangue.

Durante um momento, Frank o olhou, sem nenhuma expressão no rosto.

Depois, tirou um lenço de seda do bolso e limpou o revólver. Em seguida, pressionou os dedos do morto no gatilho e deixou a arma cair no chão.

Sem mexer no corpo, abriu uma gaveta do lado esquerdo da escrivaninha e colocou o telegrama onde o havia encontrado.

Cuidadosamente, limpou o puxador da gaveta, o braço da cadeira e, atravessando lentamente a sala, guardou o copo não usado que Moore lhe oferecera para o drinque.

Deu uma última olhada em volta para ver se não tinha esquecido nada, colocou o chapéu e, segurando o lenço de seda em volta dos dedos, abriu a porta e saiu.

Na rua, não perdeu tempo: entrou depressa numa esquina, dobrou em outras, até que finalmente saiu em Regent Street.

Ali, chamou um táxi e disse ao chofer para levá-lo ao Alhambra Earbier. Vários oficiais tinham dito, naquele dia, que iam assistir à peça *The Bing Boys*, com Violet Lorraine.

Frank comprou a entrada e entrou. Parou na escuridão durante algum tempo. Faltavam poucos minutos para o primeiro intervalo. Procurou o caminho do bar.

Estava tomando um drinque, quando os dois oficiais conhecidos se aproximaram.

— Olá, Wode! Pelo jeito, a perna está bem melhor, hein? Não sabíamos que vinha aqui esta tarde.

— Resolvi na última hora. E estou contente. Ela está muito bem, não é?

— Maravilhosa! E George está muito engraçado, esta tarde, não acha?

— Se não derem a ele um título de nobreza no fim da guerra, não sei o que vai acontecer — o outro homem comentou. — Seu copo já está vazio. Tome outro drinque comigo.

Quando as cortinas se levantaram, voltaram juntos, e, no fim, tomaram o mesmo táxi para Carlton House Terrace.

Só ao se despir, à noite, Frank pensou se o revólver poderia ser identificado. Mas sabia que as autoridades não investigariam muito. Politicamente, interessava à Inglaterra atribuir a morte do espião alemão a um suicídio.

Além disso, ninguém ia querer publicidade para a morte de um homem que, nos últimos anos, vinha ocupando uma posição de confiança no Ministério da Guerra.

Frank ficou surpreso ao ver que se sentia calmo, mesmo quando os jornais foram trazidos para a enfermaria.

Era ridículo pensar que haveria alguma notícia sobre o assunto.

Entretanto, tudo podia acontecer e esperou, ansioso, até conseguir um jornal.

Mesmo depois de a luz estar apagada e todos dormirem nas outras camas, ele, de olhos arregalados para o teto, perguntava a si mesmo se havia agido certo.

Outra pergunta que surgia em sua mente era: qual o seu verdadeiro motivo? Tinha matado Herbert Moore porque era um espião ou por que tentara chantageá-lo?

Tentou separar os dois problemas. Como pretendia lidar com a chantagem? O que teria feito, se não descobrisse que o homem era espião?

Droga! Estou pensando muito nisso, pensou. Está feito e foi o melhor para todo mundo.

Mas não conseguia dormir. As mesmas perguntas voltavam sempre a seu cérebro. Descobriu que não encontraria paz, se não as respondesse.

Era um covarde?

Um assassino?

Matar lhe parecera algo sem nenhuma importância, na França. Agora, no entanto, havia atirado num homem a sangue-frio. Um homem indefeso, sentado a uma escrivaninha. Sentia que estava ficando louco.

Mesmo após ter participado de imensos e intermináveis tiroteios, Frank sempre conseguia comer bem e esquecer tudo, momentos depois.

Lembrava agora, aterrorizado, o rosto de Herbert Moore ao ver o revólver. De certa forma, o homenzinho jamais havia demonstrado coragem suficiente para cumprir as ameaças que tinha feito. Apesar de ter-se arriscado para lucrar muito, não contava que poderia acabar encontrando a morte.

Devia se sentir seguro naquele apartamento, onde apenas a arrumadeira entrava todas as manhãs.

Amanhã, ela irá descobri-lo, Frank pensou. Se Moore tivesse marcado encontro com algum amigo para aquela noite, provavelmente iam esmurrar a porta e tocar a campainha, e os visitantes pensariam que tinham se enganado e iriam embora. Pelo menos até o dia seguinte, não havia a menor chance de alguém descobrir o cadáver.

Frank lembrou de um homem que ele tinha visto morrer no *front*, na França.

Seu rosto lhe voltou vividamente à lembrança. Os olhos virados para cima, o queixo caído, um fio de sangue escorrendo do ferimento na testa.

Na escuridão da enfermaria, repetia a si mesmo, furiosamente, que devia estar satisfeito por ter morto um espião.

CAPÍTULO X

Frank arrumou a bagagem em cima do banco, desejando que os outros passageiros não prestassem atenção nele.

A viagem estava atrasada e perdera sua primeira conexão em Paris. Aquilo já era de se esperar em tempo de guerra: o trem havia parado várias vezes, para deixar passar os trens que levavam as tropas.

Pensou no desconforto, nos vagões cheios e na falta de comida daqueles longos comboios que transportavam homens para as linhas de frente.

O ataque dos alemães ao sul de Paris tinha falhado; mesmo assim, reforços eram mandados

rapidamente para lá.

O trem de Frank parecia quase vazio, mas estava sendo difícil passar com um trem de civis a caminho da Suíça.

Apesar de todas as facilidades dadas a ele, antes de sair da Inglaterra, Frank era continuamente interrogado, sua bagagem foi revistada e descobriu que precisava de novas permissões, antes de prosseguir.

O coronel Harrison já tinha avisado que aquilo podia acontecer e ele enfrentava tudo com bom humor, o que facilitava as coisas, ao contrário dos outros passageiros, que ficavam irritados e se consideravam injustiçados.

Frank sentia-se bem, apesar de só ter recebido alta há três semanas, quando foi também desligado do Exército. O coronel Harrison tinha cuidado para que toda a papelada fosse providenciada rapidamente.

Ao sair do hospital de *lady Hood*, havia sido convidado novamente para ir a *Crosstrees Priory*, onde passara alguns dias, antes de voltar a Londres para se entrevistar com o coronel.

Sua estadia em *Crosstrees* ajudou-o muito a se recuperar fisicamente, mas mental e espiritualmente sentia-se outro homem, pois tinha chegado lá com problemas sérios.

Entretanto, não havia motivos para se sentir nervoso, pois a única coisa que havia lido sobre a morte de Moore eram três ou quatro linhas, na seção de óbitos.

Apesar de não temer ser descoberto, depois daquela noite, ele se via cada vez mais pensando profunda e seriamente em sua vida.

Tudo que lhe acontecera no passado, até mesmo os anos de guerra, parecia não tê-lo impressionado tanto quanto o assassinato de Moore, combinado com a entrada de *lady Stanbury* em sua vida, que de certa forma a mudara completamente.

Pela primeira vez, perguntou a si mesmo para onde estava indo, do que tentava escapar desde os vinte e dois anos e quais as raízes que tinha. Será que teria apenas vontade de mudar constantemente?

Queria conhecer mais sobre si mesmo, sobre seu próprio caráter e seus planos.

— O que consegui, afinal?

Para cada homem, chega um momento na vida em que quer se auto-descobrir. Para Frank, esse momento significou noites sem dormir e dias de depressão.

Sua confiança o abandonou, e se sentiu sozinho no mundo, envergonhado e humilhado.

Mas, em *Crosstrees Priory*, tinha percebido que havia esperanças e um novo espírito pareceu surgir nele.

Dessa vez, havia poucos convidados lá: apenas dois velhos amigos de *lady Stanbury*, um casal que também tinha perdido o filho na guerra.

— Não convidei jovens — ela disse a Frank, quando o encontrou —, pois achei que seria melhor termos dias calmos, antes que você comece seu trabalho.

Ele não fez perguntas sobre qual seria esse trabalho. Era suficientemente esperto para saber que o momento tinha chegado. O coronel Harrison mandara buscá-lo.

Enquanto isso, devia se tornar mais forte e reservar todas as suas energias para o que o esperava no futuro.

Os jardins de *Priory* estavam lindos, e Frank deitava à sombra das árvores ou caminhava lentamente pelos gramados bem aparados, sentindo que o ar do campo e o sol lhe traziam de volta a alegria de viver.

Na manhã de sábado, *lady Stanbury* chegou em casa trazendo um cesto de lírios.

— Vou levar estas flores até a igreja. Não quer vir comigo, para ajudar?

Frank levantou-se depressa. Cada momento que passava em companhia da anfitriã era interessante e o deixava cheio de coragem.

Gostava dela sinceramente, e só sua presença lhe servia de inspiração.

Caminharam lentamente até a igreja de pedra, que ficava a pouca distância da casa. Lá, o jardim também estava lindo e muito bem cuidado. No pequeno cemitério, havia flores em todas as sepulturas.

Entraram na igreja, caminhando cuidadosamente sobre o tapete, para que o ruído de seus passos não perturbasse a paz do local.

Quando ela terminou de arrumar os lírios no altar e de fazer suas preces, os dois voltaram para casa. Frank disse:

— Não sei por que tem sido tão gentil comigo.

Lady Stanbury parou um momento e respondeu:

— Acho que é porque você precisava de gentileza.

— Por que está dizendo isso?

Ela não respondeu diretamente, em vez disso, fez outra pergunta:

— Não estou certa?

— Acho que sim. Entretanto, se quiser saber, com honestidade nem eu mesmo sabia disso até vir aqui. A sua vida e o seu mundo são tão diferentes de tudo que conheci! Mas acho que era isso que eu, inconscientemente, estava procurando.

Lady Stanbury sacudiu a cabeça.

— Não. Você está errado. Acho que pensa assim porque estava doente e, não, porque se sintia forte suficiente para encarar a batalha diária de todos os homens. Este lugar é muito quieto, calmo demais. É um paraíso para os que chegaram aos últimos anos da vida, como eu. Mas, para você, ainda há coisas importantes a serem feitas; desafios a aceitar e vencer. Não sei se já percebeu isso.

Ela fez uma pausa e explicou:

— Não estou falando em coisas importantes do ponto de vista mundano. São coisas importantes para você mesmo. Cada um de nós, cedo ou tarde, tenta atingir seu próprio nível mais alto de importância.

— Durante as últimas semanas — Frank disse —, percebi que fracasei em tudo, mas não sabia que havia esperança.

— Sem ela, não haveria felicidade para ninguém. Enquanto não sabemos o que queremos da vida e como pretendemos consegui-lo, não alcançamos nada.

— Não é um pensamento egoísta?

— Sim, se os seus desejos forem egoístas. Mas acho que o problema com a nossa educação é que estamos sempre preocupados em sermos bons, em não fazermos nada, em vez de procurarmos a ação. Só com dinamismo se consegue alcançar o caminho que leva ao sucesso pessoal.

— A ação é sempre perigosa. Nunca se pode ter certeza de que o que estamos fazendo é bom ou mau; principalmente, quando outra pessoa está envolvida.

— Eu acredito firmemente que, se fazemos alguma coisa, o mau será cedo ou tarde compensado, nesta vida ou na outra. Na verdade, as nossas dívidas vão se acumulando, até que paguemos todas elas.

— Será?

Frank pensava nas pessoas que havia magoado: Helga, Edith, outras mulheres que tinham se afastado de sua vida com lágrimas e reclamações, homens que havia enganado, amigos que desapontara.

— Mas isso parece um inferno!

Lady Stanbury respondeu, baixinho:

— Por que não? Nós mesmos fazemos o nosso céu e o nosso inferno.

Tiveram muitas outras conversas depois dessa e ele sempre ficava espantado com a coerência da filosofia dela e a simplicidade de sua fé.

Talvez *lady Stanbury* fosse a única pessoa conhecida de Frank a perceber quanto ele ainda era jovem.

Tinha inteligência e era astuto, mas em outros aspectos ainda não havia se desenvolvido. Não conhecia suas próprias possibilidades.

Quanto mais o conhecia, mais *lady Stanbury* dizia a si mesma que sua intuição estava certa. Desde o primeiro momento em que o viu, percebeu que Frank era um homem que valia a pena ser cultivado.

Sentado no trem, ele abriu a maleta e olhou as fotografias que tirara em Crosstrees Priory.

O sol brilhava nas janelas, dando um lindo contraste nas fotos em branco e preto.

Para ele, aquele lugar simbolizava o que havia de melhor na Inglaterra.

Sua entrevista com o coronel Harrison tinha sido uma surpresa. O homem falara pouco e com a clareza que lhe era peculiar.

Explicou a Frank qual seria sua missão, entregou-lhe certos documentos, entre os quais um código que devia decorar, depois lhe apertou a mão, apressado, e conduziu-o à porta. Parecia tratar de um negócio como outro qualquer.

Frank ficou espantado com a simplicidade de tudo. Obedeceu às ordens, comprou roupas, arrumou as malas, comprou a passagem para a Suíça e partiu para St. Wolfe.

— Há informações que precisam ser passadas através dos alemães para um dos nossos postos lá — o coronel tinha dito. — Esta é uma entre muitas; naturalmente, nossa principal dificuldade no momento: passar a fronteira suíça. Mas, se descobirmos quem está dando informações sobre nós, naquela região, vamos chegar à pessoa que fornece essas informações. Há um hotel em St. Wolfe que fica aberto o ano inteiro, pois recebe doentes. Você irá lá para convalescer, diga francamente quem é e que foi desligado do Exército. Pode usar o seu nome verdadeiro. Vai despertar suspeitas com a sua franqueza, mas seu interesse pelos outros hóspedes deve ser natural e amigável, poderá descobrir o suspeito no hotel mesmo. Pode ser um homem ou uma mulher, um garçom também, ou um comerciante do lugar. Em muitos casos, um inglês casado com alemã, ou o contrário, pode ser a pessoa que procuramos, mas você é quem vai descobrir. Não vou lhe dar nenhuma pista segura, pois não temos. Assim que descobrir a pessoa, mande um telegrama para este endereço em Savile Row. Escreva como se estivesse dando instruções ao seu alfaiate sobre um terno novo. Depois, espere novas ordens. Não confie em ninguém e procure lembrar-se de tudo. Está claro?

— Sim, senhor.

— Se me der o nome do seu banco, mandarei logo o dinheiro para as despesas da viagem. Não precisa se preocupar com coisa alguma. Não se meta em nenhum problema com as autoridades. Acho que isso deve ficar bem claro. Se tiver algum problema desse tipo, não receberá nenhuma ajuda nossa. Diremos que não conhecemos você.

— Compreendo.

— Então, até logo e boa sorte, Wode — o coronel estendeu a mão, sorrindo.

Frank sentiu que partira para a maior de suas aventuras. Dois dias depois, embarcava na Estação Victoria, com mais alguns civis.

Procurou se distrair, estudando seus companheiros de viagem e tentando descobrir quais seriam suas ocupações.

Chegou a St. Wolfe bem tarde, na noite seguinte. O dia havia sido de sol brilhante, mas a

noite era fria e um vento gelado vinha das altas montanhas nevadas.

Desceu na estaçãozinha, pegou a bagagem e ouviu o som de uma cascata na montanha. O ar tinha perfume de flores.

O porteiro levou suas malas para um velho ônibus que o deixaria no hotel.

Entrou e sentou-se ao lado de uma garota rosada, que conversava com um jovem bronzeado.

Havia mais dois ou três passageiros que tinham vindo até a estação buscar pacotes que chegaram no trem.

A bagagem de Frank foi guardada e partiram pela estradinha estreita, em direção às luzes amarelas que brilhavam a distância: St. Wolfe.

Uma velha num dos cantos do ônibus fechou os olhos, abriu a boca e adormeceu. Um homem de farto bigode pegou o cachimbo e olhou pela janela, pensativo. O casal de namorados ria e conversava baixinho.

Frank olhou para a frente, procurando adivinhar seu destino naquela escuridão. Seu coração batia, excitado, antecipando o que ia acontecer.

Passando pela janela do quarto, o sol se refletiu no bule de café, nos garfos e no açucareiro.

Frank olhou para fora, antes de começar a tomar o café da manhã.

Jamais imaginou que um lugar pudesse ser tão bonito. Nas montanhas havia uma imensa profusão de flores e os picos continuavam brancos de neve.

Com dificuldade, desviou os olhos da paisagem e examinou os companheiros. Tinha descido cedo para poder observar os outros hóspedes; além do mais, não conseguira dormir.

Sentia-se sozinho numa mesa de canto e ficou contente em conversar com o garçom que falava um inglês perfeito e o informou de que havia trabalhado há cinco anos no Savoy, de Londres.

Fez a Frank várias perguntas sobre o restaurante e contou que passava suas horas de folga no zoológico, que considerava uma das maravilhas da civilização moderna.

Era um homenzinho pálido, de trinta e cinco anos, com três dentes de ouro e cabelos despenteados, obviamente cortados pelo barbeiro do vilarejo.

Parecia sinceramente disposto a agradar e Frank sentiu que era a pessoa exata para ajudá-lo na investigação.

— Há muita gente no hotel?

— Não muita — o garçom respondeu. — Tivemos uma temporada ruim. As pessoas estão achando difícil chegar até aqui e os velhos clientes parecem estar com problemas de dinheiro para as férias.

Frank não queria fazer muitas perguntas de uma só vez. Os ingleses comuns geralmente são indiferentes aos outros hóspedes; portanto, deixou a conversa morrer, enquanto se servia de outra xícara de café.

Na outra extremidade da sala, uma mulher gorda, parecendo francesa, estava com uma garota de dezenove anos.

Tomavam o café em silêncio, a velha lendo um jornal e a garota olhando para o prato, sem se interessar por mais nada.

Frank e as duas eram os únicos hóspedes, no momento, quando a porta se abriu e entrou um velho seguido de um cachorro e da esposa, que caminhava apoiada em duas bengalas.

Frank se lembrou do coronel Harrison falando sobre os ingleses casados com alemãs. O velho, sem dúvida, era inglês.

Frank sabia reconhecer um compatriota, pois passara grande parte da sua vida no exterior. O recém-chegado tinha o tipo duro e a pele curtida dos ingleses ou anglo-indianos ou de alguém que

nasceu numa colônia inglesa.

Imediatamente o velho chamou o garçom e mandou que fechasse a janela, num tom alto, de comando. Seu sotaque era o mais puro Kensington.

Depois do café, Frank foi dar um passeio. No fim da rua, voltou e viu que se aproximava dele um homem atlético, de cabelos cinzentos.

Quando se encontraram, o homem hesitou um momento e depois disse:

— Está procurando pelo clube? É só caminhar mais um quarteirão.

— Não estava. Mas obrigado, da mesma forma. Eu nem sabia que havia um clube.

O outro riu.

— Vi quando chegou, ontem à noite, e geralmente o clube é a primeira coisa que os ingleses procuram. É um clube pequeno e costuma ficar lotado, mas este ano ficou vazio. Há uma quadra de tênis e um campo de golfe.

— Lamento, mas não poderei usar nenhum dos dois, no momento, por causa da perna. Entretanto, gostaria de ir lá. Será que poderei entrar?

— Não há nenhuma dificuldade quanto a isso. Venha comigo. Os hóspedes do hotel são automaticamente sócios.

— Isso é ótimo.

— Nem sempre. Bem, acho melhor me apresentar. Meu nome é Loder. George Loder.

— E o meu é Wyndham Wode.

— Devo confessar que já sabia. Pode ser que me ache muito curioso, mas um recém-chegado sempre desperta a curiosidade dos moradores daqui.

— Então, mora aqui?

— Sim, o ano inteiro. Minha esposa está doente e os médicos disseram que a única chance que tem de continuar viva é neste clima. Claro que eu não estaria aqui, neste momento, se não tivesse passado da idade de ir para a guerra. Gostaria de estar fazendo o mesmo que todos os outros.

Frank pensou cinicamente se ele estaria dizendo a verdade. George Loder não era jovem, mas ao mesmo tempo a idade limite tinha sido alterada e ele parecia dentro do novo limite.

Pensou naquela esposa doente. Parecia o casal típico mencionado pelo coronel Harrison. Resolveu não parecer curioso: não podia deixar que Loder desconfiasse de nada.

— Vim aqui para convalescer — informou.

— Eu achei que fosse isso. É um excelente lugar para se recuperar. Ficou muito ferido?

— Bastante. Uma bomba estraçalhou minha perna.

O outro olhou-o com simpatia.

— Bem, aqui você logo vai melhorar. O clima é maravilhoso, e se sentirá uma nova pessoa dentro de alguns dias. Quanto tempo vai ficar?

— Ainda não sei. Não tenho pressa agora. Fui desligado do Exército há poucas semanas.

— Oh, então você é seu próprio patrão? Bem, certamente, já fez a sua parte. Deus sabe como eu gostaria de poder dizer o mesmo!

Frank ficou com mais suspeitas, diante daquele constante desejo de lutar.

Lembrou que Herbert Moore estava sempre reclamando de seu destino, e para Frank aquilo servia de paralelo.

Achou que o coronel ficaria muito contente se ele descobrisse o suspeito com tanta rapidez. Entretanto, pretendia ir devagar, para não dar nenhum passo em falso.

Quando chegaram ao clube, foi apresentado à secretária, uma mocinha suíça, de óculos e com aparência amedrontada, que fez logo tudo que o sr. Loder sugeriu. Os dois se dirigiram então ao bar.

Tomaram um drinque juntos. Terminavam de beber, quando a secretária veio avisar que o parceiro de Loder para aquela manhã já havia chegado.

— Vejo você mais tarde — ele disse, levantando-se.

— Ótimo — Frank respondeu. — E obrigado por tudo que fez por mim.

Frank voltou ao hotel, para o almoço, achando que tinha tido uma manhã proveitosa.

Gostaria de mandar um relatório diário ao coronel Harrison, mas sabia que não havia jeito de se comunicar, a não ser quando estivesse completamente certo. Então, o telegrama com informações definitivas seria mandado para Savile Row.

Ao entrar no hall, encontrou o carteiro com um saco de cartas nos ombros e vários pacotes. O proprietário do hotel verificava a correspondência, marcando os números dos quartos nas cartas.

— Alguma coisa para mim? — Frank perguntou, curvando-se sobre a mesa da recepção.

— Nada, senhor.

Depois do almoço, foi para o quarto e tirou da mala alguns livros que havia trazido. Dois ou três tinham sido dados por *lady* Stanbury; o resto, havia comprado antes de cair de Londres.

Escolheu um ao acaso, mas, quando se sentou ao lado da janela, viu que não conseguia ler.

Parecia estranho, mas continuava pensando em George Loder como um espião, transmitindo informações recebidas de agentes de diversos pontos da fronteira alemã.

Aquilo era fácil. O coronel lhe contara que em vários pontos da Suíça havia espiões. Entretanto, não entendia como um inglês poderia se envolver naquele negócio tão degradante.

E, se Loder fosse o homem que procurava, como as informações chegariam a ele? Como deveria lidar com Loder? Eram perguntas que ainda não estava preparado para responder.

O coronel David Harrison era um homem firme e determinado e Frank sabia que empregava métodos muito eficientes.

Havia também a possibilidade de Harrison manter Loder ali, dando informações falsas, enquanto tentava interceptar as verdadeiras.

Mesmo que a propaganda sobre a brutalidade alemã fosse exagerada, Frank tinha visto soldados prisioneiros na França, para saber que sentiam verdadeiro terror dos comandantes.

Se Loder estivesse traindo a Inglaterra, não teria grandes chances de perdão.

Cochilou alguns momentos e a tarde passou, até o sol se pôr atrás das montanhas.

Acordou e percebeu que a hora do chá havia passado há muito tempo. Logo deveria se encontrar com Loder outra vez, para um drinque.

Desceu e foi para o terraço. O outro já tinha chegado e se acomodara languidamente numa espreguiçadeira, enrolando as pernas num cobertor. Ao lado dele, estava uma mulher. Obviamente, sua esposa.

— Ah, você chegou, Wode! — Loder gritou. — Estamos esperando e já pedi algo para comemorarmos a ocasião. Querida — ele disse, virando-se para a mulher a seu lado —, este é o capitão Wode.

Frank estendeu a mão.

— Muito prazer, sra. Loder. Seu marido foi extremamente gentil comigo esta manhã.

— George é sempre gentil — ela respondeu, e as esperanças de Frank morreram, ao ver que a esposa não era alemã.

Sentou-se com eles, conversando calmamente. A cada minuto, sentia que suas suspeitas se desfaziam. Não havia dúvida de que a sra. Loder adorava o marido e ele parecia fazer tudo para agradá-la. Pareciam um casal completamente inofensivo.

Várias vezes, Loder interrompeu a conversa para perguntar se ela estava se sentindo bem e segurou-lhe a mão de um modo que demonstrava amor sincero.

Aí, Frank pensou, está a explicação para ele não ter ido para a guerra. Amava a esposa e a esposa o amava. Ela era frágil e, provavelmente, não viveria, se mudasse de clima.

Claro que ele havia escolhido o caminho dos covardes, mas, como outros homens, tinha a desculpa do amor.

Frank suspirou, pegou seu cálice e bebeu.

Mais do que nunca, tinha certeza de que sua missão não ia ser tão simples como acreditou no primeiro momento.

Os Loder eram muito valiosos como fonte de informações sobre todos na cidade.

Conheciam cada um dos comerciantes e a história de suas famílias. No dia seguinte, Frank começou a suspeitar ferozmente de um médico suíço.

— Um licor, querida? — George Loder perguntou à esposa, quando se sentaram no terraço.

Ela afundou na espreguiçadeira e colocou as pernas sobre um banquinho que tinha trazido da sala.

— Não, obrigada.

— E você Wode?

— Vou lhe fazer companhia.

A voz de Loder ecoou pelo terraço, chamando o garçom, que atendeu prontamente.

De repente, um movimento no andar acima da sala de jantar chamou a atenção de Frank. Uma mulher tinha estado no balcão que dava para o terraço e havia entrado fechando a porta.

Frank não olhou a tempo de ver seu rosto, mas achou que era alguém que conhecia.

Lembrou-se do primeiro dia em que vira a suíte do primeiro andar ocupada.

— Quem está no andar acima da sala de jantar? — perguntou a sra. Loder. — Nunca descem para as refeições?

A mulher sacudiu a cabeça.

— Não. Ela costumava descer, logo que chegou. Tentou ser amigável, mas nós e outros hóspedes deixamos bem claro o que pensávamos e ela agora fica no quarto.

— Nunca sai de lá — George disse —, a não ser à noite. Eu já a encontrei indo para o correio várias vezes, quando voltava do clube. Foi horrível encontrá-la frente a frente.

— O que há de errado com ela? — Frank perguntou, intrigado.

— É alemã.

— E o que é pior — a sra. Loder interrompeu — é que é casada com um inglês chamado Caylor. Claro que não sabemos com certeza e eu nem tenho o direito de dizer isso, mas acho muito suspeito ela estar aqui, na Suíça, enquanto ele parece estar lutando na França.

Frank sorriu.

— Acho que não precisa se preocupar. Nossa censura é muito eficiente e não acredito que haja a menor chance de as cartas dela chegarem ao *front*.

Apesar de falar com calma, ele se sentia animado. Ali, finalmente, estava a pessoa que tinha ido procurar: uma alemã casada com um inglês. Combinava com o que o coronel tinha dito.

Depois de se despedir dos Loder, subiu para o quarto. Seu problema agora era entrar em contato com a sra. Caylor. Estava zangado consigo mesmo, depois de ter perdido cinco dias em St. Wolfe, sem perceber que a hóspede da suíte do primeiro andar era a pessoa que procurava.

Abordar uma mulher desconhecida era uma tarefa que nunca lhe parecera difícil.

Mas seria difícil se aproximar de uma estranha à noite, numa rua escura. Principalmente, uma estranha que preferia se isolar.

— Desculpe, mas posso falar com você?

Era só o que teria que dizer. Mas será que ela responderia? Ainda mais, assustada como

estava por todos ali lhe virarem as costas?

Depois de entrar no quarto, ele sentou-se perto da janela, estudando um plano de ação.

Não vou fracassar, disse a si mesmo.

Sabia que aquele primeiro trabalho na Suíça era uma espécie de teste.

O coronel Harrison, durante a conversa que teve com ele, não lhe fez promessas para o futuro. Na verdade, tinha falado como se Frank fosse completamente autônomo, podendo partir para onde quisesse, depois daquela missão.

Pegou um cigarro na mesinha-de-cabeceira e acendeu, distraído com o desafio que tinha pela frente.

Deixou que o fósforo queimasse em seus dedos, depois jogou-o pela janela aberta. Ao ver o fósforo desaparecendo, teve uma idéia.

Levantou-se e inclinou-se sobre a beirada da janela. Olhou para baixo e descobriu que tinha encontrado a solução do problema. O terraço da sra. Caylor ficava diretamente sob sua janela.

Frank ficou imóvel um momento, pensando no que fazer. Depois pegou um de seus livros, virando as páginas... mas logo em seguida escolheu outro.

Ainda não ficou satisfeito. Precisava de um livro que fornecesse assunto para muita conversa. Só cinco minutos depois, levou para a janela um volume sobre arte moderna.

Uma alemã, pensou, não leria novelas inglesas. Havia chance de se interessar por filosofia, mas ele não tinha certeza.

A arte era um terreno neutro, sobre o qual Frank conseguia falar com facilidade. Calculou que todo mundo, principalmente uma mulher, tem idéias sobre decoração.

Abriu o livro, apertando as páginas e marcando-as, para lhes dar uma aparência gasta. Depois, com um empurrão, jogou-o lá embaixo. Ouviu o ruído no terraço.

Não esperou para olhar onde havia caído. Pegou apressado as muletas e saiu do quarto, descendo a escada.

Não podia se arriscar, deixando que a mulher chamasse um empregado para lhe entregar o volume. Tinha de ir lá pessoalmente buscá-lo.

Ela demorou um pouco para atender. Frank temeu que sua boa sorte o tivesse abandonado. Seria o cúmulo do azar, se a sra. Caylor tivesse saído justamente naquela hora.

Então, a mulher disse em alemão:

— Entre.

Ele entrou e se encontrou num hall escuro. Mas a porta da sala de estar estava aberta, e viu uma mulher sentada no sofá perto da janela.

Empurrou a porta e entrou.

— Desculpe incomodá-la senhora, mas deixei meu livro cair no seu terraço.

A mulher estava costurando e deu mais um ponto, antes de levantar os olhos para ele.

Frank viu os olhos azuis, os cabelos dourados... e, de repente, seu coração pareceu parar de bater.

Durante um momento, não conseguiu se mexer nem falar. Estava olhando para Helga!

Ela pareceu não reconhecê-lo; depois, ficou espantada com sua imobilidade. Olhou-o, sem se mexer, e em seguida, dando um grito, levantou-se.

— Frank? Frank! Oh, meu querido, não pode ser verdade! Não consigo acreditar!

Correu para ele, olhando-o, encantada.

— Não é verdade! — repetia sem parar.

— Helga... Helga!

Mal estava conseguindo falar: sentia a boca seca e um nó na garganta.

Deixou uma das muletas cair no chão e segurou-a pelo braço. Era como se quisesse verificar se era mesmo de carne e osso e, não, um produto de sua imaginação.

— Você foi ferido. Está machucado.

Os dois ficaram se olhando, sem conseguir falar, até que Helga recuperou o controle e disse:

— Sente-se. Você está tão pálido! Está passando bem? Quer alguma coisa?

Ela parecia quase sem fôlego.

Frank caminhou até uma poltrona. Sentou-se e percebeu que estava trêmulo.

Jamais tinha esperado aquilo; nem, mesmo nos sonhos mais loucos. Nunca pensou em encontrar Helga novamente. Mas não se sentia nervoso.

Só conseguia olhá-la, em silêncio. Ela foi até um armário e trouxe uma garrafa de *brandy*. Serviu um pouquinho num cálice e estendeu para ele.

— Beba.

Depois, tocou-o no ombro e foi sentar-se no sofá.

Está mais linda do que nunca, Frank disse a si mesmo. Continuava magra, seus olhos pareciam maiores e dava a impressão de ter rejuvenescido, pois a moda mudara muito desde 1911. Seus lindos cabelos dourados não estavam mais tão compridos, mas, ondulados, cheios de cachos naturais emoldurando o rosto delicado e caindo sobre a testa.

— Eu não tinha a menor idéia — Frank disse, finalmente — de que você estava aqui.

Helga deu uma risadinha, mas estava quase chorando.

— Isso é óbvio, meu querido. Acho que está mais surpreso do que eu.

Aproximou-se dela.

— Dê-me sua mão. Preciso saber que é real, ainda não estou acreditando.

Ela riu e estendeu-lhe a mão. Quando Frank a segurou, parecia que uma corrente elétrica passava entre ambos. Era a mesma sensação que tinham no passado.

A mão de Helga parecia muito branca, pois ele estava bronzado, e Frank a levou aos lábios.

— Você não me esqueceu? — ele perguntou.

— Sabe que não. E você?

Durante alguns momentos, Frank não respondeu. Estava com os olhos mergulhados nos dela e apertou sua mão com força.

— Por que fugiu sem dizer nada?

Rapidamente, Helga retirou a mão, levantou-se e foi até a janela, muito séria.

— Ainda não acredito — disse, depois de quase um minuto de silêncio. — Não sei explicar o que senti naquele dia em Wentworth Hall. Era como se estivesse sendo despedaçada. Quando saí dali, só tinha uma idéia na cabeça: nunca mais ver você. Não porque o odiasse, mas porque tinha medo.

Virou-se, sorrindo, mas Frank notou que estava com lágrimas nos olhos.

— Oh, Frank — disse, com simplicidade —, eu o amava tão desesperadamente.

Ele não conseguiu responder. Só queria ficar olhando para ela, em silêncio.

— Quero que me conte tudo que fez nos últimos anos — Helga falou, depois de um momento. — Imagino que devo ter muito a ouvir.

— Primeiro quero saber de você.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é nada interessante.

— Para mim vai ser.

Helga passou a mão na testa, como se quisesse afastar suas emoções, e disse, em voz baixa:

— A vida das mulheres é sempre simples e sem grandes acontecimentos.

Frank a olhou, confuso. Helga parecia estar desempenhando um papel agora, agindo com uma alegria forçada, com aquela conversa. Durante os primeiros momentos, tinha se comportado com sinceridade e naturalidade.

Cuidadosamente, ele a observou, enquanto dizia:

— Vim aqui para convalescer. Como vê, fui muito ferido e ainda estou me recuperando. E você, por que está aqui?

Frank sentiu que sua voz se alterava, ao continuar:

— Soube que você é casada com um inglês?

— Quem lhe disse isso?

— As pessoas do hotel.

— Sim, é verdade. Já estou casada há quase cinco anos; entretanto, não vejo meu marido desde que a guerra começou. Nós estivemos viajando pela China, América, Índia. Quando a guerra foi declarada, ele resolveu voltar para a Inglaterra e eu vim para a Suíça. Fiquei morando aqui, mas só descobri St. Wolfe há três meses. É um lugar lindo, não?

— E o seu marido?

Respondeu, com voz sumida:

— A última vez que soube dele, estava no *front*.

— Helga, me dê sua mão outra vez.

Ela estendeu as duas mãos, parecendo novamente a mesma de antes, e ele as segurou, com força.

— Olhe para mim — Frank pediu.

Ela levantou os olhos azuis e ele viu que os seus se refletiam nos dela.

— Diga a verdade — pediu, em voz baixa. — Você ama esse homem?

Sentiu que ela ia negar. Mas, depois de um momento, se libertou das mãos dele, baixou os olhos e respondeu:

— Claro que sim. Por que não amaria meu marido? Teddy é uma pessoa encantadora, garanto. Mas Frank tinha lido outra resposta nos olhos dela: a resposta que queria.

Durante o breve momento em que os dois ficaram se encarando, de mãos dadas, ele havia descoberto que o que ela dizia era uma mentira.

CAPÍTULO XI

O garçom tirou a mesa e saiu do quarto.

Helga caminhou até a janela e respirou o ar frio da noite. Depois, acendeu os abajures cor-de-rosa e virou-se para Frank, sorrindo.

— Venha fumar aqui — ela disse. — É muito mais confortável.

Helga usava uma vestido de *chiffon* azul, com rosas vermelhas no busto.

Estava linda, sentada no sofá cor-de-rosa.

Frank sentou-se a seu lado, com a perna ferida esticada à sua frente. A tarde inteira tinha pensado se ia descobrir a verdade sobre ela.

Sentia que Helga lhe fugia, que não era natural, quando falava de si mesma.

Estava sempre risonha e alegre, parecia encantada com tudo, como no passado. Entretanto, às vezes ele percebia uma nota falsa em seu tom de voz ou falta de sinceridade no que ela dizia.

Tinham conversado sobre muitas coisas. Frank lhe contou sobre seu casamento com Edith,

sua fuga para o Canadá, a vida lá e a volta para a Inglaterra.

Helga tinha escutado atentamente. Só quando ficava em silêncio ele sentia que não estava fingindo.

Sobre si mesma, havia falado muito pouco. E, quando ele a pressionou, ela pareceu fugir, mudando de assunto, e trocando os papéis para forçá-lo a fazer alguma confidência. Era como se não quisesse falar da própria vida.

Sobre o marido, também não disse nada. Entretanto, Frank sentia um ciúme profundo e odiava aquele desconhecido que havia dado seu nome a ela.

Durante o momento em que havia olhado Helga nos olhos, sabendo que ela não amava o homem com quem estava casada, ele se sentiu triunfante.

Era tanto prazer que quase sentiu dor. Sabia também que seu amor por Helga continuava mais forte do que nunca.

Tinha ficado adormecido durante muitos anos, mas era parte dele mesmo e isso não conseguia negar. Ele a amava e os anos em que viveram separados pareciam não ter importância, agora que tinham se encontrado.

Ao observá-la, lembrou que no passado ela sempre o surpreendia. Nisso, continuava a mesma.

Era profundamente graciosa.

Havia algo em seus movimentos, em seus gestos, nos dedos longos e na curva de seu pescoço, que lhe dava vontade de tocá-la, de declarar novamente todo o seu amor.

Entretanto, procurou se controlar, pois havia uma barreira entre ambos.

De vez em quando, Helga evitava olhá-lo nos olhos, virava o rosto deliberadamente, fingia não ouvir suas perguntas ou não respondia a verdade.

O que seria aquilo?, Frank perguntou a si mesmo. Precisava descobrir.

Olhando seus cabelos dourados sobre o sofá, os dedos brancos brincando com a flor de lótus, em seu colo, ele sentiu uma vontade enorme de tomá-la nos braços, de cobri-la de beijos e exigir, apaixonadamente, que lhe dissesse a verdade.

Em vez disso, amassou o cigarro no cinzeiro e disse:

— Converse comigo, Helga.

— Sobre o quê?

— Precisa mesmo perguntar isso? Sabe muito bem o que quero ouvir. — Comece do começo... ou do que foi o fim entre nós.

Ela hesitou e ele insistiu.

— Vai ter que me contar, mais cedo ou mais tarde. Vamos acabar logo com isso; assim, poderemos esquecer o passado e pensar no futuro.

Ela o olhou depressa e Frank teve a nítida impressão de que a moça sentia medo.

— Depois que soube de seu noivado com Edith, voltei para a Alemanha. Você sabe disso.

— Sei o que contou a *sir* Alfred, na carta de despedida que lhe deixou.

— Era a verdade. Eu não tinha nenhum outro lugar para onde ir. Fiquei com medo de continuar em Londres e não conhecia muito o resto da Inglaterra. Escrevi o bilhete antes de partir de Wentworth Hall e no trem procurei encontrar uma solução. Mas não consegui. Não queria encontrar meus parentes. Sentia que os amigos já tinham me esquecido. Entretanto, não tinha outra escolha. Quando cheguei a Park Lane, Edith já tinha ido dormir. Arrumei as malas com tudo que possuía. Felizmente, tinha dinheiro para a viagem.

— *Sir* Alfred sempre esperou que você escrevesse lhe contando onde estava.

— Eu não tinha nada para dizer. Quando cheguei a Berlim, fui procurar meus primos, que

não ficaram muito contentes em me ver. Já tinham filhas e estavam com problemas financeiros. Fiquei com eles pouco tempo, até encontrar emprego. Comecei como datilógrafa e depois passei a secretária do barão Hostzal. Acho que aqueles meses em Berlim foram os piores da minha vida. Eu me sentia tão sozinha, com tanto medo do futuro! Tinha economizado algum dinheiro na Inglaterra e o banco o mandou para mim. Mas eu sabia que não ia durar muito tempo. Berlim não é uma cidade tão adiantada como Londres. Não havia muitas oportunidades de as mulheres trabalharem. Os negócios pareciam prósperos, mas muitos homens estavam desempregados. Muitos dos empregos que apareceram me recusaram porque eu era mulher. Fiquei desesperada. Era orgulhosa demais para procurar as pessoas que tinham conhecido no tempo de meu pai. Muitos haviam sofrido por causa dele, outros já tinham esquecido sua existência. Naquela época, eu pensava muito em você, pois havia me contado que passara fome muitas vezes. Uma noite, saí pelas ruas, pensando em vender a mim mesma; senti que era covarde demais para isso.

— Oh, minha querida... — Frank murmurou.

Mas Helga pareceu não ouvi-lo. Ela olhava para a frente, como se visse novamente aquela época difícil. Agora que tinha começado a falar, as palavras saíam aos borbotões.

— Finalmente, minha sorte mudou — ela continuou. — Avisaram-me que o barão Hostzal precisava de uma secretária particular. Eu o conhecia de nome, mas não me lembrava dele. Fui à sua casa, um lugar magnífico, cheio de mordomos e porteiros. Esperei quase uma hora, antes de ser recebida pelo barão. Então, lembrei quem ele era: o proprietário de um jornal que tinha causado sensação em Berlim, alguns anos antes de minha partida para a Inglaterra. Era um jornal moderno e muito liberal.

Fez uma pausa, para tomar fôlego.

— Todos esperavam que fosse à falência, mas o jornal começou a agradar e a ser vendido em toda a Alemanha. Seguiu uma linha de franqueza e humor. O barão era muito inteligente e suas idéias, muito ao gosto da classe média alemã. No jornal havia assuntos para todos. O governo esperneou quando foi criticado, mas as críticas eram engraçadas e as pessoas continuaram comprando o jornal. Eu pensei que fosse encontrar um homem grande e cheio de determinação, a imagem física da coragem e da audácia. Mas, em vez disso, ao entrar na imensa biblioteca, até custei a ver o barão. Era baixinho e quase careca. Seus poucos fios de cabelo eram brancos e tinha as sobrancelhas escuras e grossas. Mas tinha os olhos cinzentos mais inteligentes que já vi. Não usava barba e se vestia com muita elegância. Depois descobri que era louco por roupas novas. "Então, é a srta. Hildergard", disse ele. Tinha a voz baixa, mas tudo que dizia parecia muito importante. Conte que tinha sido informada de que estava procurando uma secretária e gostaria de me oferecer para o cargo.

Helga parecia ter esquecido a presença de Frank. As lembranças a transportaram para a imensa biblioteca e para a presença do homenzinho que praticamente salvara sua vida.

Lembrava a conversa dos dois palavra por palavra. E a primeira coisa que o barão lhe havia dito não foi nada encorajadora:

— Não gosto de mulheres trabalhando.

— Nem eu, senhor. Infelizmente, tenho que comer.

Ele a olhou, surpreso; depois, riu. Sua risada parecia o latido de um cachorro.

— O que sabe fazer, mocinha?

Mostrou-lhe a carta de apresentação dada pelo escritório de datilografia e contou que tinha passado vários anos na Inglaterra.

— Por que voltou?

Ela não sabia o que responder. Acabou contando a verdade.

Ele era um homem tão diferente dos outros que não conseguiu inventar nenhuma mentira. Além do mais, achava que não ia conseguir mesmo o emprego e nada mais tinha importância.

Respondeu sem pensar no que estava dizendo:

— Eu estava apaixonada.

O barão olhou-a durante muito tempo. Parecia ter gostado de sua franqueza. Mais tarde, ela descobriu que ele sempre gostava de saber tudo sobre todos. Lembrava de cada detalhe sobre a vida das pessoas que conhecia.

— Sente-se e anote o que vou ditar.

Felizmente, Helga tinha levado um bloquinho. Ele ditava depressa, ela logo percebeu que era um artigo para o jornal. Um artigo curto, direto, cheio de vivacidade. Quando terminou, ele lhe pediu que lesse.

Obedeceu, nervosa. No fim, o barão tocou uma campainha e o mordomo entrou em seguida.

— Mostre a sala da secretária à srta. Hildergard. — Virou-se para ela! — Mande esse artigo para o editor do jornal. Depois me procure às duas horas.

Helga nem acreditava: tinha conseguido o emprego. Saiu da sala, como se andasse nas nuvens. Era muita sorte! Queria dançar, cantar, gritar. Pelo menos no momento, o trabalho para ela significava segurança.

Foi morar na casa. Trabalhava muito, não tinha horário certo, pois o barão muitas vezes começava a ditar de manhã, outras vezes, bem depois da meia-noite. Durante quase três semanas, nem conseguiu sair ou pensar em si mesma. Tinha sorte em não possuir amigos em Berlim, pois seria impossível vê-los. Não tinha vida particular.

Algumas vezes, jantava no quarto, às oito da noite, e recebia um recado que deveria descer e jantar com os convidados às nove horas. Tinha que passar depressa o melhor vestido, arrumar os cabelos e aparecer às oito e meia, na sala, impecavelmente arrumada.

Outras vezes, tinha menos tempo ainda, mas conseguia obedecer às ordens. Propôs a si mesma o desafio de não se deixar vencer por ele. O homem ficava muito aborrecido ao perceber que as pessoas tinham medo dele. Helga já tinha visto vários homens entrando na sala do barão, para entrevistas, e vinte minutos depois saindo de lá, trêmulos.

Apesar do físico insignificante, o homenzinho tinha uma grande força mental. Era muito vaidoso e comprara o título de barão. Muita gente o temia e sabia disso. Naquela casa, Helga era a única que não desaparecia, quando ele ficava de mau humor. Nunca teve medo de lhe dizer a verdade, por pior que fosse. O barão começou a respeitá-la e, percebendo isso, ela sempre tinha o cuidado em não ser atrevida ou audaciosa demais.

Era um homem bastante temperamental e instável, tinha grandes inimigos e sua casa estava sempre cheia dos mais variados tipos. Vivia quase em estilo medieval, como um senhor recebendo seus vassallos. Gastava fortunas recebendo com luxo e extravagância. Era como se Helga tivesse entrado num conto de fadas; uma daquelas histórias infantis alemãs de que gostava tanto, na infância.

Para Frank, parecia mesmo uma história de fadas que Helga, tão inda, conseguisse ser eficiente para acompanhar o homem que havia descrito.

Era ridículo, ele sabia, pensar que as mulheres não fossem capazes de trabalhar como os homens. Entretanto, Helga, tão feminina e desejável, parecia ter sido feita para uma vida tranqüila e luxuosa.

Agora, à luz do abajur rosado, Frank percebia que a beleza dela tinha se tornado mais espiritual.

Claro que parecia mais forte também, o que a deixava ainda mais atraente.

Quando a reviu, achou que os anos não a tinham marcado e parecia ainda mais jovem. A luta pela independência tinha embelezado Helga.

— Você estava vivendo num conto de fadas, enquanto eu, no Canadá, levava uma vida muito diferente.

— Meu pobre querido!

— Continue, quero ouvir tudo.

Helga hesitou.

— Era o início de 1913 e começávamos a ouvir boatos sobre a guerra. Em Berlim, falava-se muito sobre ela. Era assunto nos bares e acho que muita gente sonhava com ela. O barão se opõe logo, pois tinha um ponto de vista pacifista. Dizia que a paz é o único meio de prosperar e que uma nação não tem nada a ganhar com a violência. Em seu jornal, denunciava as pessoas que estavam preparando a Alemanha com uma propaganda sutil para dominar o mundo. Detestava o Exército e fazia pouco-caso dos militares.

Era um homem inteligente o suficiente para não ofender o *kaiser* abertamente. Sempre concordava com ele, lhe mandava bilhetes e, algumas semanas após, um artigo perigoso, e tudo voltava a ser como antes. Ele era muito rico e, nas cidades do interior, os homens comuns o achavam terrivelmente poderoso. Mas até mesmo eu ficava assustada com o ódio que ele despertava nos políticos e nos que comandavam as forças armadas. Eles o odiavam ferozmente e mostravam isso quando o encontravam.

Muitas vezes, fiquei espantada de um homem tão pequeno não ter medo de outros que eram fisicamente agressivos. Mas ele continuava o mesmo. O mais estranho é que não queria evitar a guerra por princípios cristãos ou por bondade, mas porque pessoalmente não gostava de violência. Achava que era algo de mau gosto. Acreditava na política da paz. Detestava qualquer coisa repentina e brutal. Mas ninguém que o conhecesse poderia chamá-lo de covarde. Tinha mais coragem do que cinquenta homens e demonstrou isso em toda a sua vida. Entretanto, hoje acho que ele apenas usava essa coragem como uma máscara por ser baixinho. Aquilo, ampliado por seu caráter extraordinário, tornou-se o impulso principal em sua vida. A idéia de guerra, de homens mortos, feridos, tudo isso torturava sua imaginação e achou que devia impedi-la a qualquer custo. É difícil entender, e mais difícil ainda explicar, mas acredito que a verdade estava na atitude dele e no que transformou em sua missão.

Helga parou e deu um suspiro profundo.

— E ele continuou — disse, lentamente. — Continuou, sem dar atenção aos avisos, apesar de saber que ia ao encontro do inevitável.

Ficou em silêncio.

— E você? — Frank perguntou.

— Eu casei com ele.

Frank acordou, sabendo imediatamente que algo estranho havia acontecido, lembranças de Helga lhe voltaram à mente.

Era difícil não sair depressa da cama e correr para a suíte do andar de baixo, era difícil se convencer de que não havia sonhado que ela estava lá.

Tinha ido para a cama achando que não conseguiria dormir, que ficaria a noite toda pensando nela, Mas estava tão cansado e feliz que adormeceu imediatamente.

O sol, filtrado pelas cortinas de renda, o acordou.

Ele a deixara na noite anterior porque ela havia insistido. Muito depois de ter terminado sua história, Frank não dava sinal de ir embora: Helga levantou-se.

— São dez e meia, querido. Precisa ir embora.

— Mas, isso é ridículo! Quer-dizer que depois de todos esses anos de separação, vai me mandar embora? Eu ainda não comecei a acreditar que a encontrei de novo.

— Temos o dia de amanhã.

Sim. E depois de amanhã também, graças a Deus. Mas, por favor, não me faça ir embora agora.

— Preciso — Helga disse, com firmeza. — Tenho uma carta importante, que preciso mandar pelo correio da meia-noite.

— Para seu marido? — perguntou, com ciúme

Helga continuou, ignorando a pergunta:

— E também acho que é um erro você ficar no meu quarto até tão tarde.

— Pelo amor de Deus! — Frank disse, surpreso. — Que diferença isso faz?

— Você não conhece as pessoas deste hotel, mas eu as conheço muito bem. Há um casal que ficou encantado em me humilhar. Já fizeram tudo que podiam para serem desagradáveis e deixaram claro o que pensam de uma alemã.

— Está falando dos Loder?

— Como sabe?

— Já passei cinco dias em companhia deles. E me contaram que você não é muito popular.

Helga deu de ombros.

— Eles me parecem detestáveis. Entendo o que sentem. São ingleses e eu sou alemã. Mas, Frank, espero nunca na minha vida tratar um ser humano com tanta agressividade, só por causa da nacionalidade dele.

— Eles que se danem!

Havia ódio em sua voz, mas Helga virou-se, sorrindo.

— Obrigada, querido. É o que sinto também, mas, ao mesmo tempo, você não pode parecer muito meu amigo. Senão eles o farão sofrer e o agredirão por minha causa.

— Não me preocupo com o que eles fazem ou pensam.

— Estou me sentindo confortável aqui — Helga continuou. — Vivi em muitos hotéis no último ano e achei este calmo e bonito. Não quero ir embora.

— Por que deveria ir?

— Se houver qualquer coisa que possam usar contra mim, garanto que irão correndo reclamar com o proprietário, que vai me mandar embora. Eles são clientes antigos, moram aqui. Eu cheguei há pouco tempo. Acho que, nestas circunstâncias, eu sairia perdendo.

— Isso é um absurdo!

— Não tem importância, querido. É melhor evitarmos qualquer reclamação — ela disse, cansada. — Vamos nos encontrar pela manhã.

Frank teve de fazer o que pedia. Levantou-se e caminhou para a porta, com Helga a seu lado. Parou para se despedir dela, pensando em tomá-la nos braços, mas a moça se afastou.

— Não, Frank, não — disse, num sussurro, quase soluçando. — Não podemos.

Durante um momento, levantou os olhos e ele viu que estavam cheios de lágrimas.

Como se estivesse dominada por uma emoção que não conseguia controlar, Helga virou-se e, sem mais nenhuma palavra, voltou para o quarto e fechou a porta.

Sozinho em sua cama, Frank pensou muito, procurando descobrir alguma explicação. Será que Helga tinha medo do marido? Será que se enganara e ela estava mesmo apaixonada por ele?

Perplexo e espantado, mas sem se sentir deprimido, afastou esses pensamentos. Afinal, só tinha motivos para se alegrar. Depois de todos aqueles anos, voltara a encontrar Helga.

Estava perto dela outra vez, podia ouvir sua voz, observar aqueles lábios que adorava. Vê-la sorrindo.

Só pouco antes de dormir ele se lembrou da carta que ela disse que tinha que escrever. Devia ser uma carta urgente, para precisar ser levada pelo correio da meia-noite.

Ela devia ter ido escrevê-la ainda com lágrimas nos olhos? Por que tanta urgência? E para quem. seria endereçada?

Frank achava que, depois de escrever a carta, Helga vestiria uma capa escura e sairia do hotel, indo para o correio.

Ao pensar na carta, lembrou a suspeita que sentiu e que o fez procurar a tal sra. Caylor. Depois ficou confuso e com um medo terrível.

"Não é possível, disse a si mesmo. Helga não podia ser uma espiã"!

E por que não? Afinal, era alemã. Na noite passada, ela mesma lhe disse que tinha casado com um alemão. Claro que aquele segundo casamento com um inglês, não a havia deixado menos patriota ou mais neutra.

Mas, se gostava do marido, por que tinha ficado longe dele durante todos aqueles anos de guerra?

Frank sabia muito bem qual a posição das esposas alemãs, na Inglaterra. Não eram felizes. Mas com Helga não haveria problema, pois falava um inglês fluente e já tinha morado lá durante muitos anos.

De qualquer modo, se tinha tomado aquela decisão, devia se sentir muito solitária. Uma mulher que ia de hotel em hotel, num país estranho. Que vida triste!

Entretanto, Frank não conseguia descobrir o motivo para Helga ter feito aquela escolha.

Apesar de admitir que a atitude dela era suspeita, não queria ter certeza do que mais temia. E, assim, adormeceu.

Depois, enquanto se vestia, teve a idéia de escrever um bilhete para Helga. Tocou a campainha, pedindo um criado.

— Leve isso para a sra. Caylor, no quarto doze.

Ansiosamente, esperou a resposta, que foi colocada por baixo da porta.

Em seu bilhete tinha dito:

"Está um lindo dia. Não podemos desperdiçar um minuto. Vamos sair antes que os boatos comecem. Encontre-se comigo no fim da rua em quinze minutos. Sei de um lugar perto das montanhas onde poderemos tomar o café."

Não assinou nem colocou o nome dela. Sentia que isso era um símbolo da atitude que teriam um para com o outro de agora em diante.

Entre eles parecia haver um acordo mudo, uma tempestade de emoções que quebraria todas as barreiras convencionais e os forçaria a encarar a verdade.

Até que isso acontecesse, Frank sentia-se contente em esperar, em deixar que Helga tentasse fugir dele, como parecia estar querendo fazer. Mas seu instinto lhe dizia que nada iria impedir que pertencessem um ao outro.

Dentro de três minutos, o criado voltou. Frank quase arrancou o bilhete da bandeja. Só havia uma palavra escrita na folha de papel.

"Ya."

— Obrigado — disse ao criado.

Depois que a porta se fechou, ele ficou olhando aquele papel durante um longo tempo. Ela tinha aceitado o convite, mas não era significativo o fato de ter-lhe respondido em sua própria língua?

Será que Helga estava tentando acentuar a barreira de nacionalidade existente entre eles? Que outro motivo teria para escrever em alemão?

Frank colocou o bilhete no bolso do paletó e atirou o envelope na cesta de papéis.

Seis minutos antes da hora marcada, ele saiu pela porta do hotel. As árvores o escondiam dos curiosos.

Encostou-se a um portão, acendeu um cigarro e olhou a paisagem ao seu redor.

Havia vacas com guizos no pescoço, acompanhadas de crianças, andando pela rua, e muitas o olhavam, apavoradas.

— A terra do leite e do mel — disse para si mesmo, em voz alta.

Levantou os olhos e viu Helga se aproximando com os cabelos brilhando ao sol.

— Obrigado por ter vindo, querida. — Beijou a mão que ela lhe oferecia.

Em silêncio, começaram a caminhar lentamente, por causa das muletas de Frank.

Dois dias antes, ele tinha dado um passeio com George Loder e parara na encosta da montanha onde havia vários guarda-sóis no jardim de um chalé de madeira.

— Parece um lugar muito simpático.

— Atrai os turistas — Loder explicou. — Eles cozinham muito e têm um ótimo queijo. Eu algumas vezes vou até lá com minha esposa. Acho que este ano tiveram dificuldades porque a temporada foi fraca e a guerra impediu a chegada dos turistas.

Frank tinha se lembrado daquele chalé, quando mandou o bilhete para Helga. Meia hora depois, estavam debaixo de um guarda-sol, saboreando biscoitos e pãezinhos quentes.

Os dois estavam com fome, Frank levantou os olhos do prato e disse:

— Ainda sinto um grande apetite.

Viu que ela sorria em resposta. Seus olhos se encontraram e ele sentiu uma onda de felicidade invadi-lo.

— Oh, minha querida — murmurou, incapaz de se controlar. — Estou feliz!

Como se tivesse desferido um golpe mortal, notou que o sorriso dela desaparecia e que desviava os olhos.

Havia uma certa tensão entre eles. Mas, depois de terminarem o café, caminharam pela montanha tranquilamente até um lugar isolado por algumas árvores. Helga pareceu esquecer o que a atormentava.

Os dois se sentaram na grama, entre flores azuis e amarelas. Ficaram observando um pequeno esquilo que subia apressado em uma árvore. Frank sentiu que Helga estava com vontade de fugir dele, se pudesse.

Tratou-a de modo muito gentil, fazendo-lhe perguntas, tentando uma conversa normal.

Não era difícil sentirem a alegria física de estarem perto um do outro. Apesar dos problemas emocionais, conseguiam rir e ficar alegres como crianças quando estavam juntos.

— Podemos estar sozinhos no topo do mundo — Helga disse, de repente.

— E estamos — Frank respondeu. — Por que se lembrar de outras coisas, além disso? O passado deve ser esquecido e talvez nem tenhamos um futuro. Vamos pensar no presente, Helga; aqui e agora.

Ela deitou na grama e colocou as mãos atrás da cabeça. Olhou para o céu sem nuvens e completamente azul.

— É possível esquecer tudo? — perguntou, vendo Frank recostar-se sobre o cotovelo a seu lado.

— Pense só no presente — ele respondeu, beijando-a.

Durante um momento, achou que ela ia resistir. Mas, depois, Helga o abraçou com força, e a

paixão de seus beijos foi totalmente correspondida.

Foi um momento de êxtase, de uma intensidade quase dolorosa. Só depois de se tocarem, perceberam que as marcas da separação não tinham sumido durante todos aqueles anos.

— Oh, minha querida, minha querida, minha amada — Frank repetia.

Beijou-a nos olhos, no pescoço, e sentiu que ela estremecia quando a tocava.

De repente, pousou a cabeça em seus seios, lutando com as lágrimas que ameaçavam dominá-lo.

Era emocionante demais aquele encontro com a única mulher que havia amado em toda a sua vida.

Acariciou-lhe os cabelos e, pelas batidas de seu coração, soube que estava tão emocionada como ele. Não eram necessárias palavras.

Frank não saberia dizer quanto tempo ficaram deitados na grama, bem juntinhos.

Queriam tanto tocar um no outro, sentir a intensa alegria de ficarem juntos. O mundo ao redor tinha sido completamente esquecido.

Finalmente, Helga lembrou a Frank que não comiam há muito tempo. Ela se ajoelhou a seu lado, na grama, tentando arrumar os cabelos. Ele observou-a olhando-se num espelhinho que trazia na bolsa.

Helga estava corada, os olhos brilhando e os lábios sorrindo de felicidade. A expressão de uma mulher que havia sido beijada pelo homem que ama.

— Adoro você — ele murmurou.

— Eu o amo.

— Nunca houve ninguém além de você, querida. Você era a única com quem eu sonhava. A única mulher que queria, e agora a encontrei de novo.

Ela viu uma interrogação nos olhos dele, mas, Frank percebeu que não lhe responderia.

Almoçaram carne, ovos e queijo. E pareciam muito felizes, debaixo de um guarda-sol alaranjado.

Frank olhava Helga como se tivesse medo de tirar os olhos dela, de sua beleza. Depois, suspirou, sabendo que não podia esconder o amor que sentia.

A força daquele amor e o magnetismo de sua adoração não o deixavam largar a mão dela.

Quando o sol se pôs nas montanhas e tiveram que pensar em voltar para o hotel, a felicidade dos dois começou a diminuir.

Ao se aproximarem do hotel, Helga estremeceu. Subiram diretamente para a sala de estar dela.

Depois de fechar a porta, Frank quis novamente tomá-la nos braços, mas ela deu a desculpa de que tinha que se arrumar e o deixou sozinho.

Pareceu demorar uma eternidade.

Ele caminhou nervoso pela saleta. Viu que esperavam por ela duas cartas que haviam chegado pelo correio da tarde.

Quase sem pensar, olhou o carimbo e viu que era francês, de Rouen.

Frank foi até a janela e olhou para fora. Enquanto estava lá, uma garota que não tinha visto antes foi para o terraço lá embaixo, arrumou uma espreguiçadeira e sentou-se.

Tinha cabelos claros, que lembravam os de Helga, mas usava-os puxados para trás. Não era atraente, e imaginou quem seria.

Ouviu a porta se abrindo, virou-se e viu Helga.

Tinha colocado um vestido preto, de *chiffon* e, apesar de ter flores brancas no decote, ele lhe dava um ar severo.

Frank sentiu que a sobriedade daquela roupa destruía a alegria da moça que tinha estado com ele durante todo o dia. Aquela mulher de negro era uma outra Helga.

Ela pegou as cartas, automaticamente, mal olhando para elas. Mas, antes que dissesse qualquer coisa, Frank sentiu que ficara deprimida.

— Quem lhe escreve de Rouen? — ele perguntou.

Ela deu um suspiro, olhou para as cartas que tinha na mão e disse depressa:

— Por que olhou minhas cartas?

— Eu as vi por acaso. Estavam na mesa, bem à vista. Não pensei que fosse se importar.

Helga olhou para ele.

— Não tem importância. Desculpe.

— Venha cá.

Ela se aproximou, devagar. Quando parou a seu lado, ele a abraçou pelos ombros e olhou em seus olhos.

— O que está escondendo de mim? — perguntou, ternamente. — Helga, do que você tem medo?

— Não estou escondendo nada — ela protestou. — Nem estou com medo.

Ele sabia que era mentira. Sentia que estava toda trêmula e não a soltou.

— Diga-me querida.

Como não respondesse, insistiu:

— É o seu marido?

Uma expressão estranha passou pelo rosto de Helga e Frank soube o que queria. Apertou-a com mais força, até sentir que poderia estar machucando-a.

— Responda, Helga. Não precisa esconder de mim. Quero a verdade. Você não tem nenhum marido, não é?

Durante um momento, achou que ela ia negar, que ia ficar zangada. Depois, cobriu o rosto com as mãos e parecia ter levado um grande golpe.

Ele sabia a resposta da sua pergunta. Passou pela sua cabeça que ela admitia o que dissera. Então, ouviu sua própria voz dizendo, com uma calma que o surpreendeu:

— Assim, disfarçada de, esposa de um inglês, você está fazendo espionagem para a Alemanha.

Helga deu um soluço. Depois, silêncio. Frank sentiu-se aterrorizado e continuou apertando-a contra si. Parecia que os dois haviam se transformado em estátuas.

Então, ela deu um grito. Como uma criança desesperada. Abraçou-o pelo pescoço e afundou o rosto em seu peito.

Frank continuou abraçando-a, mesmo sabendo que não tinha mais nenhum sentimento, nenhuma emoção. Só uma enorme sensação de desespero.

Soluçando tão forte que todo seu corpo tremia, Helga disse, num tom entrecortado e sofrido:

— Ajude-me, Frank. Por piedade... ajude-me!

CAPÍTULO XII

Helga escondeu o rosto no ombro de Frank e falou, em voz abafada, que ele mal podia ouvir.

— Precisa me contar tudo — ele pediu, abraçando-a com força.

Ela obedeceu, encolhida no sofá a seu lado. De vez em quando, agarrava desesperada as lapelas de seu casaco, como se só tocando-o pudesse conseguir forças para continuar.

— Depois que casei com o barão... — começou, mas se interrompeu. — Você vai achar estranho eu não chamá-lo pelo primeiro nome. Mas acontece que sempre pensei nele como o barão. Nunca foi meu marido realmente. Apenas no nome.

— Eu cuidava dele, como já fazia antes, cuidava da casa e fazia grande parte do trabalho de secretária. A seu modo, ele gostava de mim. Quando lembro a minha vida, naquela época, vejo que o barão era muito gentil, mas não tinha muita consideração para com as pessoas. Eu me sentia feliz, segura, perfeitamente satisfeita com o interesse dele e com o meu trabalho.

Baixou a voz:

— Quando ele me pediu em casamento, achei que a parte íntima teria um papel pequeno... ou nenhum, no nosso casamento e estava certa. Ele gostava de me ver por perto. Gostava da minha juventude, tinha orgulho da minha beleza. O mais importante é que eu lhe fazia companhia de um modo que nenhuma outra mulher tinha conseguido antes.

— Então, veio a guerra. A confusão começou na Alemanha, tudo que me parecia seguro desapareceu da noite para o dia. Era um golpe terrível, que o barão já previa há anos. Durante alguns dias ele não saiu do escritório. Pela primeira vez eu percebi que sua vitalidade não era devida à idade, mas à força da sua personalidade. No escritório, ele elaborava violentos editoriais e artigos revolucionários, que trariam a sua queda.

— Ele não me consultou a respeito deles. Talvez, soubesse que eu ia lhe implorar para ser mais cauteloso, ia perceber que estaria despertando a ira de seus inimigos, os quais só estavam esperando aquela oportunidade.

Helga fechou os olhos, como para afastar uma visão terrível.

— A Alemanha entrou numa febre militar. Nunca esquecerei aquelas manhãs... era um pesadelo que não conseguirei conter sem sentir novamente o horror e a humilhação.

— Se prefere não falar... — Frank interrompeu.

Mas ela não o ouvia. Continuou:

— Não tiveram nem a decência de tratar meu marido de acordo com sua posição e título. Comportaram-se como se ele fosse um criminoso comum... um assassino não poderia ter sido preso de modo pior nem tratado com mais rispidez.

— O que fizeram?

— Não deixaram que levasse nada do que possuía. Depois que o levaram, a casa foi invadida por soldados que revistaram tudo, procurando documentos comprometedores, provas contra meu marido. Em seguida, trancaram todas as portas e dispensaram os criados.

— Maltrataram você?

— Não, fisicamente. Eu e uma velha criada fomos avisadas de que poderíamos ficar com os dois quartos do sótão. Ali, moramos durante vários meses, como prisioneiras.

— O que aconteceu com o barão?

— Eu escrevi cartas, implorando aos oficiais que me guardavam para que deixassem visitar meu marido. Não conseguindo isso, pedi trabalho... qualquer tipo de trabalho, numa fábrica ou num hospital. Só queria fazer alguma coisa para esquecer o desastre da minha vida. Nunca me responderam. Eu não tinha permissão para sair da casa, a não ser para um passeio de uma hora por dia, no quintal.

— Pobrezinha! Eu jamais poderia imaginar.

— Não recebia nenhuma notícia do mundo. Espero nunca mais ter de passar por uma experiência assim, Frank... foi tão horrível... tão horrível! Tive tanto medo!

Durante um momento, ela parou de falar. Frank sentiu que tremia e escondia o rosto em seu peito. Abraçou-a com mais força e tentou tranquilizá-la.

— Calma, querida. Já passou.

Fazendo um grande esforço para se controlar, Helga prosseguiu:

— Finalmente, me informaram que meu marido havia morrido. Só muito tempo depois, soube como foi sua morte: sem comida e por falta de tratamento. Eu continuava prisioneira, até que um dia me chamaram na biblioteca. Eu nunca tinha voltado lá, desde a prisão do meu marido.

Novamente, Helga se viu no grande aposento; mas que diferença da primeira vez em que tinha estado lá! Muitas coisas valiosas haviam desaparecido, alguns quadros tinham sido rasgados.

Havia um armário muito bonito, que continha a coleção de caixas de rapé do barão. As portas de vidro estavam espatifadas e as prateleiras, vazias.

Sentado na cadeira do barão — sua preferida —, estava um homem, que logo reconheceu. Durante anos, tinha sido um importante membro do governo e um dos chefes do Exército.

O homem arrumou os óculos, quando ela entrou e olhou-a de alto a baixo, como se inspecionasse gado.

— Então, essa é a baronesa.

Depois, estalou os dedos e os soldados saíram imediatamente da ala. Helga apertou os punhos, tremula, esperando o pior.

Havia outro homem, magrinho, de óculos, tomando notas numa mesinha ao lado. Ficaram só os três na biblioteca. Não lhe ofereceu uma cadeira e ela ficou de pé, tensa. Achava que ia ouvir sua sentença de morte.

— Baronesa Hostzal — o oficial começou —, as autoridades ficaram deliberando, durante algum tempo, o que fazer com a senhora.

Fez uma pausa, como se esperasse que ela falasse, mas Helga continuou em silêncio, olhando para o outro lado da sala, sem mostrar nenhuma esperança, sem demonstrar o medo que fazia suas pernas tremerem e a deixava com a boca seca.

— Seu marido — o oficial continuou — era um inimigo do imperador, inimigo do governo e de toda a nação alemã. Ele está morto, não foi fuzilado, como deveria, por traição à pátria. Morreu por causas naturais.

Quis gritar de desespero, mas manteve-se impassível.

— Então, foi decidido que a clemência concedida a ele deveria ser concedida também à senhora. — O homem esperou para ver o efeito de suas palavras. Como Helga não reagisse, explicou: — Pretendemos lhe dar a chance de servir ao seu país, pois assim poderá diminuir os danos causados por seu marido. Teve muita sorte, baronesa.

Ela não respondeu e ele perguntou, impaciente:

— Não está de acordo?

— Não posso responder essa pergunta, até saber o que esperam de mim.

O oficial acendeu um cigarro, sem parar de olhá-la.

— Estamos fazendo uma pesquisa sobre a senhora. Descobrimos que durante alguns anos morou e trabalhou na Inglaterra. Fala bem o inglês?

— Sim.

— Tem amigos lá?

— Nenhum.

A resposta pareceu surpreendê-lo.

— Nos últimos anos, não se comunicou com ninguém?

— Não.

Ele franziu as sobrancelhas como se não acreditasse. Depois, pareceu menos preocupado.

— Não tem importância. Talvez seja até melhor. A senhora fala inglês fluentemente. Isso é o

importante. Conhece os ingleses e seus costumes.

Ele pareceu esperar uma resposta e Helga inclinou a cabeça, concordando.

— Muito bem, então, baronesa. Aqui estão as suas ordens. Vai receber um passaporte inglês com o qual partirá para a Suíça. Vai morar lá, como se fosse a esposa de um inglês que está lutando na França. Claro que despertará curiosidade, e até alguma hostilidade. Conterá que está separada só por causa da nacionalidade de vocês e porque não quis tomar parte na guerra, nem a favor nem contra o seu país.

Explicou em seguida que de vez em quando receberia cartas de várias partes da França, da Inglaterra e da Bélgica, e deveria enviá-la então para um endereço que lhe seria dado.

— Não fale com ninguém a respeito dessas cartas. Simplesmente, coloque-as todas num envelope que deve levar ao correio pessoalmente.

Durante um momento, ela não entendeu o que ele estava querendo dizer. Depois, tudo ficou claro.

— Devo ser uma espiã!

O oficial sorriu.

— É o que muitas outras mulheres bonitas estão fazendo atualmente, baronesa.

Helga podia esperar tudo, menos aquilo.

— Mas, não posso. Não posso fazer isso! Nunca iria conseguir. Minhas mentiras seriam descobertas. Além do mais...

Parou. Ia dizer que não queria trabalhar para o país que tinha matado seu marido. Mas não teve a coragem de dizer aquilo, temendo pela própria vida.

Os dois homens a olhavam sem piedade. Sabia que, se recusasse, seria afastada do caminho deles como um animal insignificante que se livrariam dela do mesmo modo que tinham se livrado de seu marido.

O oficial apagou o cigarro e levantou-se:

— Então, prefere continuar aqui? A vida no sótão é boa? Devo avisá-la de que logo a sua intimidade será invadida. Vamos precisar desta linda mansão num futuro muito próximo.

Desesperada, compreendeu o significado daquelas palavras. A prisão. Quando tomassem a casa, seria mandada para a prisão! Lembrou-se de todas as histórias terríveis sobre as prisões alemãs, o tratamento e a crueldade. Sabia que não ia agüentar! Não ia agüentar!

— Não, não — disse, com as mãos tremulas. — Dê-me tempo para pensar um pouco.

— Estamos em guerra, baronesa — o oficial lembrou, sorrindo —, e todas as decisões, grandes ou pequenas, têm de ser tomadas depressa.

Ele sabia o que ela estava pensando. Que não tinha escolha. Tirou do bolso um passaporte com seu nome e fotografia. Um passaporte idêntico aos britânicos. Ali dizia que era Helga Marlowe, esposa do capitão Basil Marlowe.

Naquela noite, partiu para Lucerna e, só depois de cruzar a fronteira, se acalmou. Então, conseguiu chorar um pouquinho. Odiava seu país, odiava o povo; entretanto, estava ligada a ele por laços dos quais não conseguiria escapar.

A primeira carta que recebeu vinha da França. Ficou com ela trinta e seis horas. Será que devia atirá-la ao fogo? Será que devia destruí-la e depois destruir a mim mesma? Abriu e leu. Estava em código... todas elas estavam. Era um pedido de sedas para uma firma em Lyon.

Finalmente, colocou-a no correio como haviam mandado. Depois de três dias, recebeu uma comunicação, dizendo:

"Cara senhora. Seu pedido foi recebido e será atendido sem demora."

As duas últimas palavras estavam sublinhadas e Helga entendeu que continham uma

mensagem de ameaça para ela. Eram uma clara referência à sua demora e significavam que estava sendo vigiada. Não havia sido posta em liberdade, como a princípio imaginou.

Alguém sabia que aquela primeira carta tinha ficado em seu poder trinta e seis horas, depois de chegar.

Helga parou de contar sua história, afastou-se um pouco e levantou os olhos para Frank.

— Tive muito medo. Ainda tenho.

Ele observou seu rostinho pálido e soube que seu medo era sincero.

— Agora você está salva, minha querida. Nada de mau lhe acontecerá. Prometo isso.

Ela continuou a olhá-lo, como se quisesse acreditar, mas Frank viu a dúvida em seus olhos.

— Qualquer coisinha que eu faça — ela murmurou — será relatada. Cedo ou tarde, receberei outro aviso. Em Berna, descobri que era o garçom que me vigiava. Outra vez, um homem veio me visitar, fingindo ser um parente. Eles têm olhos por toda parte... ouvem tudo e sabem de tudo.

Depois de um longo silêncio, Helga suspirou e continuou, em tom de desânimo:

— Duas vezes, recebi passaportes diferentes, com outros nomes. Marlowe foi o primeiro, depois virei a sra. Barrett e, agora, Caylor. Não sei por que tive que mudar. Eu simplesmente recebia as instruções e viajava no dia seguinte, como mandavam.

Tornou a deitar a cabeça no peito de Frank. Sua voz era pouco mais do que um sussurro, quando continuou; emocionada:

— À noite, eu ficava acordada, pensando nos homens que mandava para a morte. Oh, meu querido, não imagina quantas vezes achei que você estaria entre eles. Esses últimos anos foram terríveis. Um terror do qual eu não sabia como escapar. Não posso sair deste país. Não posso voltar para minha pátria. Se eu tentar enganá-los, serei castigada. Havia um homem trabalhando para eles... eu o encontrei e vi que estava à beira da loucura. A tensão fora demais para ele. Mais tarde, descobri que tinha sido encontrado morto. Tomou uma dose excessiva de soníferos.

O corpo de Helga foi sacudido por soluços.

— Eles queriam que eu o visse. Me deram todos os detalhes sobre sua morte. Era jovem e tinha medo. Sei que ele não queria morrer. Só estava metido em espionagem para continuar vivo.

— Minha pobre querida — Frank disse. — Por favor, acalme-se. Não chore. Temos que pensar muito, você e eu. Não pode se entregar agora. Precisa ser calma e inteligente.

Sabia que Helga não estava exagerando, que teriam que lutar contra uma força invisível cujas garras eram poderosas. Lentamente, tirou os braços de volta dela e levantou-se.

Caminhou até a mesa e pegou as cartas que tinham chegado no correio da tarde. Ela o observava, com os olhos arregalados, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto. Ele abriu os envelopes.

As duas cartas estavam em código. Aparentemente, uma era uma longa carta amigável, de uma mulher do campo para uma amiga. A outra falava da entrega de queijo. Frank olhou-as durante algum tempo. Depois, largou-as.

— Elas terão que ser colocadas no correio esta noite — Helga disse.

Agora, falava calmamente, como se estivesse mergulhada numa infelicidade sem esperanças. Parecia não ver luz em nenhum ponto daquela escuridão.

Frank estendeu as mãos e ajudou-a a levantar-se.

— Escute, Helga. Você me ama?

Não precisava que respondesse. Havia um brilho em seus olhos que transformava todo seu rosto.

Como resposta, ela levantou os lábios trêmulos para ele, que a beijou, gentilmente.

— Então, todos os riscos valem a pena — Frank disse, baixinho. — Agora, escute. Esta noite,

vamos partir daqui, no trem que vai para Berna. Desça e informe ao proprietário que as cartas que recebeu esta tarde continham más notícias, que seu marido foi ferido e você deve partir ao encontro dele.

— Mas, Frank...

— Não há nenhum "mas". Temos que fazer isso, Helga. Acredito em tudo que me disse e sei que precisa sair daqui, sair deste país. De Berna, iremos para Gênova. Lá, conseguiremos um barco que nos leve para algum país neutro, para a América do Sul, Java, China, não importa onde.

Parou e disse, com firmeza:

— Ficaremos juntos e, como nos amamos, vamos encontrar forças para enfrentar tudo. Você me ama o suficiente para isso?

Helga abriu os braços para ele. Sua emoção era grande demais. Ela baixou a cabeça e ele sentiu que beijava sua mão, molhando-a de lágrimas.

Durante um momento, Frank não conseguiu falar. Ficou apertando-a com força contra o peito, ela o abraçando pelo pescoço, de corações batendo juntos, disparados.

— E você? — Helga perguntou. — O que vai fazer?

— Vou descer para o jantar, como sempre. Depois de comer, darei um passeio pela cidade. Vou esperar você lá onde as casas terminam. Você parecerá surpresa em me ver. Vai mandar parar o táxi e pedirá que eu a acompanhe.

Helga ouvia atentamente, mas ainda não acreditava.

— Na estação, diremos ao chofer que pretendemos voltar a pé. Acho que ninguém notará a minha ausência antes do café da manhã. Então já teremos cruzado a fronteira.

— Não pode ser verdade — ela murmurou. — Será que tudo isso está acontecendo?

— Está, meu amor. E dará tudo certo. Agora, é melhor não nos vermos novamente. Precisamos ser muito cautelosos. Estarei esperando você, querida. Falta pouco para ficarmos livres.

Virou-se para a porta e ela o abraçou novamente, procurando beijá-lo e lhe despertando uma intensa paixão.

Durante um momento, esqueceram tudo: o perigo, a luta, o futuro incerto. Não se lembravam de mais nada, só de si mesmos e de seu imenso amor.

— Eu o amo — Helga murmurou, entre beijos.

Frank sentiu que o corpo dela estava tremendo, mas dessa vez não era de medo.

— Adoro você. Deus sabe quanto senti sua falta. Não houve mais ninguém, minha querida.

— Oh, Frank... Frank!

Beijou-a outra vez. E mais outra. Beijou-a até que o chão começou a rodopiar, o mundo desapareceu e os dois pareciam estar num paraíso só deles.

Ali, não havia perigo, não havia emboscadas, nenhuma crueldade e nem ódio. Só amor. Um amor sem fronteiras, acima de nações, raças e religiões.

— Eu o amo, querido. Sempre o amei. Sou sua para o resto da vida, não importa o que aconteça.

— Precisamos ser razoáveis — Frank disse, muito tempo depois, e sua voz estava trêmula.

Os dois se separaram.

— Dê-me uma de suas malas, querida. Colocarei minhas roupas nela e você porá uma etiqueta, como se fosse sua.

Ela foi até a porta com ele. Enquanto Frank subia para o quarto, Helga empertigou-se, levantou a cabeça e desceu para falar com o proprietário sobre as más notícias que havia recebido. Para seu espanto, estava absolutamente senhora de si.

Ao se aproximar de seu quarto, Frank viu uma moça que vinha pelo corredor e se encostava na parede para deixá-lo passar, pois ele ocupava muito espaço, com suas duas muletas e a mala que carregava.

Frank agradeceu e recebeu um sorriso meigo em troca.

Ela era uma estranha. Entretanto, seu rosto parecia familiar. Lembrou de onde a tinha visto: era a escandinava que estava no terraço, momentos antes.

Ao entrar no quarto, logo ouviu o gongo com que o hotel anunciava o jantar, às sete e meia.

Abriu a mala, pensando quais as coisas necessárias. Então, parou no centro do quarto e ficou imóvel. Uma idéia acabava de lhe ocorrer.

A moça que tinha visto era de um tipo muito parecido com Helga; os mesmos cabelos dourados, os mesmos olhos azuis, a mesma altura.

Rapidamente, foi até a porta, abriu e olhou para fora. O corredor estava vazio. Frank hesitou; depois caminhou apressado para o quarto ao lado do seu e abriu a porta.

Era um quarto pequeno e havia um baú aberto junto da cama, mostrando que a ocupante estivera desfazendo as malas.

Frank olhou ao seu redor. Sobre uma cômoda havia uma bolsa de couro cinza. Pegou-a e não demorou a encontrar o que queria. Um passaporte. A fotografia fez com que desse um suspiro de alívio.

Colocou o passaporte no bolso e voltou apressado para o seu quarto. Tudo aquilo tinha demorado menos de três minutos e ninguém havia visto nada.

Trancou a porta e examinou o que tinha roubado. A garota era uma enfermeira sueca.

Era um passaporte velho e a foto fora tirada há dois ou três anos. Não havia muita semelhança. Mas, se Helga puxasse os cabelos para trás e usasse um chapéu caído sobre a testa, poderia passar pela moça.

Frank colocou o passaporte no bolso. O cônsul sueco em Berna sem dúvida teria muito trabalho a fazer, nos próximos dias. Mas não tinha a menor importância.

Depois que terminou de arrumar a mala, ele a deixou do lado de fora do quarto de Helga e desceu para o jantar. Ao entrar na sala, os Loder o receberam com exclamações de boas-vindas e queixas.

— Até que enfim! Você andou sumido! — George Loder disse, levantando-se e batendo nas costas dele. Não sabíamos o que tinha acontecido.

— Estive descansando um pouco — Frank respondeu. — Voltei a sentir as velhas dores.

— Você é como eu — a sra. Loder comentou. — Quando estou doente, quero ficar sozinha... só com George, naturalmente.

— Depois do jantar, venha tomar o café conosco — o amigo convidou Frank, a caminho de sua mesa.

— Disse que sim.

Parecia que aquela noite não tinha fim. Só com grande dificuldade ele conseguia se controlar para não ficar olhando o relógio a cada minuto.

A noite estava quente, e tomaram o café no terraço. Durante todo o tempo, Frank observava disfarçadamente as luzes acesas no quarto de Helga.

Às dez horas, finalmente, disse boa-noite aos Loder e subiu para o quarto.

Trancou a porta e tirou do bolso as duas cartas que Helga recebera naquela tarde. Colocou-as num envelope e escreveu o endereço em Savile Row, que o coronel Harrison lhe havia dado.

Depois escreveu um telegrama, que pretendia mandar de Berna. Estava em código, mas significava:

"O perigo já passou. Segue carta."

Não fazia idéia do que o coronel Harrison pensaria de seus métodos. Ao mesmo tempo, sabia muito bem que não tinha outro caminho a seguir e tudo que importava no momento era a segurança de Helga.

Finalmente, escreveu para *lady Stanbury*. Contou a ela que há muitos anos conhecera Helga e a amava, e como a encontrara novamente. Disse que estavam indo para o exterior, em busca de um lugar calmo e seguro, até que a guerra terminasse.

— Espero que não demore muito — ele terminou.

Não lhe pediu que mostrasse a carta ao primo, mas sabia que ela faria isso.

Quando as cartas ficaram prontas, Frank desceu. No hall, viu o proprietário fechando a recepção.

Segurou as cartas bem à vista, como se quisesse que o outro soubesse onde ia.

— Boa noite — disse, ao passar pelo balcão.

— Boa noite, senhor.

Não havia necessidade de pressa. A noite estava quente, o céu, completamente estrelado.

Nas casas acesas, as famílias jantavam e conversavam. Frank via seus rostos sorrindo, à medida que passava pelas janelas com cortinas de renda.

Caminhou até a última casa. Depois havia uma ponte e o ruído da água rolando sobre as pedras.

Tudo ali era muito quieto. Ele sentia o coração bater com força, todo seu ser alerta, esperando a chegada de Helga.

Finalmente, a vida começava para ele. Estava com trinta e oito anos. Tinha lutado muito no passado, cometido vários erros, mas agora, afinal, encontrara o que havia procurado durante todos aqueles anos.

No futuro, mesmo se tivessem dificuldades, provações e problemas, pelo menos estariam juntos.

— Helga.

Frank parou, alarmado, percebendo que tinha dito o nome dela em voz alta.

Mas, ao seu redor, só havia um profundo silêncio e o perfume das flores do campo, trazido pela brisa que sussurrava entre os pinheiros.

— Eu a amo — murmurou. — Venha depressa! Oh, minha querida, venha depressa.

— Helga — chamou de novo, e dessa vez viu as luzes de um carro se aproximando.

Helga estava vindo ao seu encontro. Era um novo começo. Só que, dessa vez, seria uma vida com amor.

FIM